

Fora da Curva

Dani Genovesi

Copyright© 2019 Daniela Figueiredo Genovesi
Título Original: Fora da Curva

Editor

André Figueiredo

Editoração Eletrônica

Luciana Lima de Albuquerque

Foto da Capa

Vivian Camhi

Fotos da Contracapa

Alex Murtinho

Designer Gráfico Linha do Tempo

Mel Theophilo

PUBLIT SOLUÇÕES EDITORIAIS

Rua Bulhões de Carvalho, 524 – casa 3

Copacabana - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22.081-001

Telefone: (21) 2525-3936

E-mail: editor@publit.com.br

Endereço Eletrônico: www.publit.com.br

Agradecimentos

Como tenho que agradecer, antes de tudo ao jornalista Marcelo Barreto e sua companheira Simone Barreto que reuniram dados em pesquisas e longas entrevistas elaborando todo o processo deste livro. A editora Publit e meus primos André e Luciana Figueiredo que me incentivaram a lançar este livro. Lulu foi incansável na organização, correções e organização de todo material. Sem vocês este livro não existiria.

Agradecer aos meus pais, Lelo e Sylvinha que me criaram com valores sólidos onde caráter e respeito vem SEMPRE acima de tudo. Me mostraram que não há caminho fácil nem caminho difícil e sim o SEU caminho. Sempre me encorajaram a não desistir nunca de meus sonhos.

Nesta minha longa jornada, tenho que agradecer aos meus professores, mestres e técnicos, sempre me ajudando e mostrando o melhor e mais eficiente jeito de alcançar minhas metas.

Aos meus alunos que se tornaram meus grandes amigos e incentivadores. Vocês são meu combustível.

Especial agradecimento ao meu marido, Alexandre que ao seu lado construímos uma família linda. Meus filhos Victor, Julia e Antonio que ao educá-los aprendi e aprendo todos os dias com eles.

Finalmente, agradecer a você que comprou meu livro e está lendo minha história. Espero que tenha uma boa jornada.

Dedicatória

Dedico este livro a todos "fora da curva" que ainda nem sabem e aos que já sabem que o são.

Dedico este livro a você.

Nunca me senti uma "fora da curva". Tudo que alcancei veio de muitas horas de dedicação, de muito treinamento e muito de suor, dor e amor pelo que se faz.

Acredito que TODOS nós somos "fora da curva". Basta se descobrir, basta querer, querer muito, mais que todos. Basta batalhar pelo seu sonho. Batalhei demais para chegar onde estou, fiz escolhas difíceis, abri mão de muita coisa em prol de um sonho e ou de uma conquista. Isso quase ninguém vê (só aqueles que estão muito próximos a mim). Fácil falar "Dani é fora da curva" "Dani é de outro planeta" "Dani é sinistra"... e por aí vai.

Posso ser isso tudo hoje aos 50 anos, mas desde os 14 anos quando descobri a minha paixão pelo esporte competitivo que venho sempre procurando me aperfeiçoar e dar o meu melhor. Ser fora da curva foi um processo maravilhoso de construção e de uma tremenda garra para seguir em frente.

Nada vem de uma para outra, tudo se conquista.

Por isso que acredito que todos nós, não importa a idade, não importa como, acredite em você, lute pelo seu sonho, invista todas suas armas que um dia será um FORA DA CURVA.

Apresentação

Por Marcelo Barreto

Quando ouvi pela primeira vez a história de Dani Genovesi, achei que tinha entendido algo errado. Ela não poderia ter pedalado de uma costa a outra dos Estados Unidos num fluxo contínuo, parando apenas para comer, dormir e ir ao banheiro - quando houvesse um. A competição que Dani disputou e ganhou, a Race Across America, devia ter alguma coisa no regulamento que me escapou na conversa inicial. Porque do jeito que me contaram não parecia ser coisa que um ser humano é capaz de fazer.

Pois o que aconteceu foi justamente o contrário: quanto mais eu soube da história de Dani Genovesi e a Race Across America, mais extraordinária ela me pareceu. A começar pela preparação para a prova, que já exigiu criatividade e superação, cada etapa do caminho tinha tantas proezas físicas que só de ouvir contar já se sentia o cansaço. E uma mesma pergunta vinha à mente: como ela conseguiu?

Na resposta, talvez esteja um dos grandes segredos deste livro. Dani Genovesi atravessou os Estados Unidos com a força de seus músculos, a resistência de seus pulmões, a resiliência de sua mente... Mas não fez tudo isso sozinha. A história da conquista da Race Across America é também a de uma equipe que esteve sempre ao lado dela, nos carros de apoio e nos pontos de parada, cuidando da saúde, das necessidades básicas, da motivação e da bicicleta - que não é gente, mas também precisa de atenção.

Cada uma dessas pessoas foi, de alguma maneira, inspirada por Dani. Parentes, amigos e alunos que embarcaram com ela nessa aventura porque acreditaram na mensagem que, como parente, amiga e professora, essa atleta extraordinária sempre passou: você consegue. São eles que ajudam a contar a história fantástica que você vai ler nas próximas páginas. De um lado a outro dos Estados Unidos, Dani construiu uma trajetória de inspiração - para a vida dela e a de quem nela quiser se inspirar.

Boa viagem!

Prefácio

Por Bernardo Rezende

O mundo dos esportes é repleto de histórias emocionantes de superação, de conquistas alcançadas pela determinação de atletas, de resiliência frente a situações de enormes dificuldades, níveis de dedicação absoluta a processos de treinamento extensos e dolorosos.

São relatos que inspiram sobre campeões que os meios de comunicação transformam em ídolos ao tornarem conhecidos seus grandes feitos.

Dani Genovesi é uma dessas campeãs, exemplo de determinação, resiliência, capacidade de superação, que não se tornou um ídolo do esporte nacional pelo simples desconhecimento de suas incríveis conquistas por parte do grande público. No mundo do ciclismo (esporte em crescimento mas ainda não popular no Brasil) e dos esportes de “endurance”, ela é uma das principais, se não, a principal referência brasileira.

Fora da Curva nos conta em detalhes sua vitória mais importante: a Race Across America (RAAM). Competindo na categoria individual, ela percorre 4.800 kms em 11 dias, uma média superior a 400kms diários, atravessando os EUA da costa oeste a costa leste, ultrapassando todos os obstáculos topográficos (ex: montanhas rochosas...) e climáticos (temperaturas extremas...), numa disputa permanente contra seus próprios limites (me questiono se ela os tem).

O livro descreve sua trajetória pessoal e nos esportes, e o passo a passo da RAAM, e nos traz elementos que vão muito

além de suas grandes aptidões individuais. Como a importância do planejamento, do trabalho em equipe, fundamental para se chegar tão longe, e da preparação extrema que a permitiu chegar ao final e vencer.

Comemorando 10 anos dessa grande conquista, espero que o livro possa tornar esse feito e essa super atleta conhecida por muitos, atletas ou não, em busca de inspiração e exemplos para superar seus próprios desafios.

Uma honra poder escrever algumas linhas sobre essa atleta, mãe, treinadora, esposa e campeã, que tanto admiro! E que venha a próxima RAAM!

Sumário

1 – Brasil mostra tua cara	11
2 – Amizade	29
3 – Julia.....	45
4 – O deserto	57
5 – Saudades	69
6 – A altitude	89
7 – Alexandre meu porto seguro.....	99
8 – Go genovesi go	107
9 – Estratégia e artifícios.....	121
10 – Desentendimentos.....	131
11 – Pânico	139
12 – Victor.....	153
Epílogo	159
Depoimentos	167



1

BRASIL MOSTRA TUA CARA

24 a 26 de junho de 2009.

De Sullivan (IN) a Chillicothe (OH)

ONDE VOCÊ VAI VIVER O MOMENTO DECISIVO DA SUA VIDA? Ou, se não quiser ir tão longe, da sua carreira, de um relacionamento, de uma competição... Talvez você já tenha pensado em quando. Mas onde? Pode ser num estádio lotado ou numa sala de reuniões; numa rua movimentada ou no seu quarto. Ou até no meio do nada.

A rodovia I-70, que liga Effingham, cidade marcada por uma cruz de 40 metros de altura no coração do estado americano de Illinois, e Sullivan, a capital da recreação ao ar livre do estado vizinho, Indiana, é um cartão postal do tédio. De um lado, plantações de milho. Do outro, mais plantações de milho. O cenário, que se estende por muitas retas e poucos aclives e declives, só muda – para pior – no inverno, quan-



do a neve cobre o mato rasteiro dos milharais já secos. Não é, definitivamente, o lugar que você escolheria para viver um momento decisivo na sua vida.

Perto das oito horas da noite do dia 24 de junho de 2009, Daniela Figueiredo Genovesi, uma brasileira de 41 anos, mãe de três filhos, pedalava uma bicicleta de corrida Specialized Tarmac entre Effingham e Sullivan, sem saber que estava a ponto de viver um desses momentos: assumir a liderança da Race Across America, a competição mais importante de sua carreira de atleta. O carro de apoio que a acompanhava pelo acostamento da I-70 mudou subitamente a programação musical que saía dos alto-falantes – para ajudá-la a combater o tédio da estrada e ganhar força mental para as pedaladas. O cardápio que incluía desde as últimas novidades do rádio até sucessos do passado ficou mais especializado, focando em versões dançantes, animadas.

Dani, como os amigos a chamam, pressentiu que o momento tinha chegado quando, sem mais aquela, o som do carro começou a bombar “Brasil”, rock protesto de Cazuza que fez sucesso nos anos 80 clamando “Brasil, mostra tua cara!”. E estava pronta para vivê-lo. No ritmo da troca de músicas, aumentou a força das pedaladas e logo à frente avistou outro carro de apoio andando pelo acostamento, acompanhando outra bicicleta – o último obstáculo entre ela e a liderança.

Fez um sinal e mostrou sua cara, ultrapassando ambos e sumindo na estrada.



A RACE ACROSS AMERICA É A CORRIDA DE BICICLETAS mais desgastante do mundo. Justamente no trecho entre Effingham e Sullivan, onde estavam os postos de controle 36 e 37, o percurso atingia a distância total da Volta da França, a prova ciclística mais tradicional do planeta – e ali ainda faltavam mais de 1.200 quilômetros para a chegada. Era o oitavo dia da prova, que não tem etapas determinadas com parada de cronômetro e tempo para descanso, como na versão francesa e na maioria das voltas. Cada ciclista decide onde e quando (ou se) quer parar para comer e dormir, e o que conta é o tempo total da travessia. Na edição de 2009, que começou em Oceanside, na Califórnia, e terminou em Annapolis, Maryland (pertinho de Nova York), o vencedor geral, o suíço Dany Wiss, levou oito dias, cinco horas e 45 minutos para percorrer 3.006 milhas, o equivalente a 4.837,69 quilômetros.

A RAAM – como a prova ficou conhecida, por sua sigla – atravessa os Estados Unidos de costa a costa, sempre de Oeste a Leste. O inspirador da aventura foi o jornalista George Nellis, que fez um percurso parecido em 1887, seguindo as linhas de trem. Montando uma daquelas bicicletas com a roda dianteira bem maior do que a traseira, que pesava 20 quilos e não tinha freios, ele levou 80 dias para completar a viagem. Nos anos 70 do Século XX, John Marino, um jogador de beisebol que teve a carreira interrompida por uma lesão, resolveu encontrar uma maneira de entrar para o Guinness, o livro dos records. Escolheu fazer a travessia de Nellis no menor tempo possível, o que conseguiu pela primeira vez em 1978.

Quatro anos depois, ele transformava sua aventura em competição, juntando-se a três outros ciclistas no que batizou



de Great American Bike Race. Foi o último colocado e jamais ganhou a corrida que ajudou a botar no mapa. Desde aquela edição, vencida por Lon Haldeman, a RAAM mudou de nome, ganhou novas categorias (mulheres, duplas, quartetos) e estabeleceu-se não apenas no cenário mundial do ciclismo, mas também entre as principais provas de endurance do planeta – competições que levam o desempenho humano a seu limite, como as ultramaratonas e as grandes travessias aquáticas. Apesar do grande esforço físico despendido e de as bicicletas atravessarem algumas das rodovias mais movimentadas do país, houve apenas duas mortes na história do evento, ambas causadas por choques com automóveis.

O percurso muda constantemente, e por isso não é possível falar num recorde. O menor tempo registrado até hoje foi o do americano Rob Kish, em 1992: oito dias, três horas e 11 minutos, num percurso de 2.911 milhas (4.684,8 quilômetros). Outro americano, Pete Penseyres, conseguiu a melhor velocidade média – 24,8km/h – em 1986, completando 3.107 milhas (5.000,23 quilômetros) em oito dias, nove horas e 47 minutos. Mal comparando, porque as condições geográficas são diferentes, o que essa turma faz é mais ou menos como ir de Porto Alegre a Manaus em pouco mais de uma semana, pedalando.

Daniela Genovesi já tinha um lugar assegurado nessa história na largada de 2009. Era a primeira sul-americana a ter passado pelo exigente processo de classificação para disputar a RAAM. Além dela, apenas outras três mulheres largaram, tentando se juntar a um seleto grupo de 20 que tinham conseguido completar a prova na categoria solo feminina nas 27



edições disputadas até então. A sul-africana Michele Santillano abandonou. A inglesa Ann Wooldridge sofreu um acidente, não conseguiu cumprir a segunda tomada de tempo (que deveria ser eliminatória), mas a força de vontade que mostrou para voltar à prova fez com que os organizadores a deixassem continuar, mesmo fora da disputa. A americana Janet Christiansen estava na bicicleta à frente da Dani, no momento em que interrompemos nossa história para estas explicações.

“HI, JANET!” FOI TUDO O QUE DANI TEVE TEMPO DE DIZER enquanto ultrapassava a americana e disparava pela I-70. Naquele momento decisivo, a participação da brasileira na RAAM mudava completamente de figura. Ela embarcou para os Estados Unidos pensando apenas em se tornar a primeira sul-americana a completar a prova (o que precisaria fazer em menos de 12 dias e 21 horas, para que o resultado fosse considerado oficial). Agora, já podia pensar em vencer.

Pedalando devagar, com a musculatura travada pelos oito dias de esforço, a adversária mal conseguiu responder à saudação. Dani até hoje se diverte ao recordar o momento: “A Janet disse “Hi”, mas parecia mais um sopro, um suspiro. Era como alguém extremamente cansado murmurando um “ai”. Notei que ela fazia muita força em cada pedalada e fiquei pensando em como eu me sentia bem, sem dores musculares, controlando o ritmo.”

Fazia sentido. Janet usou uma estratégia muito comum na RAAM, de começar a prova num ritmo puxado, para abrir a maior vantagem possível sobre as concorrentes e tentar



administrá-la nas etapas finais. Já Dani saiu do Brasil com um plano traçado em conjunto com a equipe que a ajudou na preparação e a acompanhou na travessia: pedalaria sempre em torno de 400 quilômetros por dia, o que daria em média 20 horas sobre a bicicleta. Quando chegasse perto disso, o pessoal de apoio procuraria um hotel para ela dormir as quatro horas restantes.

“Pedalar 400 quilômetros é como ir do Rio a São Paulo”, gosta de comparar Dani. “Se você fizer essa viagem todo dia, de avião, vai ficar cansado. Se fizer de carro, mais ainda. Agora, imagina de bicicleta... Não é só o cansaço físico, é o psicológico também.”

O combinado era cumprir essa ponte bicicletária todo dia, sem exceção e sem levar em conta a localização das adversárias e as condições naturais (deserto, montanhas, planícies, subidas ou descidas, vento a favor ou contra, calor ou frio, sol ou chuva). Dani levou a proposta tão a sério que proibiu a equipe de informá-la do paradeiro de Janet. Sabia que tinha sido ultrapassada pouco depois do início da prova – não na pista, mas durante um de seus períodos de descanso. E confiava na estratégia.

A equipe respeitou o pedido – na frente da Dani. Fora do alcance dos ouvidos dela, todos falavam tanto de Janet que já tinham passado a chamá-la de Janete, aportuguesando a pronúncia. Controlavam a localização da adversária, recebiam notícias, calculavam quanto tempo levaria a inevitável ultrapassagem. O dia 24 de junho, oitavo da edição 2009 da RAAM, começou com a distância para a americana reduzida a menos de duas horas.



Numa parada para ajuste da bicicleta, um fiscal da prova contou que Janet passara por ali pouco antes. Dani não deu ouvidos. Em vez de apressar o retorno à estrada, convocou todos a vestirem jardineiras, macacões largos que são o traje típico dos fazendeiros do Meio-Oeste americano, para uma sessão de fotos e muitas risadas. Ao cair da noite, outra troca de roupas, dessa vez obrigatória: era preciso usar o uniforme com sinalizadores de iluminação, exigido pelo regulamento para pedalar em estradas sem luz. Foi nesse intervalo que a equipe de filmagem que acompanhava a travessia deu o aviso tão esperado: Janet estava apenas dez minutos à frente.

“Ao longo do dia, eu já tinha visto o pessoal da equipe, principalmente o Crico e a Roberta, cochichando muito, com um jeito todo animado”, recorda Dani. “Mas naquela hora eu sabia que mais importante do que saber onde a Janet estava era manter o bom humor. Por isso insisti para tirarmos aquelas fotos com as jardineiras. É uma das melhores lembranças que temos da prova.”

O EMPRESÁRIO CHRISTIANO FONSECA FILHO E SUA MULHER, a administradora de empresas Roberta, conheceram Dani em 2003. Christiano, que os amigos chamam de Crico, participa de corridas de aventura – prova de endurance criada na Nova Zelândia, nos anos 80, misturando modalidades como corrida (trekking), ciclismo (mountain bike) e canoagem ou caiaque com navegação por terrenos inóspitos. Ele precisava convidar uma mulher para completar sua equipe. Roberta tivera aulas de spinning com Dani e fez a ponte.



Desde então, os três estiveram juntos em todo tipo de aventura. O casal acompanhou desde o início o processo de preparação de Dani para a RAAM. Roberta é irmã de João Felipe, o médico da equipe. Foi ela, percebendo as dificuldades para achar as pessoas certas para cada posto, que começou a amadurecer a ideia de participar da travessia. Quando fez a proposta a Crico, ele topou na hora. Os dois só tinham uma limitação: o tempo. Não conseguiram adiar compromissos pessoais e profissionais durante os dez dias da prova e embarcaram depois da largada – sem saber que essa seria justamente a grande vantagem que levariam na bagagem.

No dia 22 de junho, o sexto de disputa da RAAM, Crico e Roberta chegaram a Wichita, no Kansas. Alcançaram Dani no quilômetro 2.500, e destacaram num e-mail aos amigos no Brasil que não a encontraram aos cacos, como imaginavam. Mas foi só botar a mão na massa para perceber que o cansaço tinha, sim, começado a fazer estragos – e não só sobre a bicicleta.

A equipe se revezava em dois carros. O motor home, daqueles com cama e cozinha, que as famílias usam para viajar pelo interior, ia à frente, buscando pontos de parada para o descanso e as refeições. O outro, chamado de follow car, ou carro de apoio, era o que seguia Dani pelo acostamento. Quem embarcava nele tinha de estar sempre a postos para a manutenção da bicicleta e da ciclista: consertos, primeiros socorros, hidratação... e, mais importante ainda, a navegação, ou seja, a orientação do caminho.

Agora, imagine fazer isso 20 horas por dia. Não há cansaço que se compare ao do ciclista, mas as equipes de apoio



da RAAM também ralam: pouco descanso, comida de beira de estrada, atenção constante... e as inevitáveis discussões. Quando Crico e Roberta chegaram, a rendição já era mais do que bem-vinda. “Dois dos melhores navegadores do Brasil, o Rafael Campos e o Alexandre Abreu, estavam acompanhando a Dani e já tinham cometido erros bobos, justamente no dia em que chegamos. Logo percebi a razão: o cansaço te deixa burro”, lembra Crico.

O casal estava no carro de apoio quando Dani passou Janet. Foi de Roberta a ideia de trocar as músicas suaves pelas mais agitadas e disparar “Brasil” no momento da ultrapassagem. “A Dani estava animada, dançando em cima da bicicleta”, recorda. “O clima no carro, apesar de todo o cansaço, era alegre. Quando ela fez a ultrapassagem, vibramos como se fosse um gol.”

DANI AINDA TEVE DE ULTRAPASSAR JANET OUTRA VEZ para assumir definitivamente a liderança da RAAM. De novo, o motivo era a estratégia de descanso: a americana pedalou o quanto pôde depois de perder a posição, enquanto a brasileira cumpria sua programação, fechando o oitavo dia da prova com pouco mais de 434 quilômetros percorridos e cinco horas de descanso. A segunda ultrapassagem, no início da manhã seguinte, entre Sullivan e Bloomington, sede da Universidade de Indiana e posto de controle número 38, já era esperada. Não teve trilha sonora nem comemoração de gol.

“A Janet estava ainda pior do que na véspera. Resolvi dar uma força, e em vez de “Hi” gritei “Go”. Enquanto a resposta



não vinha, acabei me lembrando do dia em que nos apresentaram. Ela foi meio marrentinha, deixou minha mão no ar. Então deixei o “Go” para lá e fui”, diverte-se Dani.

Era o momento perfeito para o “viveram felizes para sempre” dos contos de fadas. Mas, na vida real da RAAM, ainda faltavam mais de mil quilômetros para percorrer. E Dani parecia ter sentido o peso da liderança. Ao longo do nono dia, caiu de rendimento. Parava toda hora, para descansar, fazer xixi. E a vantagem sobre Janet – que ela agora permitia que a equipe lhe informasse – não chegava a duas horas de jeito nenhum.

Dani não quis jantar. Não quis nada do que a equipe lhe oferecia. Os diálogos entre o carro de apoio e a bicicleta eram ríspidos.

“Quer comer?”

“Não.”

“Quer um casaco? Vem chuva aí...”

“Não. Me deixa pedalar.”

A segunda pergunta era mais importante do que a primeira. Uma tempestade se formava no horizonte. Uma tempestade daquelas, anunciada por um festival de raios e trovões. Foi sentindo os primeiros pingos grossos caírem do céu que Dani aumentou o ritmo sem saber de onde vinha tanta força: a velocidade da bicicleta, que num trecho como aquele costumava ficar entre 27 e 32km/h, pulou para 40 a 45km/h. Foi o suficiente para completar quase 417 quilômetros pedalados ao longo do dia a tempo de alcançar o hotel reservado para o descanso da noite – uns 600 metros fora da rota, porque



não havia vaga em outros mais próximos – em Chillicothe, a primeira capital do estado de Ohio, posto de controle número 42.

Enquanto a equipe fazia o check in, por volta de uma hora da manhã, o temporal desabou, de uma vez só. Quase ninguém dormiu direito aquela noite. Além do barulho dos trovões, ecoava na cabeça de todos a lembrança de que o pessoal do apoio de Janet estava no mesmo hotel, fazendo reserva. Só na manhã seguinte descobririam, aliviados, que a americana não tinha conseguido chegar a Chillicothe a tempo – o que só fazia aumentar a distância.

Dani, vencida pelo cansaço, dormiu sem sonhar. Mais do que o corpo, a mente estava esgotada. Nos quilômetros que antecederam aquelas quatro horas de sono, pela primeira vez nos nove dias de disputa da RAAM, ela tinha pensado na vida.

Na vida toda, até ali.

DANIELA FIGUEIREDO NASCEU NO DIA 28 DE FEVEREIRO de 1968, em Petrópolis – por acaso. A mãe, Sylvia, errou as contas, saiu do Rio de Janeiro para passar o carnaval naquela cidade turística da região serrana do estado e deu à luz na quarta-feira de Cinzas. Daniela desceu para o Rio com dias de vida e desde pequena passou a ser chamada de Dani. Mas só adotou o sobrenome com o qual ficaria conhecida por vencer a RAAM ao se casar, aos 22 anos, com o professor de jiu-jítsu Alexandre Genovesi.

Conhecer o marido no mundo do esporte, àquela altura, parecia o destino natural de quem encontrou na atividade



física a razão de viver. Mas Dani teve muitas chances de trilhar um caminho que a levasse para bem longe do esporte. O pai, fumante, morreria de câncer no ano de seu casamento. A irmã mais velha, Cláudia, com quem ela morou até se casar, viveu com intensidade os anos 80, marcados no Brasil pela afirmação da liberdade sexual e pela facilidade de acesso às drogas. Era a geração Woodstock chegando à idade adulta. A caçula não gostava do que via dentro do apartamento, que ficava em Ipanema, uma espécie de capital daquele estilo de vida. Acorrava muito cedo, corria para a Praia do Arpoador com uma prancha debaixo do braço e se esquecia das brigas com a irmã no meio das ondas. (O surfe as reconciliaria: Cláudia acabou se transformando numa torcedora e incentivadora da caçula, e passou a levá-la com sua turma nas viagens a Saquarema, outro point famoso no estado do Rio.)

Mas foi pelos braços da mãe que Dani fez sua entrada oficial no mundo da atividade física. Sylvia, que ainda hoje, aos 64 anos, causa sensação puxando seis placas no supino, achava a filha muito tímida e decidiu que malhar seria um bom caminho para socializá-la. Levou-a a uma academia de ginástica na sobreloja da boate Carinhoso. Acertou na mosca. A caçula, então com 14 anos, logo se encontrou entre os aparelhos. E – começando a desenvolver o que seria uma marca registrada em sua carreira – passou imediatamente a querer mais.

Um cartaz na parede da academia anunciava uma corrida de cinco quilômetros promovida pela Corpore – meca dos corredores nos anos 80 – em São Conrado. Dani se inscreveu, correu, venceu, ganhou uma bolsa para malhar e um convite: um olheiro estava formando uma equipe feminina de atletismo



para o Flamengo. Aceitou. No começo, caía com as sapatilhas. Aos poucos, treinando todas as terças e quintas, começou a se destacar nos 800m e nos 3.000m steeplechase. A esperança de que uma nova atleta olímpica estivesse surgindo durou um ano. Era preciso pegar dois ônibus para chegar até o Estádio Célio de Barros, local dos treinos. A Praia do Arpoador era mais perto e acenava com uma novidade: o bodyboard.

Foi o primeiro namorado que a incentivou a experimentar a prancha pequena. Mas o que a levou mesmo de volta ao mar foi uma constatação. Dani olhava para as ondas e pensava: “Não tem mulher no mar.” Queria ser a primeira. Logo surgiram outras, campeonatos foram organizados e o mundo do esporte ouviu o nome de Daniela Figueiredo, tricampeã brasileira de bodyboard.

Conquistar três vezes o título nacional de qualquer coisa já serviria para muita gente pendurar as chuteiras e viver dos louros de uma carreira tão gloriosa. Para Dani, o tri foi só o motivo para mudar de modalidade. Já na faculdade, estudando – adivinhe só – educação física, conheceu o jiu-jítsu. Além do marido, conquistou os títulos estaduais e brasileiros de todas as faixas, foi campeã europeia e mundial na faixa preta. A convite dos amigos Crico e Cabeça, conheceu as corridas de aventura que a levaram à canoa havaiana (e conquistou títulos remando, claro). Já trabalhando, começou a dar aulas de spinning e chegou ao ciclismo – que, finalmente, a levou à RAAM.

Por que tudo isso? Dani não tem uma resposta. Quando um desafio novo se apresenta, ela simplesmente vai. E não é só no esporte, é na vida também. No site da RAAM há uma citação de George Mallory, alpinista que morreu tentando



alcançar o topo do Monte Everest pela face Norte. Numa das muitas vezes em que lhe perguntaram por que subir a montanha, ele soltou uma resposta simples e instantaneamente famosa: “Porque está lá”.

A Praia de Ipanema estava lá. A academia de ginástica na sobreloja da boate Carinhoso também. E a corrida da Corpore, a pista do Célio de Barros, os tatames, o mar, a trilha, a estrada. Daniela Figueiredo Genovesi nunca pensou no que encontraria em cada um desses lugares. E todos a foram levando para aquele trechinho sem paisagem da I-70, entre Effingham e Sullivan. Quando chegou o momento decisivo de sua vida de atleta, Dani estava preparada.







Crico e Beta





Entrevista para uma repórter GIGANTE 10min antes de partir



Momentos finais, alegria e força de ter Carlos Alberto Ribeiro (patrocinador) neste momento





Meu irmão, parceiro SEMPRE HowHow me protegendo do sol do deserto





2

AMIZADE

16 de junho de 2009. De Oceanside (CA) a Brawley (CA)

ESTAR PREPARADO NEM SEMPRE SIGNIFICA QUE TUDO vai dar certo. Dani chegou a Oceanside, o ponto de partida da Race Across America, uma semana antes da largada. Apesar de densamente povoada, com seus quase 200 mil habitantes unindo-se aos de Carlsbad e Vista para formar um importante conglomerado urbano na região de San Diego, a cidade lhe oferecia a tranquilidade de uma extensa área litorânea – em volta da qual, entre outras atrações, estão o bangalô do personagem de Tom Cruise no filme “Top Gun” e o Museu de Surfe da Califórnia. A temperatura, variando naquela época do ano entre 17 e 22 graus, não causava grande estranheza a uma brasileira.

O problema é que, como dizia Didi, craque e filósofo do futebol, treino é treino e jogo é jogo – embora Dani jamais pudesse ter sido acusada de não treinar. Assim que soube que



teria patrocínio para disputar a RAAM, em setembro de 2008, ela começou a traçar seu caminho rumo aos Estados Unidos. Descobriu que ainda dava tempo de se inscrever para a edição de 2009, e entre uma eliminatória em Miami e outra em Fortaleza (as duas que restavam), escolheu a última. Era mais perto e mais barato, mas também mais cedo: a etapa americana seria disputada em fevereiro e a cearense, em novembro.

Foram seis semanas de treino, cancelando a participação numa prova de mountain bike na Costa Rica e reduzindo muito o tempo com Antônio, o caçula da família. Ele nascera em fevereiro de 2007. Dani o levou à primeira corrida que disputou depois do parto.

COM APENAS UM MÊS DE IDADE, ficou esperando no hotel com a avó. Mamava de três em três horas – o que não permitia longas noites de descanso à mãe atleta, que armazenou o leite de uma mamada achando que completaria o percurso dentro desse intervalo. Mas levou quase cinco horas para chegar, em último lugar. “Voltei ao hotel com os peitos fervendo e inchados, preocupada por ter ficado tanto tempo fora”, relembra. “Já estava na hora de ele mamar de novo, mas vi que estava bem e que era só uma questão de organização e de planejamento para voltar a competir.”

Antes do nascimento de Antônio, Dani se dividia entre modalidades diferentes: canoa havaiana, corrida de aventura, mountain bike e ciclismo de estrada. A chegada dele coincidiu com a preparação para a RAAM, quando a mãe passou a



se dedicar apenas a pedalar, sua maior paixão esportiva (com uma ou outra recaída para a canoagem). Dormir agarrada ao filho era a única compensação que Dani se permitia durante os treinos, com longas ausências e sessões que continuavam em casa, numa bicicleta estacionária, enquanto o menino brincava ao lado ou assistia à TV.

A improvisada equipe de apoio para a prova classificatória no Ceará tinha apenas a filha Julia e o mecânico How How – que a acompanhariam na RAAM – e a mãe. Sylvia Figueiredo já estava preparada para o desafio. Desde o início da carreira da filha, era presença constante – passando o dia inteiro na praia, esperando o resultado das competições de bodyboard, ou gritando como se estivesse no Maracanã durante as lutas de jiu-jítsu. A relação maternal virou parceria: hoje, a atleta e sua principal apoiadora são sócias numa empresa especializada em preparação física. “Minha mãe não tem frescura, é um enorme exemplo de vida para mim, minha irmã, meus filhos e meus sobrinhos”, derrete-se Dani. “Sem ela, nada na minha carreira teria sido possível.”

O DESAFIO EM FORTALEZA ERA VENCER a experiente canadense Caroline van den Bulk e a cearense Alziane Diógenes, que a derrotara recentemente, para conquistar a única vaga em disputa numa prova de 24 horas num circuito fechado. Dani não tinha ainda muita noção de estratégia. Largou em ritmo alucinante, teve câimbras (que conseguiu controlar com os exercícios de respiração ensinados por seu mestre de ioga, Orlando Cani), sofreu com o sol e o vento de Fortaleza, comeu mal... e venceu.



AGORA FALTAVAM SETE MESES PARA A LARGADA NA RAAM, e o primeiro passo era montar a equipe. Um telefonema aqui, outro ali, os parceiros de corrida de aventura e de outras competições foram dando seus sim e antes das festas de fim de ano o grupo estava praticamente completo. A primeira reunião foi realizada em janeiro, no escritório do amigo Crico. Dani se sentia bem cercada, mas ainda não tinha ideia de como treinar para uma prova tão peculiar. Amigos do ciclismo, como Alexandre Ribeiro (que já disputara uma edição em quarto e outra em dupla), Adriana Nascimento, Tavinho e Walter Tuche, deram ajudas fundamentais naquele momento inicial. Mas o primeiro a mostrar o que ela sofreria nos Estados Unidos foi Cláudio Clarindo.

Dani e Clarindo – que completara a RAAM na categoria solo em 2007 – se encontraram em Santos, terra do ciclista, da forma mais propícia a ambos: sobre as bicicletas, para um treino de 200 quilômetros. Sylvia os esperava no ponto de chegada, com Antônio. Ficar longe do filho era o maior sofrimento naquele momento, e foi justamente esse o tema da conversa, às 6:30 da manhã, pedalando a caminho da balsa para Guarujá.

“O que você espera da RAAM?”, perguntou Clarindo.

“Sofrer pra caramba e completar”, respondeu Dani.

“Vai ser o maior sofrimento da sua vida”, foi a assustadora réplica.

Dani pediu a Clarindo que fizesse suas planilhas de treinamento, mas ele explicou que para uma atleta com a formação profissional e o entendimento técnico do processo de



treinamento que ela tem, a preparação dispensava essa formalidade. “Você só precisa pensar em viver na bike, comer e pedalar, trabalhar e pedalar, dormir e pedalar, pedalar e pedalar...”, disse, e exemplificou. A primeira parada foi numa padaria, onde os dois se empanturraram de comida e voltaram para as bicicletas. Pão de queijo, caldo de cana, sanduíche, suco... e pedal. Foi a primeira lição de como é a vida na RAAM.

Dani voltou de Santos sem planilha, mas com um dever de casa: entender o que seria rodar 400 quilômetros por dia (sua futura rotina na RAAM) e fazer dois simulados, um treino de 48 horas e outro de uma semana, com “apenas” 200 quilômetros diários. Começou imediatamente a se preparar – aumentando progressivamente a distância, pedalando onde fosse possível, não apenas nas estradas próximas ao Rio de Janeiro mas nas ciclovias da cidade – e fez a primeira tentativa acompanhada de um casal de amigos, Ricardo e Simoni, ele na bicicleta e ela no apoio.

Na Semana Santa, saiu do Rio e chegou a Andrelândia, no Sul de Minas, parando em 380 quilômetros com frio e subidas. O marido Alexandre foi encontrá-la na cidade, reforçando a equipe, e já teve uma mostra de como seria a tarefa de dirigir o carro de apoio na RAAM. Depois de um bolo de fubá no café da manhã no dia seguinte – preparado com tanto carinho pela mãe de Simoni que Dani até hoje diz que foi o melhor que já comeu na vida –, rodas na estrada para mais 250 quilômetros.

Dessa vez Dani conseguiu completar e foi recebida com um jantar na casa dos amigos Crico e Roberta, em Araras. Decidiram ali que Rafael Campos seria convidado para chefiar a equipe e



ela voltou à estrada no dia seguinte, para somar 150 quilômetros e fechar as duas séries de 400 – praticamente sem ter dormido. “Rolava na cama me fazendo várias perguntas e repassando meu checklist”, lembra. Estava frustrada por não ter conseguido completar o primeiro trecho e ainda preocupada com as necessidades do planejamento, mas confiante com o apoio do grupo que se fechava (foi o amigo Cabeça, por exemplo, que a ajudou no último trecho do dia, a subida da serra entre Itaipava e Teresópolis).

As reuniões da equipe eram semanais, depois do expediente, e mesmo quem estava viajando participava pelo viva-voz. Nos outros dias, a comunicação continuava com uma troca de e-mails tão freqüente que levou Dani a fazer uma pequena loucura financeira: comprar um Blackberry, que acabou virando um excelente companheiro para a solidão nas paradas à beira da estrada durante os treinos.

Dani ia dormir depois das dez da noite e acordava de madrugada para treinar – a falta de sono já era também uma forma de se preparar. A série final, de sete dias de 200 quilômetros, foi realizada nas proximidades de Indaiatuba, na região de Campinas, no interior de São Paulo, onde as estradas e os hotéis ofereciam boas condições. Dona Sylvia a esperava no quarto, todas as noites, com Antônio. Era a despedida da mãe e do filho, que ficariam torcendo por ela no Brasil.

Faltavam as 48 horas com 400 quilômetros por dia. Dani foi se preparando nas estradas do estado do Rio, que ofereciam várias alternativas: subidas nas serras de Teresópolis e Itaipava, autoestradas movimentadas como a BR-040, longos trechos planos no caminho de Campos dos Goytacazes... O tempo também resolveu variar, com chuva, sol e frio nos dois dias.



Foi um treino completo, não apenas para a ciclista, mas para a equipe, que simulou a atuação na RAAM. Embarcariam todos mais confiantes.

EM SOLO AMERICANO, DANI MAL CHEGOU E já tratou de reproduzir várias vezes o primeiro dos 53 trechos previstos para aquela edição da RAAM. Saía da praia comprida de Oceanside até Lake Henshaw, uma localidade que, como o nome indica, fica à beira de um lago – um belo lago ao pé das Montanhas Palomar, muito procurado por turistas para pescar em suas águas plácidas e cristalinas e fazer churrasco em suas margens bem equipadas para o camping. Era, enfim, o cenário ideal para se dedicar exclusivamente à etapa final de preparação para a prova, o chamado polimento. E foi justamente ali que começaram os problemas.

Num dos últimos treinos, já no caminho de volta, ela se perdeu. Pedalou cinco horas em vez das três previstas, e se meteu num trecho com mil metros de ascensão. Para quem estava prestes a sair do Pacífico rumo ao Atlântico, com um total de subidas e descidas que equivalem a escalar o Monte Everest três vezes e meia, não chegava a ser um problema físico. Mas psicologicamente – e a cabeça, na RAAM, pode pesar muito mais do que os pés – não era um bom sinal.

Dani nunca tinha disputado uma prova com planilhas interpretadas pelo carro de apoio. Sua única experiência eram duas competições de trip trail, em que elas são bem mais simples e afixadas na própria bicicleta – basta uma olhadinha para o



ciclista saber se está indo no caminho certo. Na RAAM, a coisa é muito mais complexa: no race book, como é chamado o material impresso que orienta os competidores, havia não apenas indicações sobre as estradas e os 53 postos de controle (conhecidos pela equipe como TS, sigla em inglês de time station), mas também sobre as regras da prova. Paradas, sinalizações, ultrapassagens, tudo é detalhadamente regulamentado – e achar que ninguém está vendo pode ser o maior erro.

“Os fiscais da RAAM não ficam apenas nos TS”, explica Dani. “Eles aparecem do nada, em lugares onde você imagina que não tem ninguém. Pode ser no meio do deserto ou nas montanhas, sempre vai haver alguém pronto para apontar um erro.” Havia alguém logo no primeiro dia da prova. Ela não obedeceu a um item que parecia secundário no regulamento – encostar totalmente um dos pés no chão diante de qualquer placa de trânsito com sinal de parada – e logo descobriu que não existe jeitinho brasileiro na travessia dos Estados Unidos: foi punida com 15 minutos de perda de tempo.

A comparação mais simples para esse sistema de navegação seria com um rali. Se a RAAM fosse um, a responsabilidade pela planilha não seria do piloto, e sim do navegador, aquele que vai no banco do carona. A diferença está na comunicação. É de dentro do carro de apoio que se passam – pelo sistema de som, com um megafone ou no grito mesmo – as indicações de seguir em frente, virar ou parar. Isso é até bastante simples em trechos lentos ou pouco movimentados, mas pode se tornar muito complicado numa descida em alta velocidade ou numa área urbana cheia de carros (é bom lembrar que o país mais desenvolvido do mundo não para para ver os ciclistas passarem).



A equipe de Dani usou a estratégia das corridas de aventura: o navegador ia antecipando as referências, para que qualquer ocupante do carro pudesse apontá-las. Mas, mesmo com a melhor preparação, todo esse processo de comunicação, em 11 dias com mais de 400 quilômetros de pedalada cada, tende a gerar fortes focos de tensão. Se um erro se transformar em troca de acusações entre o navegador e a equipe ou o ciclista, a química pode se perder pelo resto do caminho.

No caso de Dani, ainda pesava o fator estreia – nem ela nem nenhum dos integrantes de sua equipe jamais tinha participado de uma edição da RAAM. E nessa prova cabe também ao navegador checar as condições de tempo – que podem variar do calor do deserto à neve das montanhas – e achar um hotel ou motel para o descanso da noite em estradas desconhecidas e muitas vezes desertas.

Na véspera da largada, o nervosismo da equipe era latente. O carro de apoio e o motor home foram checados várias vezes, assim como a lista de compras: comida, material médico, lençol, cobertores, cadeiras, fita reflexiva para os trechos noturnos, rádios e telefones para comunicação. Os frigobares a bordo estavam carregados de comida e bebida suficientes para três dias. E ainda faltava se apresentar na manhã seguinte para fazer a foto oficial, entregar uma longa de lista de documentos (seguros, fichas assinadas) e passar pela checagem dos automóveis.

AO MEIO-DIA DE 16 DE JUNHO DE 2009, Daniela Figueiredo Genovesi estava montada numa bicicleta Specialized modelo Tarmac, sua preferida, no píer de Oceanside, sob um portal com a palavra “start” (largada, em inglês) impressa nas late-



rais; na parte de cima, em azul, lia-se “Race Across America”, e em vermelho, “Oceanside, CA to Annapolis, MD – 3.000 miles”. À direita de Dani, as três mulheres que competiriam com ela na categoria solo: Michelle Santilhano, da África do Sul, que a presenteara com um banco de pele de carneiro, dizendo ser macio e adequado para a prova (ainda hoje guardado como lembrança); Ann Wooldridge, da Inglaterra; e Janet Christiansen, dos Estados Unidos. À sua esquerda, o único homem inscrito na categoria acima de 60 anos, o americano Paul Danhaus. Era nesse cenário, rodeado de palmeiras, que o sonho de uma vida estava prestes a começar.

Quando seu nome foi anunciado nos alto-falantes, Dani pôs os óculos de corrida – e não por causa do sol que brilhava sobre a praia lotada. “Comecei a sentir um nó na garganta e pensei: vou chorar”, recorda. “Mas como, chorar assim, antes de largar? Então, disse a mim mesma: Dani, segura sua onda!” Mesmo sob o disfarce dos óculos, estava difícil segurar. Antes de subir na bicicleta, ela já tinha ido ao banheiro várias vezes – um hábito, a bexiga dela fica solta no início de qualquer prova. Com os pés nos pedais, sentiu o corpo todo tremer: “Largar na RAAM foi especial, diferente de tudo o que tinha sentido até então.”

FOI UM CHAMADO VINDO DO PÚBLICO QUE TIROU DANI do torpor que parecia capaz de impedi-la de dar as primeiras pedaladas. Depois da cerimônia oficial da largada, com hinos e homenagens aos atletas, ela já estava encaixando a sapatilha no pedal da bicicleta quando ouviu uma voz inconfundível



chamando seu nome. “É o Cabeça!”, pensou, e virou-se para encontrar o empresário Guilherme Figueiredo – que, apesar do sobrenome, não é seu parente – saindo do meio dos torcedores para lhe desejar boa sorte. Era a surpresa que faltava para que ela voltasse a pensar positivamente.

Guilherme era o capitão da Rio Off Road, equipe de corridas de aventura para a qual os amigos Crico e Roberta tinham convidado Dani anos antes. Foi sob seu comando que ela deu os primeiros passos na nova modalidade, em 2002, e desde então a parceria se firmou em várias provas. “Aprendi muito com ele, lições que levei para a RAAM”, agradece. E a recíproca é verdadeira. “Sou muito fã da Dani”, elogia o Cabeça. “Decidi acompanhá-la na RAAM depois de um treino que fizemos juntos. Ela já vinha de uns cem quilômetros de pedaladas e mesmo assim me deixou para trás na subida da Serra de Teresópolis.”

Mas, por causa de compromissos no Brasil, ele não poderia acompanhar toda a prova, e por isso não se inscreveu como um dos membros da equipe de apoio. Seria um torcedor de luxo, seguindo Dani em seu próprio carro – que alugara naquele mesmo dia, no Aeroporto de San Diego, onde foi recebido pelo irmão. Os dois saíram em disparada para ver se conseguiam chegar a tempo de assistir à largada.

Chegaram, bem a tempo de alcançar Dani no palanque. Três dias depois – na metade do tempo que previra –, Guilherme se despediria da RAAM deixando uma grande lição: por maior que seja a amizade, no momento da competição é preciso que a postura de todos seja profissional. O Cabeça não conseguiu inscrever seu carro na prova, recebeu uma punição



da organização e chegou até a ser ameaçado de eliminação. “Quando cheguei ao Colorado, pedi a meu irmão que levasse o carro embora e fui com minhas coisas para o motor home”, relembra. “Mas logo percebi que estava sobrando. Cada um já tinha sua função, era mais fácil eu atrapalhar do que ajudar.”

Guilherme desceu num hipermercado perto de Durango, sede do posto de controle número 14 da RAAM, de onde pediu que o irmão desse meia-volta para buscá-lo. Sua saída provocou as primeiras lágrimas na equipe. Dani só foi informada numa parada mais adiante. Subia as montanhas do Colorado ainda com a lembrança da chegada do Cabeça, a surpresa que tornara a largada menos tensa.

“Todo início de prova é doloroso”, reflete Dani, para logo em seguida corrigir: “Todo início é ruim.” E a única solução é seguir em frente. Ainda com as emoções da largada passando em flashes pela cabeça, ela pedalou os primeiros oito quilômetros, margeando um rio, ainda sem contagem oficial de tempo. A prova começou para valer na saída de uma ponte abandonada, com cada ciclista largando um minuto atrás da outra, no estilo contra-relógio. E aí o nervosismo virou velocidade.

Dani largou num ritmo alucinante, que a levaria a bater os recordes de tempo da RAAM para os dois primeiros postos de controle. O trajeto ajudou: depois de 40 quilômetros de terreno plano, o carro de apoio a esperava numa estrada sinuosa que passava por uma reserva indígena e levava a um trecho de subida – sua especialidade – que a fez lembrar a Serra de Teresópolis. Já liderava a prova com folga quando chegou a Lake Henshaw. E lá, respeitando a estratégia da equipe, surpreendeu a imprensa americana pela primeira vez.



O planejamento era parar para um lanchinho – o posto de controle ficava justamente numa lanchonete – e ela cumpriu. Já era diferente do que faziam todas as outras equipes, que depois da largada só costumam parar quando o ciclista não aguenta mais pedalar. Dani só não ficou mais do que cinco minutos porque os gafanhotos que infestavam a margem do lago não deixaram. Mas foi o tempo suficiente para que voltasse à prova confiante no trabalho da equipe: tudo tinha funcionado perfeitamente desde o encontro na serra, ao longo de um trecho percorrido por ciclista e equipe na reta final de treinos para a prova. Apesar da primeira punição, o carro de apoio a acompanhava de perto e o motor home ia à frente, encontrando facilmente os pontos de parada para comer, tomar banho ou ir ao banheiro.

Enquanto jantava, Dani viu as adversárias passarem pela estrada – apenas para ultrapassá-las pouco adiante. As primeiras pedaladas só terminariam perto das duas horas da manhã do dia seguinte, 374 quilômetros depois da largada, numa folgada liderança.





Última reunião no Brasil antes de embarcarmos para USA



Guilherme Figueiredo





Treino no Rio, simulado RAAM com a equipe. Guilherme pedalou neste dia comigo de Três Rios a Friburgo





3 JULIA

17 de junho de 2009. De Blythe (CA) a Cottonwood (AZ)

TODO ATLETA GOSTA DE DIZER QUE NÃO HÁ NADA COMO UM dia depois do outro – principalmente após uma derrota. Mas para quem está no topo, a manhã seguinte a uma grande conquista é apenas a primeira em que ela terá de ser defendida. E nem sempre as condições da véspera se mantêm. Daniela Genovesi se deparou com esse axioma do esporte logo cedo, em seu segundo dia na RAAM.

Dani chegara 11 minutos à frente das adversárias ao terceiro posto de controle, o último na ensolarada Califórnia. Dormiu num hotel em Blythe, cidadezinha de 12 mil habitantes a meio caminho entre Los Angeles e Phoenix e por isso mesmo muito procurada por turistas em busca de uma pausa na viagem. Embora fosse madrugada, já dava para perceber que o clima praiano de Oceanside tinha ficado para trás. Até



o time de beisebol da cidade, que disputa divisões inferiores, ganhou o nome de Blythe Heat, por causa do calor que por ali já chegou a 50 graus Celsius. O deserto se aproximava. E por mais que tenham tentado simular todas as condições da travessia durante os treinos, não havia como evitar que uma ciclista brasileira e sua equipe estranhassem as condições naturais desse trecho.

A poucos quilômetros de Blythe fica o Arizona, segunda etapa da RAAM. O que hoje se conhece como o quarto maior estado americano já era uma região desértica quando os continentes ainda não tinham se separado e havia apenas um grande bloco de terra chamado Pangeia. Ainda hoje, a paisagem é pré-histórica, com formações como o Grand Canyon (um leito de rio seco e montanhoso que é uma das maiores atrações turísticas do país), Monument Valley (onde grandes rochas parecem esculturas) e The Waves (com desenhos cavados nas pedras pelo vento). Debaixo da areia vermelha já foram achados vários fósseis de dinossauros, e cavada nela há uma enorme cratera causada pelo impacto de um meteorito.

Pode ser um paraíso para turistas e cientistas, mas não para ciclistas. Dani chegou ao Arizona pelo Sudoeste, que além de ser a casa do deserto tem regiões de pequena altitude – lá ficava o ponto mais baixo do trajeto da RAAM – que facilitam o aumento da temperatura. No verão, época da prova, a média é de 34 graus. E, claro, não chove: a precipitação pluviométrica anual nas áreas mais secas é de menos de 15 centímetros. O efeito dessa combinação explosiva nas pedaladas logo se fez sentir. A média de velocidade, que na Califórnia esteve por um bom tempo em 32km/h, chegou a cair para 17km/h.



PEDALAR NO DESERTO DÁ SEDE. MUITA SEDE. “É difícil uma carioca dizer que sofreu com o calor”, compara Dani. “Mas nunca senti minha garganta tão seca na minha vida.” E não porque a equipe não estivesse preparada para cuidar de sua hidratação. No carro de apoio, havia sempre um responsável por manter três caramanholas – como são chamadas as garrafinhas que o ciclista usa durante uma prova – cheias e geladas: uma com água, outra com isotônico e mais outra com um shake de proteínas ou Endurox R4, um repositores energético desenvolvido especialmente para atletas de alta performance. Tudo o que ela bebia, em paradas programadas ou imprevistas (como uma troca de pneu, por exemplo) era anotado numa planilha.

O cardápio da hidratação de Dani tinha toques de brasilidade. Para acompanhar algumas refeições, ela tomava suco de açaí e água de coco. Os sucos – principalmente de uva – eram obrigatórios. Proibido, mesmo, só bebidas gasosas. Dani abriu apenas uma exceção ao longo de toda a travessia, no fim do dia em que ultrapassou pela primeira vez a americana Janet Christiansen. E não foi para comemorar. “Cheguei ao hotel cansada, porque um erro do carro de apoio tinha aumentado o percurso em 40 quilômetros”, relembra. “Estava com raiva da decisão da equipe, raiva de tudo, dor em tudo...” Para fazer a sessão de relaxamento com o mestre de ioga Orlando Cani, ela precisou de um banho, um tempo para pensar e um abraço. Mas encerrar aquela epopeia com o shake de proteínas que o cardápio previa para cada fim de noite já era demais: “Comi um sanduíche de peru com queijo e tomei um refrigerante.”

No resto do percurso, as reclamações eram bem mais raras. “A equipe estava sempre me oferecendo alguma bebida ou



água supergelada, um luxo”, garante Dani. Enquanto pedalava sobre o asfalto fervente, ela se lembrava da Piocerá, competição de quatro dias entre Teresina e Fortaleza que disputara em janeiro daquele ano – no verão brasileiro: “Era um calor louco e eu não tinha apoio, em muitos momentos bebi água quente. Lá sim, sofri de sede.” No Arizona, o verdadeiro problema era a total falta de umidade relativa do ar: “Não adiantava beber nada que aquela secura voltava.”

O deserto serviu como uma pós-graduação em hidratação para a equipe. A programação era beber água a todo momento, isotônico a cada hora e as outras bebidas duas vezes por dia. E as garrafinhas tinham de ser oferecidas, porque é normal que uma ciclista em competição, concentrada nas pedaladas, se esqueça de pensar em pedir para se hidratar. Também era importante prestar atenção na reação da Dani: poucos goles indicavam que os intervalos estavam sendo bem observados; se ela sugasse todo o conteúdo da caramanhola de uma vez, como um bebê faz com a mamadeira, era sinal de que a sede já tinha passado do ponto – o que raramente ocorreu.

Era uma operação complexa – e, por isso mesmo, sujeita a todo tipo de erro, até os mais difíceis de imaginar. Por exemplo: esquecer no deserto o membro da equipe que acabara de oferecer líquido a Dani. Pois aconteceu justamente com a filha dela. Julia desceu do carro de apoio para estender uma caramanhola à mãe. O motorista, naquele momento, era seu pai, Alexandre, que achou que não precisaria voltar para buscá-la, porque outro carro – o motor home ou o da equipe de filmagem – o faria. Mas não era o combinado, e ela ficou sozinha à beira do caminho.



FOI O SEGUNDO GRANDE ESQUECIMENTO na história familiar de Julia Figueiredo Genovesi, a segunda filha do casal Daniela e Alexandre, nascida no Rio de Janeiro no dia 15 de fevereiro de 1993 (sua mãe não errou as contas, como a avó fizera: o carnaval só começaria na semana seguinte). Quando ela ainda era bebê, Dani deixou-a uma tarde na academia do marido para ir à praia com Victor, o filho mais velho. Envolvido com as aulas, o professor de jiu-jítsu deixou-a dormindo no bebê conforto. No fim do expediente, trancou a porta, desceu para a rua e de repente se deu conta de que não estava tão carregado quanto de costume. Faltava alguma coisa.

Era Julia. Segundos depois, ele já tinha subido as escadas, aberto a porta e olhava aliviado para o bebê conforto, onde a filha ainda dormia tranquilamente. “Meu pai só não deixa a cabeça para trás porque está pregada no pescoço”, diverte-se a esquecida, hoje uma moça às vésperas de prestar vestibular para Engenharia. Essa história sempre ocupou lugar de destaque no folclore da família e só foi superada, nos momentos de provocação a Alexandre, pelo episódio do deserto.

Ele soube do esquecimento logo depois e jurou inocência. Dani foi poupada até o fim da prova, para que um susto de mãe não atrapalhasse seu rendimento. Julia, que passou cerca de 15 minutos numa estrada daquelas típicas dos filmes americanos, debaixo de um sol inclemente, sem enxergar qualquer sinal de vida e sem um celular para pedir socorro, foi resgatada pelo carro dos repórteres Cesar Augusto e Luciana de Michellis, que cobriam a prova para a TV Globo. E ainda teve de se esconder para não receber uma punição, porque o



regulamento da RAAM proíbe que carros de mídia deem carona a membros das equipes.

Mais do que o susto, o que a preocupava era ter causado algum incômodo. “Eu era a mais jovem da equipe, e sabia que todo mundo achava que não ia conseguir aguentar o ritmo da prova”, recorda. “Então, dizia para mim mesma que pelo menos não podia atrapalhar.” Mas até ela se surpreendeu com sua capacidade de superação, principalmente no que se refere à falta de sono. “Acordo cedo para ir à escola, mas nos fins de semana, se puder, durmo até meio-dia”, diz Julia. “Na RAAM, eu estava no turno da manhã, dormia poucas horas e já tinha tarefas para cumprir. Acho que me inspirei vendo todo dia o esforço da minha mãe.”

Era a mesma dedicação que ela se acostumara a ver em casa. Julia descreve Dani como uma mãe carinhosa, que dá aos filhos todo o pouco tempo livre que a vida de atleta lhe deixa, mas também muito exigente. “Como ela é muito aplicada nos treinos, acaba transferindo isso para a nossa educação”, compara. “Se um de nós tira uma nota baixa na escola, a primeira coisa que diz é: você deveria ter estudado mais.”

Mas a cobrança por resultados se limita ao estudo. Julia é o elo perdido na cadeia genética da família, nunca teve sangue de atleta. Já treinou jiu-jítsu, como todos os filhos, mas nunca se adaptou ao ambiente competitivo. “Para ela, atividade física é para ficar bonita e saudável, e o que nós fazemos é loucura”, diz Dani, que jamais fez qualquer pressão para que seus passos fossem seguidos. “Sou preguiçosa, só faço ginástica de vez em quando. Se decido correr, minha mãe faz uma planilha, mas não fica cobrando os resultados depois”, atesta a filha.



Dani só não concorda com uma palavrinha: “Ela diz que é preguiçosa, mas está sempre correndo, fazendo ginástica, ioga, alongamento... É muito mais “wellness” do que todos aqui em casa.” A superação da filha na RAAM não surpreendeu a mãe: “Aos 15 anos, ela já tinha sido meu apoio, sozinha, numa competição de 12 horas, da meia-noite ao meio-dia, em Itupeva, no interior de São Paulo. Achei que poderia sair antes, mas aguentou o tempo todo. Venci, mas terminei que não conseguia subir e descer do pódio. Julia também estava quebrada, mas esperou que eu dormisse, me acordou para o jantar... Enfim, não perdeu o foco, mesmo exausta.”

ESSA CAPACIDADE E O ENTENDIMENTO ENTRE MÃE E FILHA levaram Dani a eleger Julia sua companheira das primeiras horas da manhã na RAAM. “Éramos duas zumbis em atos automáticos, totalmente sonâmbulas, mas não esquecíamos nada”, diverte-se. E constata, mais uma vez: “Ela pode gostar de dormir, mas preguiçosa? Nunca!”

DURANTE A RAAM, DANI, FOCADA EM SUA PERSONA DE ATLETA, não tinha espaço para o comportamento maternal que dedica a Julia – e o esquecimento da filha no deserto esteve longe de ser o único erro cometido ao longo da prova. No Arizona, a excitação da largada já tinha passado e a preparação da equipe começava a ser posta à prova. Perto de Blythe, no ponto mais baixo do percurso, ela já tinha dado seu primeiro ataque. “Numa



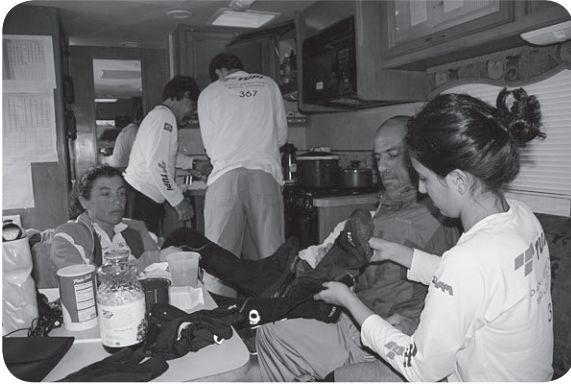
parada, estava a maior ansiedade, todo mundo querendo fazer tudo, uns me diziam para comer, outros para partir”, lembra.

Ela acabou fazendo um pouco de cada. Pegou uma maçã, passou pelo marido Alexandre e disse, “meio já brigando”, como define: “Vocês têm que se decidir.” Sem esperar resposta, subiu na bicicleta e voltou à estrada. Atrás dela, os gritos de confusão se transformaram primeiro em silêncio intrigado e depois em pressa para retomar o rumo. Só à noite, na parada para o jantar, os ânimos se acalmaram. Orlando Cani, o mestre de ioga de Dani, pegou-a pelo braço e pediu que controlasse o nervosismo, para não passá-lo à equipe.

Dani aquiesceu, mas o que estava chegando ao fim era um longo dia. Nas primeiras horas daquela manhã, nem a programação musical ainda tinha se acertado. How How, mecânico das bicicletas, foi o primeiro responsável pelo som que saía dos alto-falantes, e escolheu uma seleção de músicas de Tim Maia em que apenas as duas primeiras faixas eram animadas. Por um cochilo ou pura distração, deixou rodar o que se tornaria uma sucessão de fossas. Já imaginou o que é pedalar no deserto, depois de duas ou três horas de sono, no escuro das primeiras horas da manhã, ouvindo palavras de incentivo como “me dê motivo pra ir embora, estou vendo a hora de ter perder”?

Julia se saiu melhor como DJ, e a partir de então Dani exigiu que ela estivesse sempre no comando da programação musical da manhã. E passou a encarar as primeiras pedaladas ouvindo Tato, do Fala Mansa, cantar que estava rindo à toa. Ela ainda não chegava a tanto, mas sairia do deserto mais confiante: “Os primeiros erros acabaram servindo para deixar a equipe mais ligada.”





Juju cuidando de mim





Dani e Ju no aeroporto



Antes de largar





Ela também precisa descansar





Neste troca troca... esquecemos a JUJU



Local onde Julia foi abandonada



4

O DESERTO

18 de junho de 2009. De Flagstaff (AZ) a Mexican Hat (UT)

UM DITADO CHINÊS ENSINA QUE UMA LONGA CAMINHADA começa pelo primeiro passo. É uma lição valiosa para uma prova como a RAAM, mas Dani logo aprenderia outra: para quem quer atravessar os Estados Unidos de costa a costa, o segundo, o terceiro e todos os outros precisam da mesma atenção. Basta um erro – não necessariamente grave – ao longo de 4.800 quilômetros para acabar com o sonho de cruzar a faixa de chegada.

Perto de Tuba City – ou Tó Naneesdizí, como os índios Navajo chamam a cidadezinha de oito mil habitantes que forma o maior agrupamento de sua reserva e onde ficava o nono posto de controle da RAAM –, Dani sentiu o nariz entupido. Não era a primeira vez que isso acontecia nas poeirentas estradas do Arizona, e ela fez o que uma ciclista no meio de



uma prova tem de fazer: virou o rosto para o lado e assoou, com força. Sentiu que estava mais congestionada do que de costume, mas só quando olhou para a camiseta do uniforme é que percebeu o que havia de errado: estava toda manchada de sangue.

Ainda mais fácil do que se esquecer da sede no deserto, para uma atleta concentrada na prova, é descuidar das precauções básicas – como aplicar soro fisiológico no nariz. Depois de respirar por um dia inteiro a poeira do Arizona, Dani tinha as narinas completamente ressecadas. Sua primeira preocupação, ao ver a camiseta ensangüentada, foi escondê-la de Julia, sua filha. Fez sinal para que o carro de apoio parasse, pediu para trocar de roupa e se esquivou como pôde. Mas Julia viu e se assustou – como, aliás, todos na equipe.

“A PARTIR DAQUELE MOMENTO, PASSEI A PRESTAR ATENÇÃO a todas as recomendações de cuidados com a saúde”, relembra Dani. Ela incorporou a cada parada não só o soro, mas também filtro solar – por motivos óbvios – e pomada. E se não tinha usado tudo isso com regularidade, até então, não era por falta de aviso. “A Dani não tem frescura”, resume João Felipe Franca, o médico da equipe. “Eu a alertei sobre todas as precauções, mas ela estava muito concentrada nas pedaladas, principalmente no início da prova, e simplesmente não tinha sentido a necessidade de usá-las.”

O deserto era o primeiro trecho da RAAM a desafiar a saúde de Dani. Depois de pedalar o dia inteiro sob o sol es-



caldante e o asfalto fervente, ela tinha, além da garganta, a pele muito ressecada – e muito mais sensível ao frio. À noite, a temperatura caía bruscamente, e o efeito do vento no corpo quente poderia ser devastador. “Vesti roupas que levaria para o inverno europeu”, conta Dani.

Não foi fácil para uma ciclista que sequer gosta de usar óculos para pedalar. Ao enfrentar uma tempestade no deserto, mais adiante, ela teria de acrescentar uma bandana à indumentária, cobrindo o rosto para não engolir areia. Mas nada disso conseguiu ser mais assustador do que a dor nos pés, que Dani considerou sua maior inimiga no deserto. “Eu pensava: meu Deus, início de prova e meus dedos estão ardendo, o que será nos próximos dias?”, lembra. “Procurava tirar esses temores da minha cabeça para não desistir, mas quando parava meus pés estavam brancos e gelados.”

João Felipe a examinava a cada parada, constatando sempre que a circulação não tinha sido afetada. Era só um efeito comum de uma longa prova de ciclismo – e é de fato mais fácil pensar numa lesão desse tipo, causada pela fadiga, como um dos motivos que levam um ciclista a abandonar uma prova do nível da RAAM. Mas inimigos muito mais prosaicos se escondem sob o uniforme: bolhas e assaduras.

Dani teve de enfrentá-los. A bermuda do uniforme – feita especialmente para a prova, sem tempo de ser “amaciada”, como os atletas gostam de definir o primeiro uso do equipamento – tinha uma costura alta que provocou três enormes bolhas de sangue na virilha. Apareceram logo no começo da prova e foram ficando cada vez piores. Para sua própria sorte, ela não conseguia vê-las. Foi a filha Julia a encarregada de



conferir a situação, e aí a posição de quem escondia o que de quem se inverteu. “As bolhas estavam em carne viva”, recorda Julia. “Se eu contasse a verdade para a minha mãe, ela poderia se apavorar. Então, disse que não era nada demais, que ela passasse só uma pomada, mas corri para contar ao doutor João Felipe.”

JOÃO FELIPE FRANCA, ESPECIALISTA EM MEDICINA DO EXERCÍCIO e do esporte, foi uma das últimas aquisições da equipe de Dani Genovesi para a disputa da RAAM. Indicado pela irmã, Roberta, ele levou um tempo para se convencer de que teria tempo e estrutura para se preparar para a empreitada. Monitorar uma paciente que dorme menos de quatro horas por dia e passa quase todas as outras 20 sobre uma bicicleta exigiria cuidados além dos que se espera de um médico no consultório. “Meu principal temor eram as quedas, que podem tirar um atleta da prova mesmo que ele esteja bem fisicamente”, explica. “Por isso, tínhamos de combater suas causas, como a desatenção e o cansaço. E a única receita para isso era cuidar para que ela recebesse comida e bebida nas horas certas e respeitasse as horas de repouso.”

Por via das dúvidas, a bordo do carro de apoio viajavam com ele duas malas com equipamento de primeiros socorros – não aquelas caixinhas com esparadrapo e mercurocromo que as famílias guardam em casa, mas também nada que fizesse o veículo parecer uma ambulância. O monitoramento da saúde de Dani era feito nas paradas mais longas e poderia surpreender pela simplicidade. “Bastava um exame clínico sumário, e as



condições dela sempre estiveram boas”, relembra. No blog que escreveu sobre a prova – usando o pouco tempo livre que tinha durante os deslocamentos – ele relata a medida da pressão arterial da atleta depois de mais um longo trecho de pedaladas: 14 por 9, um nível que muita gente atinge sem fazer esforço.

Todo esse processo tinha sido ensaiado em provas e treinos no Brasil, uma oportunidade que também era usada para simular as condições da RAAM e bolar soluções antecipadas. O problema das bolhas, por exemplo, gerou um debate sobre o que fazer com os pelos na área da virilha. João Felipe sugeriu que Dani fizesse depilação a laser, mas ela não quis se preocupar com os efeitos a longo prazo. A solução, então, foi a mais simples: não depilar.

Ah, sim, João Felipe viu as bolhas de sangue que Julia mostrou. E decidiu que o melhor a fazer era esperar o Arizona ficar para trás. “Era previsível que acontecesse. Todo ciclista passa por esse problema,” diz, com a naturalidade de quem estava preparado para tudo. “É o lado ruim dos desertos.”

O LADO BOM DOS DESERTOS É QUE AINDA NÃO INVENTARAM um que não acaba. Até os dinossauros pareciam saber disso: arqueólogos encontraram uma trilha de pegadas pré-históricas que saem do Arizona em direção ao estado vizinho de Utah. O trajeto da RAAM fez o mesmo, e Dani pôde aos poucos começar a se distrair com a paisagem. “O pôr do sol sobre aquela areia vermelha é muito bonito”, recorda. “É uma das imagens mais fortes que guardei da travessia.”



Nos últimos postos de controle da RAAM no Arizona – e foram sete, espalhados por dois dias de prova – já havia algo mais para se olhar à beira da estrada. Na saída da chamada Nação Navajo, a área reservada a essa etnia indígena, ficam as pedras esculpidas de Monument Valley. Todos da equipe tiraram várias fotos nesse bonito cenário, e pouco à frente Dani viu outra formação geológica curiosa: 3,7 metros acima de uma base de 18 metros de largura, uma rocha plana e arredondada se equilibrava sobre outra, menor e cilíndrica, dando a perfeita ilusão de tratar-se de um sombreiro, o chapéu típico dos mexicanos. Não por acaso, era chamada de Mexican Hat e emprestava seu nome à localidade vizinha, que no último censo, em 2000, contava 88 habitantes em 29 residências (considerando-se que no anterior, em 1999, eram 259, é possível que fossem ainda menos quando a RAAM 2009 passou por lá).

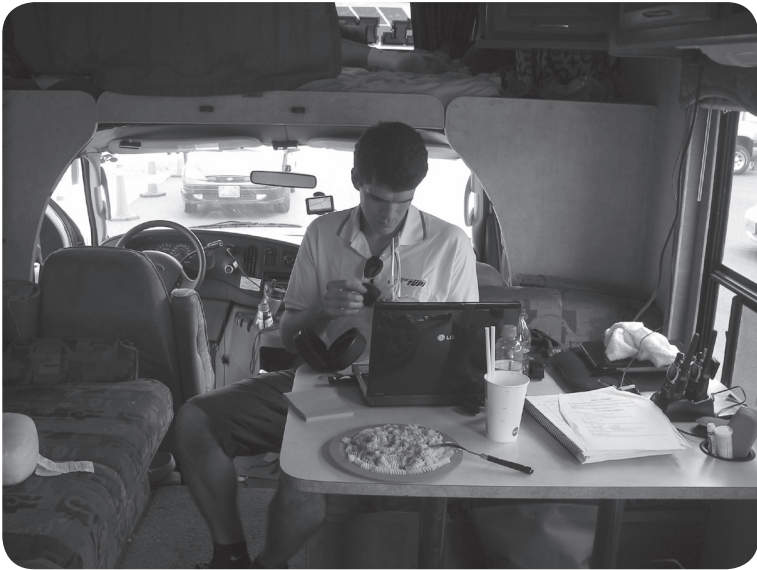
Nessa cidade quase fantasma ficava o décimo primeiro posto de controle da RAAM, o primeiro em Utah, o estado que concentra a maior população de mórmons nos Estados Unidos. Para Dani, não era nada disso que importava, e sim o sinal de que chegara a hora de dar adeus ao deserto – mas ele não queria se despedir sem deixar uma lembrança. Pouco depois de Mexican Hat, uma tempestade de areia assolou a estrada.

“Nunca tinha visto aquilo, no início não sabia o que fazer”, relembra Dani. “Só conseguia me lembrar de um velho que conheci no último jantar antes da largada. Quando soube que eu ia participar da RAAM, ele me disse que o único segredo em qualquer adversidade era não sair da bicicleta.”



O velhinho, ela descobriu depois, também era ciclista e tinha completado o percurso seis vezes. E seguir seu conselho valeu a pena: a tempestade passou, a brasileira que jamais enfrentara o deserto passou por ele sem perder muito tempo e sua equipe, que tinha ido dormir na véspera batendo cabeça, terminou o dia lendo que o site oficial da prova a elegera a melhor até ali.





Dr João Felipe me aguardando para comer



Nas paradas mesmo que por 10min, doutor João Felipe sempre me monitorando



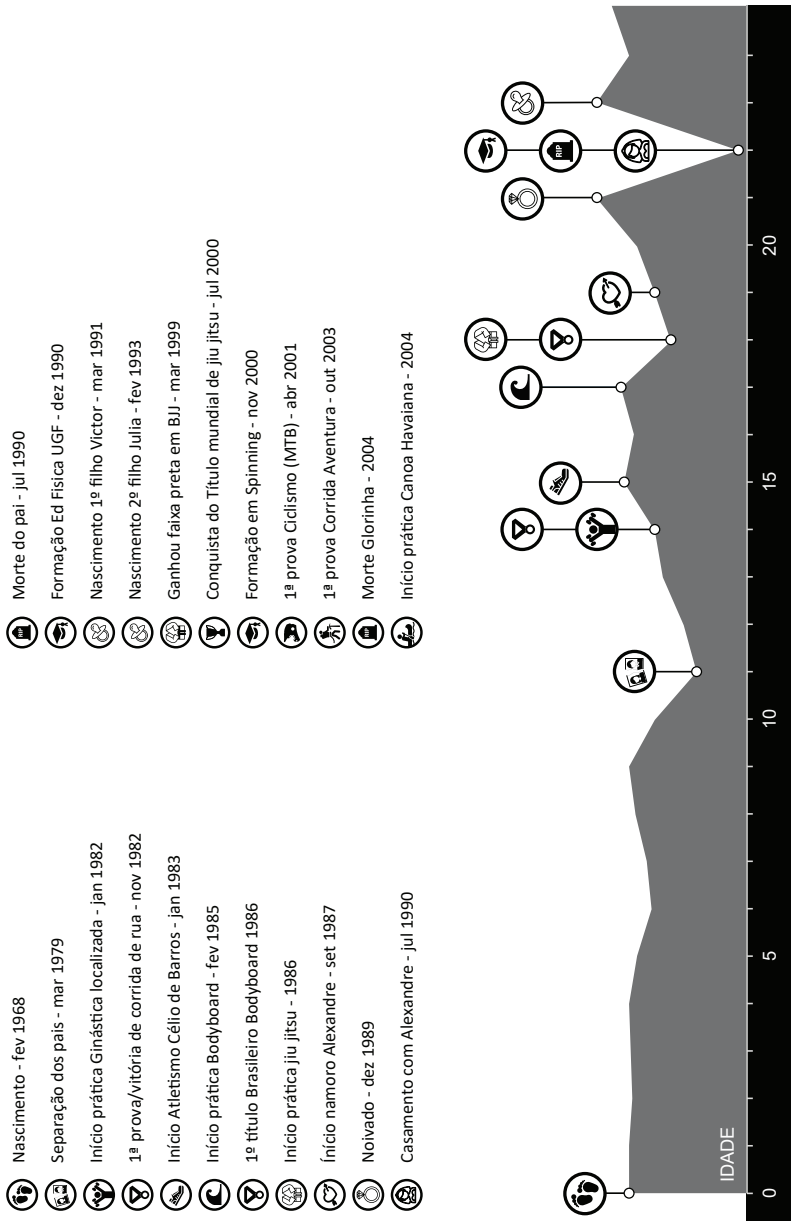


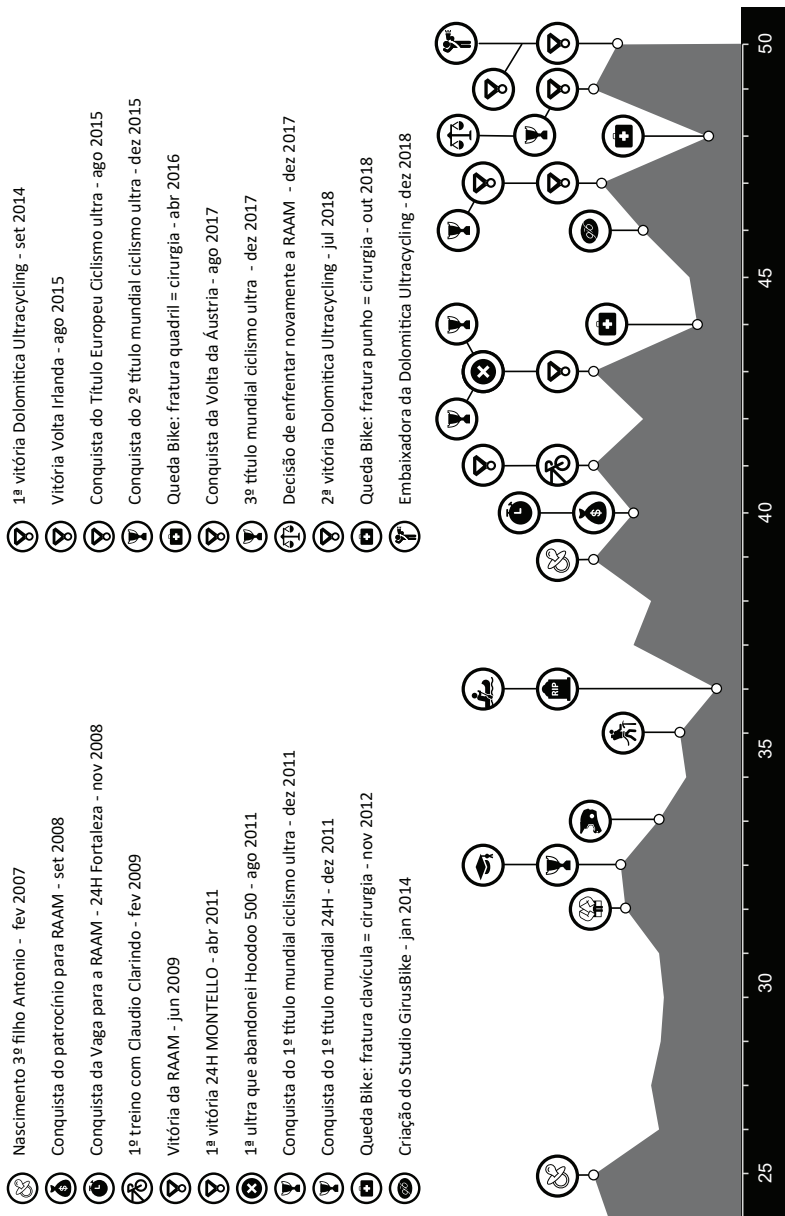
Antes da tempestade de areia



Chegando no deserto









5

SAUDADES

19 de junho de 2009. De Montezuma Creek (UT) a Pagosa Springs (CO)

PLANEJAR É PRECISO, MAS NÃO RESOLVE TUDO. Há uma história pitoresca e famosa no futebol – atribuída a Garrincha, como muitas das histórias pitorescas e famosas do futebol – que conta da preleção de um técnico no vestiário. “Vamos pressionar desde o início e fazer o primeiro gol antes dos 30 minutos”, dizia, desenhando botões e setas no quadro negro. “Depois, seguramos o resultado e vamos tranquilos para o intervalo. Na volta, fazemos 2 a 0 logo de cara e a partida está ganha.” Nessa hora, um jogador que parecia alheio lá no fundo – e que todos gostam de dizer que era Garrincha – levanta a mão: “Professor, entendi quase tudo. Só tenho uma dúvida: já combinamos com o adversário?”

Dani Genovesi chegou a Montezuma Creek, o segundo posto de controle da RAAM no estado de Utah, nas primeiras



horas da madrugada de 19 de junho. Vinha de dois dias atravessando o deserto do Arizona, com calor o dia inteiro e frio à noite. Já enfrentara um sangramento nasal, bolhas na virilha, dores nos pés e uma recém-terminada tempestade de areia, entre outros obstáculos. Uma boa noite de sono cairia bem. Só faltou combinar com o adversário.

O extremo Sudeste de Utah – o quadragésimo primeiro colocado entre os 50 estados americanos no quesito densidade demográfica – não é o lugar ideal para se encontrar um bom hotel à beira da estrada. Ou um hotel, um motel, um pardieiro que seja. Se Mexican Hat, a parada anterior, tinha 88 habitantes recenseados, a situação em Montezuma Creek não era muito melhor: 507 moradores espalhados por uma área de 34 quilômetros quadrados que tem como uma de suas principais atrações um posto de gasolina incendiado no centro da cidade.

Nesse cenário desolador – agravado pelo fato de que a cobertura de telefonia celular e internet móvel tinha sido interrompida em vários trechos do deserto, complicando o trabalho de fazer as reservas antecipadamente –, o jeito foi dormir no motor home. O planejamento da equipe para a prova já previa situações como essa, mas todos sabiam que deveriam evitá-la o máximo possível.

A TRADUÇÃO MAIS APROXIMADA PARA MOTOR HOME seria casa motorizada. Na RAAM, o objetivo de ter um veículo desse porte na comitiva é facilitar as paradas dos ciclistas à beira da estrada – principalmente para alimentação e higiene. Nos dois



primeiros dias da prova, os membros da equipe de Dani que viajavam nele já tinham aprendido a lidar com as vantagens – como ter móveis, fogão, geladeira, dois aparelhos de ar condicionado, sistemas de eletricidade, água potável, esgoto e gás, além de um banheiro a bordo – mas também com algumas das dificuldades inerentes a um lar sobre rodas.

Usar o banheiro, por exemplo, era complicado. A legislação americana permite que a caixa d'água seja abastecida em qualquer lugar, mas para jogar fora os resíduos do vaso sanitário, só parando em locais autorizados, como estacionamentos e campings – nem sempre fáceis de achar. Para comer, até havia algum conforto, mas lavar os pratos criava outra dificuldade: a água com os restos de comida ficava armazenada numa caixa e era preciso se lembrar de jogá-la fora (o que era permitido nos acostamentos de terra) para não entupir a pia. Caso contrário, qualquer curva poderia provocar um alagamento – o que também podia acontecer com o vaso, com resultados bem mais nojentos.

Mesmo sem água transbordando, dirigir exigia certos cuidados. Pratos e panelas esquecidos sobre a mesa e o fogão estavam sempre prontos a voar numa freada mais brusca ou numa curva mais fechada. E o próprio ato de fazer a curva, dependendo da estrada, podia ser bastante complicado. O race book da RAAM traz indicações de caminhos alternativos para os motor home, porque em alguns trechos os maiores não conseguem passar.

Os motor home podem variar de tamanho entre uma van e um caminhão. Os maiores são, evidentemente, os mais confortáveis, mas para dirigi-los é preciso apresentar a carteira de



motorista apropriada – o que ninguém na equipe da Dani já tinha, nem havia tempo para tirar. Foi preciso, então, optar por um modelo menor, com cinco ou – forçando um pouquinho a barra – seis lugares.

Sete pessoas dormiram no motor home naquela noite, incluindo Dani – que ganhou o privilégio de usar sozinha a cama de casal. How How, o mecânico, dormiu no carro de apoio.

NOS DOIS PRIMEIROS DIAS DA RAAM, Dani ainda não tinha aprendido a dosar o ritmo. Bater o recorde de tempo nos dois primeiros postos de controle fora resultado de pedaladas fortes, mas também da ansiedade e da falta de conhecimento do percurso – uma combinação que aumentara a exigência física logo no início. Por isso, era importante que ela cumprisse à risca o que tinha sido estabelecido no planejamento para a prova: dormir de três a quatro horas por noite.

Foi justamente enquanto estava dormindo que Dani já tinha perdido a liderança conquistada logo depois da largada. Mas isso a incomodava muito menos do que o estado em que acordava. Não que fosse dorminhoca – seu hábito noturno, em casa, é de no máximo seis horas. Mas, depois de 20 horas de pedaladas, com poucas paradas para comer, ir ao banheiro ou descansar, o corpo pedia um descanso maior. Mesmo tendo dormido as duas primeiras noites em camas de hotel, ela acordava se sentindo travada e demorava a entrar no ritmo.



Num alomoço à beira da estrada, sem o apoio do motor home, com o marido Alexandre e o mecânico How How, viu passar Dany Wiss, que seria o vencedor geral naquele ano. A velocidade do suíço aumentou sua sensação de falta de ritmo: “Parecia que a prova era de um dia só. Fiquei me achando uma tartaruga. Pensava: caramba, os homens vão nesse ritmo? Não vai dar...” Para piorar, na volta às pedaladas o sol castigava as costas. “Meus rins quase fritaram”, diz Dani, sem parecer exagerada. A cada parada, ela tinha de trocar as bolsas de gelo que carregava amarradas à cintura, que derretiam rapidamente enquanto a refrescavam e aliviavam uma dor que os atletas da prova masculina não precisam enfrentar: era seu segundo dia de menstruação. “Terminei o dia me sentindo derrotada.”

Foi com esse espírito e pensando em como seria a manhã seguinte que Dani encostou a bicicleta e se preparou para sua primeira noite de sono no motor home.

NA PORTA DA CASA SOBRE RODAS, um senhor de 73 anos a aguardava. Era Orlando Cani, um catarinense que chegou ao Rio de Janeiro para “tentar a vida”, como autodefine, aos 13. Foi paraquedista, atleta de ginástica artística e pentatlo militar, formou-se em educação física em 1956 e tornou-se mestre de ioga cinco anos depois. Sua missão na equipe consistia basicamente em aplicar a Dani duas sessões diárias: uma de relaxamento, na hora em que ela saía da bicicleta para dormir; e outra de aquecimento, assim que ela acordava para mais um dia de pedaladas.



“Não acreditei quando vi o Orlando”, recorda Dani. “Depois de tantas horas na bike, eu queria loucamente me deitar, e ele ali, também cansado, mas pronto para me aliviar...” Só mesmo o respeito de mais de 20 anos de relação entre aluna e mestre a impediu de tentar ignorá-lo ou driblá-lo – o que ele teria entendido perfeitamente. “Me dava uma pena ver o estado em que ela chegava... Um dia eu chorei”, relembra. “Se fosse minha filha, eu levaria embora.”

Pois era quase. Dani conheceu Orlando no fim dos anos 80, quando já era lutadora de jiu-jítsu, por indicação do marido, Alexandre. Para quem não conhece essa forma de arte marcial, pode parecer que não há qualquer relação entre o agarra-agarra dos tatames e a sensação de paz que transmite a ioga. Mas alguns dos principais atletas da modalidade, como Rickson Gracie e Murilo Bustamente, já tinham se valido dos ensinamentos do mestre. “Desenvolvi um método que atua na força, na velocidade, na resistência e na explosão”, explica. “É uma combinação de posturas, respiração, relaxamento e meditação.” A receita fez sucesso e espalhou-se por outros esportes: o técnico Bernardinho levou-a às seleções masculina e feminina de vôlei, e duplas campeãs do vôlei de praia como Adriana Behar e Shelda também experimentaram.

Era por esse processo que Dani teria de passar novamente, na primeira noite no motor home. Mas ela já tinha aprendido que valeria a pena. “As dores acumuladas pelo meu ritmo louco acabaram. Da terceira noite em diante, chegava em frangalhos, mas era uma grande alegria ter o mestre ali para me fazer dormir melhor”.

E não era só ela. Orlando Cani dormia depois e acordava antes de Dani para se dedicar aos exercícios, e compensava o



pouco tempo de sono que lhe restava – cerca de uma hora e meia por noite, durante a RAAM – aplicando suas técnicas em sim mesmo. Recolhia-se no quarto do motor home, meditava e estava pronto para outra. Aos poucos, os outros membros da equipe passaram a recorrer a ele. “Era um estressado, outro com dor lombar... Acabei fazendo várias massagens”, divertiu-se. “Depois da prova, o Alexandre Abreu, nosso chefe, me fez uma confidência. Quando soube que um velho faria parte do time, achou que teria de cuidar de mim. E no fim fui eu que acabei cuidando dele e de todo mundo.”

A sessão noturna não levava mais de dez minutos. Começava com uma conversa, em que Orlando perguntava se Dani tinha aplicado sobre a bicicleta as técnicas de respiração que há muito aprendera com ele e que treinara em competições no Brasil. Ela respondia e aproveitava para se queixar dos problemas do dia, os erros da equipe, as brigas com o marido. Depois, as mãos experientes do mestre atuavam sobre os principais pontos de dor, numa técnica que ele chama de ginástica corretiva. Alongamento e reiki – terapia alternativa manual para restaurar o equilíbrio – encerravam os trabalhos. “As células precisam basicamente de duas coisas: oxigênio e repouso. Meu objetivo era tirar o estresse para que o corpo dela pudesse descansar”, explica o terapeuta. Na manhã seguinte, a preocupação principal era alongar: “Quando a gente terminava, a Dani já estava procurando a bicicleta, queria pedalar.”

Dani queria pedalar depois que acordou no motor home. Procurou a bicicleta para começar um acentuado trecho de subida em direção ao Colorado, estado famoso por suas estações de esqui.



Pedalar morro acima é uma das especialidades de Dani. Mas no Brasil não há nada como os mais de três mil metros de altitude que ela teria de enfrentar na subida das Montanhas Rochosas – uma cordilheira que vai do Canadá ao Novo México e ocupa dois quintos do território do Colorado. O Pico da Neblina, ponto mais alto do território brasileiro, tem 2.993,78 metros, e não dá para pedalar até lá.

Durante todo o dia, Dani sentiu seu rendimento comprometido. E o pior: a equipe, que dormira amontoada no motor home, também acusava os efeitos do cansaço. Sua velocidade média no trecho até o primeiro posto de controle do dia, Cortez, já no Colorado, foi o mais baixo até então – 8,34km/h, pouco abaixo dos 8,74km/h que fizera em Flagstaff, no calor do deserto do Arizona (ambas vieram depois de uma parada para dormir, o que afeta a média, mas não deixavam de indicar um desempenho comprometido).

Era só o começo de um longo dia montanha acima – que terminaria com toda a equipe mobilizada para evitar outra noite no motor home e com as primeiras lágrimas de Dani na RAAM. “Não sei por que, mas me lembrei do meu pai, que morreu há mais de 20 anos”, conta. “Me deu a maior saudade dele.”

LEOPOLDO DE OLIVEIRA FIGUEIREDO NETO, conhecido por todos pelo apelido de Lelo, se separou de Sylvia, mãe de Dani, quando ela tinha 11 anos. A separação não afetou a relação entre pai e filha: “Meu pai foi meu primeiro patrocinador no bodyboard. Na primeira competição em que ele foi à praia, no



Quebra-Mar, em 1984, fui “garfada” e saí na segunda bateria. Havia muita rivalidade entre as turmas, eu era do Arpoador. Quando ele soube, subiu nas tamancas, queria subir no palanque e falar com o juiz, chamá-lo de ladrão, como fazíamos no Maracanã...”

Lelo torcia pelo Fluminense e gostava de levar os filhos ao estádio. Teve quatro, as duas meninas com Sylvia e dois meninos de seu outro casamento. Passou a eles o amor pelo futebol e a aptidão para o esporte. Foi o primeiro campeão brasileiro de Junior em 1957 e, em seguida, por equipe, campeão na Argentina. Ainda hoje é lembrado pelo bom humor, alegria, beleza (Lelo era lindo!) e boa equitação por grandes nomes do hipismo. “Meu pai amava cavalos”, recorda Dani. “Competia e vencia bastante no hipismo, e quando voltava para casa ficava ouvindo as mesas redondas de futebol pelo rádio. Quando nosso time caiu para a terceira divisão do Campeonato Brasileiro, pensei: pelo menos Papai não viveu esse desgosto...”

Estava doente quando a filha mais nova se casou e morreria menos de uma semana depois, vítima de um câncer no pulmão causado por seu hábito de fumar. “Meu pai era da geração Marlboro”, diz Dani, sem que se note um tom de reprovação. “Eu me lembro dele alegre e festeiro, com muitos amigos, bom nos negócios. Era do tipo durão comigo e com minha irmã, sempre cobrando alguma coisa, mas também nos divertíamos e aprendíamos muito com ele. Seria avô cedo, mas o destino não permitiu.” Coube a um tio o papel de entrar com a noiva na igreja. Mas naquela noite, na solidão das montanhas, não havia substituto para a figura paterna.





Momento de muito sofrimento





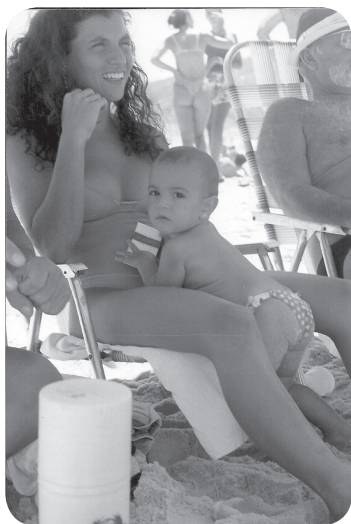
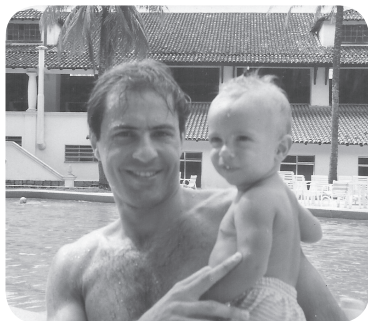
Mestre Orlando cuidando de mim



Família

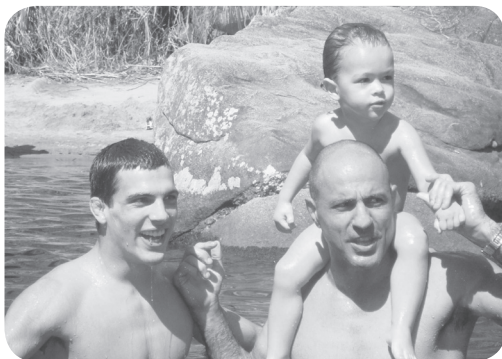




















6

A ALTITUDE

20 de junho de 2009. De Chama (NM) a Springer (NM)

DANI GENOVESI ACORDOU PARA O QUINTO DIA de sua participação na RAAM a 2.399 metros acima do nível do mar. E com mais uma lição anotada no caderninho de ensinamentos da prova: é o atleta quem sua, quem rala, quem enfrenta as dificuldades, quem merece mais a vitória ou sofre mais a dor da derrota. Mas nem por isso tem condições de tomar sozinho todas as decisões.

Na noite anterior, ela queria ter pedalado até completar os 400 quilômetros diários do planejamento inicial. O médico da equipe, João Felipe, precisou argumentar muito para convencê-la a interromper o percurso no quilômetro 360 para dormir em Chama, cidadezinha de 1.200 habitantes com jeitão de cenário de faroeste, no Novo México. “Achei que era porque ele estava me achando muito mal”, confessa Dani.



“Estávamos no quarto dia de prova, nossas fisionomias começavam a se transformar. Aí pensei: vou ficar muito pior. Se o doutor quiser reduzir a distância toda vez que me vir assim, não completo a prova.”

Mas o motivo era outro, muito mais científico. Se continuasse pelos 40 quilômetros que pretendia percorrer, já de madrugada, Dani iria na direção do ponto mais elevado de todo o percurso da RAAM, a montanha La Manga Pass, de 3.124,2 metros. E não havia garantias de que a estrada que passa por lá, ligando Chama a Antonito, no Colorado, oferecesse boas opções de hospedagem em alguma localidade a uma altitude razoável, abaixo de 2.500 metros (não é só o desempenho físico que diminui no alto do morro, mas também a capacidade de recuperação).

Em Chama, que justamente naquele dia recebia um rali de motocicletas, a equipe conseguiu reservar os dois últimos quartos em dois hotéis próximos. Ao se aproximar do seu, Dani já estava convencida de que a opção de João Felipe tinha sido correta. “Estava muito difícil pedalar naquela noite”, recorda. “Então pensei: graças ao doutor, estou chegando ao hotel e daqui a pouco já vou estar dormindo.”

Trazendo no corpo o cansaço de um dia que se seguira a uma noite mal dormida no motor home, Dani não reclamou de mais uma sessão de relaxamento com o mestre Orlando Cani. Fechou os olhos e apagou, sem sequer ter tempo de pensar que acordaria para enfrentar duas montanhas de mais de três mil metros.



EM TERMOS FÍSICOS, DANI ESCAPOU ILESA da subida de La Manga Pass – marcada, ainda por cima, por frio e chuva. Mas foi só começar a descida que machucou os joelhos. O motivo, como é comum acontecer na RAAM, foi dos mais prosaicos: uma ida ao banheiro.

Pense em quantas vezes ao dia você precisa usar o vaso sanitário. Pessoas com funcionamento regular do intestino têm uma média de uma evacuação diária. E as que seguem a recomendação médica de beber entre dois e três litros de água precisam urinar pelo menos uma vez por litro. Multiplique tudo isso por quase 12 dias em constante movimento por 4.800 quilômetros de estrada – levando ainda em conta que os ciclistas que disputam a RAAM têm as funções vitais afetadas pelo constante esforço físico, não conseguem se alimentar em horários regulares e se hidratam o tempo todo – e o resultado é uma confusão danada.

Dani procurava adequar suas idas ao banheiro a lugares onde eles efetivamente existissem – hotéis, postos de gasolina ou o motor home, apesar do trabalho que dava cuidar do vaso sanitário numa casa sobre rodas. Mas nem sempre era possível. Na verdade, muitas vezes não era possível. Segurar a vontade de evacuar ou urinar causa desconforto em qualquer um, que dirá em quem está pedalando 20 horas por dia contra o relógio. Então, vira e mexe o jeito era apelar para o matinho na beira da estrada mesmo – quando havia, porque no deserto, por exemplo, nem isso.

Por sorte, dois membros da família estavam na equipe, o que pelo menos diminuía o constrangimento de pedir ajuda – e uma mulher toda equipada de ciclista e com pressa para



voltar à estrada não tem muito como se virar sozinha. “Toda hora respingava no meu pé. Acabei me acostumando”, diz Alexandre, o marido. “Esqueci o nojo”, completa Julia, a filha.

Cabia a eles não apenas auxiliar na limpeza, à base de papel higiênico e lençinhos para bebê, mas também sustentar a posição. Nos momentos mais difíceis, Dani precisava dobrar os joelhos a 90 graus, apoiada pelos braços por Alexandre ou Julia. Não deveria ser nada demais para alguém com músculos de atleta – se a musculatura não estivesse castigada pelas pedaladas. E foi numa dessas que deu errado.

“Estava muito apertada para um número dois”, conta Dani, que hoje consegue se divertir com a história. “Só montanha, nenhum banheiro, o motor home tinha ido por outra rota... Foi no matinho mesmo.” Amparada por Alexandre, acorou-se e acabou fazendo uma hiperflexão. Os dois joelhos doeram muito na hora, mas o aquecimento dos movimentos sobre a bicicleta fez com que voltassem ao normal – só iriam reclamar de novo mais tarde, em outra etapa.

Era o que Dani precisava para encarar a segunda subida do dia e cumprir sua primeira meta na RAAM.

TAOS É O NOME DE UM TIPO DE MADEIRA VERMELHA na língua indígena tiwa. Com ele foi batizada uma aldeia dessa etnia no norte do estado americano do Novo México e quase tudo à sua volta: o condado que a abriga, a cidade-sede, com seus menos de cinco mil habitantes, e uma estação de esqui. Dani passou por lá no verão, e de qualquer forma não teria tempo de expe-



rimentar uma das modalidades à disposição – downhill e cross country. Pôde, sim, curtir a linda vista que a região oferece de uma das Montanhas Rochosas, também chamada de Taos – embora a cordilheira só fique coberta de neve, como aparece na maioria das fotos, no inverno.

O que Dani buscava naquelas redondezas – assim como todos os participantes da RAAM – eram números. Em Taos ficava o posto de controle 18 da edição de 2009. Até ali, tinham sido percorridas 1.044,1 milhas, o equivalente a 1.680,32 quilômetros – pouco mais de um terço da distância total da prova. Por causa dessa localização, a cidade foi escolhida como o primeiro ponto de corte: era preciso chegar abaixo de um tempo determinado por categoria e faixa etária para poder continuar na prova.

A sul-africana Michelle Santilhano não conseguiu. Com dores nas pernas, percebeu que teria muitas dificuldades para chegar a Taos dentro do limite de tempo. De Pagosa Springs, cidade do Colorado onde ficava um posto de controle, ligou para a organização da prova e anunciou sua desistência. A primeira a chegar foi a americana Janet Christiansen; a última, a inglesa Ann Wooldridge.

Entre elas, às 14:36 daquela tarde, ainda sob chuva forte, passou Dani, com uma confortável margem de sete horas abaixo do tal ponto de corte. Receber a notícia depois de um dia inteiro de chuva e dores nos joelhos foi revigorante. Agora ela só queria saber quais eram as próximas etapas.



PARA SABER OS PRÓXIMOS PASSOS QUE DARIA em sua travessia, Dani tinha de consultar Jean Todt. Não o francês que hoje dirige a Federação Internacional de Automobilismo e ainda faz parte do quadro de executivos da Ferrari, mas um carioca de 53 anos que ganhou o apelido em sua homenagem. Alexandre Abreu foi escolhido para ser o chefe da equipe na RAAM por ser tão metuculoso e detalhista quanto um dos mais famosos chefes de equipe da Fórmula 1. Cuidou de toda a parte burocrática, recebendo e entregando documentos à organização da prova, e dividiu a responsabilidade pela navegação com Rafael Campos, que ocupava o posto de capitão. “Eu tinha mais facilidade para me manter acordado, por isso fiquei com o período da noite e o Rafael, com o do dia”, explica.

Engenheiro, professor de planejamento estratégico e sistemas de informação, Abreu tem larga experiência em corridas de aventura – muitas delas com Dani, que por isso mesmo lhe fez o convite, durante uma festa de réveillon na casa de amigos. Já atravessou o Alasca numa expedição de Hummers, veículos militares americanos. Mas nunca tinha enfrentado uma navegação tão complexa. “Por mais que a gente planejasse, a realidade sempre era muito diferente”, explica. “O fator humano é importante demais numa prova tão longa.”

A solução para lidar com essa complexidade foi acrescentar à parafernália eletrônica que a equipe carregava a bordo o que Abreu chama de “tecla solve” – um botão imaginário cujo nome vem do inglês resolver, solucionar. “Fica no hardware interno da cabeça de cada um”, brinca. Para provar a importância desse “equipamento”, fez uma pegadinha, ainda na Brasil. Durante uma prova, pediu aos membros mais fortes



da equipe que abrissem uma tampa de seu carro – um Land Rover, que tem a lógica inglesa, toda invertida. Ninguém conseguiu. Só quando ele mostrou que o certo era girar para o outro lado é que todos se deram conta de que nem sempre o pensamento convencional dá conta do recado.

Por isso mesmo, o race book de Abreu era, como ele define, “todo macetado” – cheio de indicações que traduziam as indicações da linguagem oficial da prova para uma que ele poderia entender rapidamente. E ele tinha a mesma preocupação com a clareza na hora de passar as informações. Seu jeito pausado de anunciar em voz alta cada curva do caminho provocaria uma das maiores crises de riso de Dani durante a travessia. Descansando num posto de gasolina enquanto a equipe tentava se localizar depois de um erro, ela e o mecânico How How começaram a imitá-lo e não conseguiram se controlar. A combinação das gargalhadas com a musculatura abdominal enfraquecida pelo esforço e a hidratação constante fariam com que ela tivesse de trocar a bermuda duas vezes. “Entendi o recado: na comunicação com a Dani, bastava dizer direita, esquerda ou em frente”, diz, com bom humor.

E ela obedecia, mesmo que pudesse estar desconfiada – como num dia em que só ele tinha anotado uma errata passada por telefone pela organização da RAAM. Todos hesitaram achando que o caminho estava errado e no fim respiraram aliviados ao encontrar a escola e a igreja indicadas no race book, às quais nunca teriam chegado seguindo apenas as indicações impressas. Dani tratava Abreu com o respeito que os pilotos da Ferrari dedicavam a Jean Todt, e foi a ele que se dirigiu no momento de maior pessimismo dos primeiros dias da pro-



va, quando parou para dormir na altitude de Chama, no Novo México. A seu lado, conferiu as subidas que teria de enfrentar no dia seguinte e conseguiu se concentrar novamente na prova.

A ESTRADA QUE SAI DE TAOS E SEGUE ATÉ SPRINGER, também no Novo México, apresentou um espetáculo da natureza capaz de fazer Dani se esquecer um pouco das dificuldades que enfrentara até ali e da briga que se iniciava pela liderança da prova. A chuva deu uma trégua e o sol iluminou um caminho sinuoso, com vegetação rica, rios, lagos e montanhas – algumas até com neve no topo.

A primeira impressão de quem pensa numa travessia de costa a costa dos Estados Unidos pode ser a de uma sucessão de lindas paisagens, como no trecho do filme “Forrest Gump” em que o personagem principal cruza o país várias vezes, correndo. De fato, o país está repleto delas, mas a RAAM não é um passeio turístico. O trajeto de Oceanside a Annapolis é repleto de trechos tediosos – não só sobre a areia do deserto e entre os campos de trigo e milho, mas também em áreas urbanas cuja maior atração é um hipermercado.

Talvez por isso, mas também pela sensação de dever cumprido depois de passar por Taos, Dani se lembre vivamente de muito do que viu nesse trajeto: na subida, uma floresta com pinheiros enormes, de onde parecia que a qualquer momento sairia um urso; na parada para um lanche, a beira de um rio que ela chamou de lugar mágico, pela alegria que parecia causar



à equipe; na descida, outro trecho de rio, com pescadores enfiados até os joelhos na água cristalina que parecia congelante.

O trecho seguinte, até Clayton, já pertinho da divisa com o Kansas, seria bem mais longo e sem cidades pelo caminho. Dani teria então de passar sua segunda noite no motor home. Mas dessa vez tudo estava mais planejado: alguns integrantes seguiriam até Clayton para dormir num hotel; outros ficariam com ela para partir ainda de madrugada. O deserto do Arizona e as montanhas do Colorado tinham ficado para trás. O primeiro corte de tempo, em Taos, fora um sucesso.

Um céu estrelado abrigou à beira da estrada uma equipe confiante, sentindo-se pronta para os outros dois terços da RAAM.





Alexandre Abreu e mestre no frio do New Mexico



Alexandre Abreu





7

ALEXANDRE MEU PORTO SEGURO

21 de junho de 2009. De Clayton (NM) a Plains (KS)

ANTES DO NASCER DO SOL, DANI JÁ PEDALAVA na direção do Kansas. Começava uma nova etapa na RAAM, e o pior parecia ter passado. A empolgação do momento chegava aos pedais: no primeiro posto de controle no novo estado, atingiu sua maior velocidade média na prova, 32,6km/h, marca que não conseguiria superar até a linha de chegada. Ao fim daquele dia, teria pedalado 460 quilômetros, também sua melhor marca em toda a travessia.

Por que, então, brigar com o marido numa hora dessas? Nem Dani sabe explicar. Ela só se lembra do que fez: numa parada para reabastecimento, Alexandre estava brincando com uma lata de filtro solar em spray e borrifou um pouquinho nela. A resposta, meio de reflexo, foi atirar nele o que estava à mão – no caso, o conteúdo de um copo de água de coco.



“O carro de apoio estava enlouquecido com a minha média, só que eu me sentia irritada, imaginando o que seria de mim nos próximos três dias de plantação”, ela argumenta. “Descarreguei... E em quem poderia ser? No marido, claro!”

Não era o primeiro e nem seria o último desentendimento dos dois ao longo da prova – a própria Dani admite que o marido era seu primeiro alvo para descontar o nervosismo e as frustrações. Mas dessa vez Alexandre endureceu. Não aceitou os insistentes pedidos de desculpas, disse para a mulher ir tratar de pedalar e voltou para o volante do carro de apoio – que não largara desde o início da prova, negando todos os pedidos de revezamento até então.

“O ALEXANDRE SE SUPEROU MUITO”, reconhece Dani. E não se refere ao fato de o marido ter dirigido – e acabado com o estoque de Red Bull do carro de apoio – durante praticamente todo o tempo em que ela pedalava, da costa da Califórnia até a planície do Kansas. Difícil mesmo era ter de compartilhar um pouco da intimidade da mulher com até outras dez pessoas. As idas ao banheiro (ou assemelhados) ainda eram acompanhadas apenas por ele e sua filha Julia, mas em outros momentos não era possível manter tudo em família.

Dani se lembra, por exemplo, do momento em que acabara de atravessar a tempestade no deserto, saindo do Arizona para Utah. “Quando acabou, eu só queria tomar um banho, e o melhor que consegui foi usar a pia de um posto de gasolina.” Era difícil saber o que deixava Alexandre mais incomodado:



ver a mulher se lavar sem ter muito como preservar a intimidade ou contemplar seu frágil aspecto físico depois de horas sobre a bicicleta, as últimas atravessando rajadas de vento e areia.

Mas foi uma exceção. Ao longo do trajeto da RAAM, Dani procurava deixar o banho para os lugares que oferecessem algum conforto. A hora preferida era antes dos exercícios de relaxamento com o mestre de ioga Orlando Cani. Ela chegava ao hotel e entrava no chuveiro enquanto ele preparava o quarto com cobertores para os exercícios. Foi a combinação que lhe valeu as melhores horas de sono.

Ao longo do dia, era mais complicado. Primeiro, porque não havia garantia de que a equipe encontraria um lugar decente. Segundo, porque trocar de bermuda, com o estado cada vez pior das três bolhas de sangue na virilha que a acompanhavam desde a passagem pelo deserto, ia se tornando uma tarefa cada vez mais complicada.

E nos últimos dias ainda havia o fator pressa. “Eu só queria saber de completar a prova, não dava nem tempo de parar para pensar em tomar banho ou trocar de roupa”, recorda. Para Alexandre, que admite ter uma formação machista, um pouco por causa da família, um pouco por causa do universo do esporte que pratica, foi melhor assim: “Quando ela tinha de tomar aqueles banhos improvisados, eu saía de perto para não me irritar.”

DANI PEDALAVA PELAS PLANÍCIES DO KANSAS tomada de um amor incondicional pelo marido e pela família. Pensando na briga com Alexandre, lembrou-se de um momento em que,



sentindo-se fraca ao sair do calor do deserto para o frio da noite, desabafava com ele e ouviu uma frase que se tornaria um mantra a embalar os trechos mais difíceis: “Dani, você está fazendo o que sempre quis. Pedala com amor.”

Era com esse amor que chamava o carro de apoio a todo momento, mas não para pedir água, comida ou descanso. Só queria fazer as pazes. Alexandre, encarnando o lutador de jiu-jítsu durão, mal abria a janela. Fazia um gesto brusco e dizia para que ela continuasse pedalando. Mas, lá dentro, se divertia. Olhava para os outros membros da equipe e dizia: “Estou aqui trabalhando para a minha mulher e ainda levo água de coco na cara.”

Dani retomava o rumo com a convicção de que a briga terminaria por ali. Conhecia Alexandre há tempo suficiente para saber disso.

ALEXANDRE GENOVESI É CONHECIDO COMO GIGI no mundo do jiu-jítsu graças a uma combinação muito comum na criação de apelidos: um motivo aleatório e uma reação irritada. Durante um torneio, os lutadores Jacaré e Fábio Gurgel inventaram que ele vinha de Sergipe e confundiram ainda mais o locutor do evento, que já tinha a maior dificuldade de pronunciar corretamente seu sobrenome. De uma mistura inusitada de Sergipe e Genovesi surgiu Gigi, e ele não gostou. Foi o que bastou para colar.

Já rebatizado de Gigi, Alexandre conheceu Daniela em 1988. Era lutador de jiu-jítsu e ela, vinda do bodyboard, dava



seus primeiros passos no esporte. Frequentavam a mesma academia e logo começaram a se ver. Ele não dá detalhes de como tudo começou. Faz-se de esquecido, aparentemente para manter a fama de durão. Mas é só perguntar sobre a Dani atleta que os elogios começam a brotar. “Além da aptidão física e das características genéticas, ela tem muita vontade de vencer e garra para treinar”, declama. “Às vezes os treinos são mais duros do que a prova, e ela, que é muito caxias, passa pelas dificuldades pensando em tudo o que teve de fazer para chegar lá.”

Quem diz tudo isso não é só o marido, mas também o técnico. Logo depois que Alexandre e Dani começaram a namorar, ela quis levar o jiu-jítsu a sério – como acontece com tudo aquilo em que se envolve – e se inscrever em competições. Transformou o namorado em professor, o que gerou sucesso nos tatames mas também alguns desentendimentos fora dele. “É normal misturar um pouco”, concede.

A participação de Alexandre na RAAM não fugiu a essa regra. Ele diz que teve de ser convencido a participar. Já tinha acompanhado Dani em algumas corridas, mas para se dedicar integralmente ao período de treinos e à prova precisaria ficar um mês fora de sua academia – e exposto diariamente a situações como a que acabou com o banho de água de coco. No fim, topou, mas ela sabia que teria de ser do jeito dele.

Alexandre não tinha planejado dirigir o carro de apoio sem parar. Simplesmente não conseguiu largar o volante, tomado pela preocupação de que alguma coisa acontecesse á mulher, que pedalava à sua frente. Tanto cuidado fez até com que a equipe sofresse uma punição: ela parou de repente, ele quis ver



o que tinha acontecido e estacionou o veículo no acostamento – a apenas 1,10m da pista, bem menos do que o mínimo de 1,50m exigido pelo regulamento da prova.

Só mais tarde ele soube que a equipe fizera uma reunião para tirá-lo do carro de apoio, mandando-o para uma posição mais confortável no motor home. Mas não se incomodou. “Eu não era chefe de equipe, mas todo mundo me respeitava, era o marido da Dani”, diz.

No dia seguinte ao da briga no Kansas, Crico e Roberta, amigos de Dani que ele conhecia bem, se juntariam à equipe. E Alexandre finalmente cederia o volante.

“Podem dizer que com o tempo as pessoas mudam, mas ele não, graças a Deus”, diz Dani, nem um pouco econômica nos elogios ao marido. “Amo o seu jeito de ser. Duro, bronco, mas alegre, engraçado, alto-astral, brincalhão. E também íntegro, sério, honesto... Mas se bobear com ele no baralho, dá umas roubadinhas!” Bastaram três anos para que essa combinação de qualidades a levasse ao altar. Alexandre, na época, era desenhista industrial da agência de publicidade DPZ. Perdeu o emprego perto do casamento. Nos três primeiros meses de vida em comum, o casal viveu de revender as bebidas que comprara para a festa – que tivera de ser cancelada – para o padrasto dela, gerente de um hotel em Búzios. E foi justamente durante esse período que surgiu a notícia da primeira gravidez.

As dificuldades da RAAM estavam longe de ser as primeiras que Dani e Alexandre enfrentavam juntos.



TALVEZ TENHA SIDO O AMOR INCONDICIONAL com que pedalou depois de brigar com Alexandre, ou a proximidade da chegada de Crico e Roberta, ou a motivação de ter passado pelo primeiro ponto de corte bem abaixo do tempo, ou simplesmente o fato de que as estradas do Kansas são tão retas quanto longas e tediosas. O fato é que Dani não diminuiu o ritmo com que começara o dia.

O planejamento da equipe previa outra noite de sono no motor home à beira da estrada, assim que ela atingisse a marca de 400 quilômetros pedalados no dia. Mas, no embalo em que estava, Dani acrescentou os pouco menos de 30 que faltavam até Greensburg – cidade de pouco mais de 1.500 habitantes que tivera 95% de sua área devastada por um tornado dois anos antes.

Por sorte, a reconstrução já estava adiantada e havia um hotel com vaga. Era mais uma noite de céu estrelado, mas o calor do Kansas não convidava para apreciá-lo ao ar livre. Melhor dormir mais uma noite num quarto com cama e ar condicionado, pequenos luxos que fazem uma diferença enorme na RAAM.



Eu e Alexandre depois da tempestade de areia





Mestre tentando tranquilizar Alexandre



SEMPRE ao meu lado





8

GO GENOVESI GO

22 de junho de 2009. De Greensburg (KS) a Ft Scott (KS)

ATLETAS NORMALMENTE NÃO TÊM TEMPO para se deitar sobre os louros da vitória – desde os tempos da Grécia antiga, quando os galhos da folha que hoje é usada como tempero se transformavam em coroas para os campeões olímpicos. Séculos depois, na RAAM, Dani Genovesi sequer tinha tempo de se deitar sobre um colchão, que dirá sobre o significado dessa expressão. As conquistas de um dia já não significavam nada na manhã seguinte, quando ela acordava, fazia o trabalho de alongamento com o mestre Orlando Cani e subia na bicicleta – mesmo se todos achassem que sabiam o que a aguardava na estrada.

O Kansas foi talvez o melhor retrato dessa situação. Se o primeiro dia no estado foi marcado por uma sensação de recomeço e pelo bom rendimento, o segundo – em estradas e



condições climáticas exatamente iguais – trouxe um choque de realidade: Dani estava enfrentando o trecho com as características geográficas mais duras da RAAM. O calor constante de 35 graus Celsius foi considerado pior do que o do deserto do Arizona pelo médico da equipe, João Felipe. E a monotonia das planícies começava a se tornar um desafio no aspecto psicológico.

“Ali tive a sensação de que os Estados Unidos são um lote gigante”, compara Dani. Ela até tinha treinado para enfrentar esse tipo de situação. Chegou a pedalar das cinco da manhã às sete da noite pelos arredores de Magé, na região metropolitana do Rio de Janeiro, um trecho plano e monótono onde também faz muito calor. Mas seria impossível reproduzir as condições de estresse depois de seis dias na mais dura competição de ciclismo do mundo.

“Estava de saco cheio de pedalar”, resume Dani, sem meias palavras. “Parava a cada duas horas, por qualquer motivo.” Numa dessas paradas, ela resolveu acessar pela primeira vez durante a prova seu site oficial, que tinha um mural para que os internautas pudessem postar mensagens de apoio. A leitura acabou tendo um efeito inesperado: “Tinha gente que eu não via há muito tempo, parentes, amigos... Fiquei impressionada ao ver quantas pessoas estavam me acompanhando, me emocionei demais e resolvi não ler mais, para não perder o foco.”

Talvez por achar que já tinha perdido muito tempo, talvez para recuperar o foco perdido, Dani não quis fazer a principal parada prevista para o dia: uma hora de descanso, durante a qual poderia fazer como os membros da equipe, que disputavam um lugar dentro do motor home, com seus dois aparelhos



de ar condicionado ligados na capacidade máxima. Só mesmo na hora do almoço é que ela ganhou a motivação de que precisava para completar o dia – mas não por causa do cardíaco.

DANI EMBARCOU PARA OS ESTADOS UNIDOS com um rigoroso planejamento de alimentação, elaborado pelo endocrinologista, nutrólogo e professor de educação física Oswino Pena, que a acompanha desde os tempos do jiu-jítsu. Oswino participou do processo de preparação para entender suas necessidades. Três meses antes da RAAM, ela já fazia uma dieta bem parecida com a que a acompanharia na travessia – a maior diferença nos dias de competição foi o incremento na quantidade de líquidos. “Eu me senti segura e confortável com o que comia e bebia”, recorda. “Não fiquei doente, perdi peso apenas no início e mesmo assim foi pouco.”

Oswino – que continuou seu trabalho durante a prova, monitorando a participação da pupila pelo rádio e intervindo em momentos cruciais, como quando receitou polivitamínicos para compensar as perdas causadas pela menstruação – concluiu que Dani teria de fazer seis refeições diárias, sem gorduras ou frituras, entremeadas pelos shakes de proteínas e carboidratos que acompanhavam a água e os isotônicos na hidratação. Tudo muito equilibrado, para repor um gasto calórico estimado entre seis e oito mil calorias. Descrevendo assim, pode parecer uma sequência de grelhados e saladinhas. Mas não dá para ser light o tempo todo pedalando por estradas desertas na terra da fast food: uma de suas pedidas preferidas era um sanduíche da rede de lanchonetes Subway.



“Adoro um sanduíche”, confessa a superatleta. “Quando estávamos em San Diego, nos preparando para a largada, passava toda hora na TV o anúncio de um lançamento da Subway, de frango picadinho com salada e queijo.” Ao longo do caminho, Dani comentou várias vezes com a filha Julia, a principal responsável por sua alimentação, que aquele deveria ser bom: “Sempre que via um outdoor com o anúncio dava água na boca.” Até que um dia, no meio do deserto do Arizona, o que elas viram foi uma placa indicando que a cidadezinha mais próxima – um pouquinho fora da rota – tinha uma franquia da lanchonete. Com autorização do chefe Alexandre Abreu, a equipe fez um pequeno desvio e o desejo finalmente foi saciado.

Desde a primeira refeição na RAAM, preparada no motor home por Julia, já tinha ficado claro que não haveria tempo e estrutura para cardápios refinados. Uma hora antes da largada, em Oceanside, Dani comeu um macarrão instantâneo com cubos de frango que define como tendo “gosto de nada”. À equipe também não restava muita escolha: nesse dia, como não havia a certeza de encontrar um restaurante no caminho, o carro de apoio foi abarrotado de sanduíches no primeiro McDonald’s.

A lógica das refeições era parecida com a das noites de sono: se fosse possível encontrar um restaurante para almoçar ou jantar, a equipe parava, por mais exótico que fosse o lugar. No primeiro dia de prova, por exemplo, foi um cassino. Dani causou sensação ao chegar, toda paramentada de ciclista, tendo trocado apenas as sapatilhas por chinelos, em meio às velhinhas que enchiam os caça-níqueis. Quando nem isso



havia, a solução era cozinhar no motor home. A chef Julia tinha alguma experiência em casa, mas precisou enfrentar um novo desafio: “Eu sempre me virei, mas cozinhando só para mim. Preparar comida para dez pessoas era muito diferente.”

Se dependesse de Dani, a filha nem precisaria ter tanto trabalho. Um sanduíche do Subway com suco de uva, cardápio do jantar de sua primeira noite no Kansas, era tudo de que precisava para se sentir satisfeita. Mas nem isso era fácil. No dia seguinte, ela quis repetir a pedida e a equipe não conseguiu encontrar uma franquia da lanchonete ao longo de quilômetros de estrada deserta. O pedido teve de ser trocado por uma pizza – rapidamente devorada, sem reclamação.

Comer depressa era a primeira preocupação – e a isso pizzas e sanduíches se prestavam perfeitamente. Mas claro que também era importante comer bem, para sustentar o esforço de 20 horas diárias de pedaladas. Em todas as paradas, Dani tinha várias opções à disposição para um lanche saudável. E para isso foi fundamental a participação de Ana Abreu, mulher do chefe Alexandre: ela não pôde participar da prova, mas esteve em Oceanside antes da largada, levou Julia às compras e encheu o carro de apoio e o motor home de mantimentos – todos devidamente etiquetados para que fosse fácil encontrá-los na hora de preparar uma refeição. “Tudo estava fácil de pegar, não faltava nada”, elogia a gourmand.

Um dia típico de Dani na RAAM tinha um cardápio mais ou menos assim: no café da manhã, sanduíche de peru com cream cheese, shake de iogurte com banana e café preto; no lanche da manhã, banana, mel, granola, isotônico e barra de cereal ou torrada (ou ambos); no almoço, arroz, batata, legu-



mes e frango, ou macarrão com tomate e frango (sempre regados com muito azeite, por sugestão do capitão Rafael Campos); no lanche da tarde, barras de proteína, mini-sanduíches e suco; no jantar, algo parecido com o almoço, com concessões a sanduíches do Subway e pizza (só frituras eram terminantemente proibidas); e antes de dormir, shake de proteína.

A última refeição era sempre a pior para Dani. Ela detestava o gosto do shake, e Julia tinha de apelar para a criatividade para disfarçar.

Mas, de um jeito ou de outro, descia tudo. O Ensure, outro tipo de shake (muito usado por idosos nos Estados Unidos e incorporado por sugestão de João Felipe, o médico da equipe), era mais fácil de beber e vinha em garrafinhas plásticas como as de alguns iogurtes no Brasil. Virou a bebida preferida de Dani e de toda a equipe.

Além dele, o cardápio previa gel de carboidratos de diversos sabores e marcas ou sorvete – quando estava muito quente – entre as refeições. “A cada 20 ou 30 minutos estava colocando algo para dentro, sólido ou líquido”, relembra Dani. “Acho que foi por isso que depois da RAAM fiquei com a boca nervosa, querendo sempre mastigar alguma coisa. Tive de me controlar para não passar do peso, passei uns dois meses muito gulosa.”

O ALMOÇO DO SEGUNDO DIA NO KANSAS teve como cenário um posto de gasolina. Dani estava de bom humor, apesar de não ter conseguido repetir o pedido de Subway. Pouco antes da parada, ela tinha recebido a notícia da chegada de Crico e



Roberta, seus amigos e companheiros de corrida de aventura. Já estava combinado que eles só se juntariam à equipe no meio da prova, mas o desembarque do casal no aeroporto de Wichita – bem perto da metade do percurso total da RAAM, atingido entre os postos de controle de Pratt e Maize – teve o impacto de uma grande novidade.

Assim que soube da presença deles, Dani pediu para parar. Desceu da bicicleta, mas não queria comer, beber ou descansar, só abraçar os amigos e tirar muitas fotos com a equipe, agora completa. Esse reabastecimento emocional mostrou-se ainda mais importante do que alimentação, hidratação e repouso. E veio na hora certa: pouco antes do almoço no posto de gasolina, Rafael Campos, o capitão da equipe, tinha cometido seu primeiro e único erro na prova.

“Era uma estrada movimentada e tínhamos de pegar uma saída”, recorda Dani. “Passamos e tive de pedalar uns três ou quatro quilômetros até o próximo retorno. Ninguém me avisou, mas vi que estávamos voltando muito e percebi que era um erro.” No total, foram cerca de dez quilômetros – mais a correria de praxe para avisar à organização da prova que a equipe não estava pegando um atalho. Mas a atleta não interpelou seu capitão, como fazia em todos os trechos em que achava que algo não tinha saído como planejado.

“Sei muito bem o que representa para um atleta cometer um erro”, diz Dani. “Quando acontece comigo, só quero ficar calada, e imaginei que era disso o que o Rafael precisava naquele momento.”



O EMPRESÁRIO RAFAEL CAMPOS, OFICIAL DA RESERVA do exército, era talvez o integrante mais admirado da equipe de Dani. No mundo dos esportes radicais – com o qual todos ali tinham alguma identificação – ele é conhecido como um dos maiores atletas de corridas de aventura do Brasil. Se você joga tênis, a comparação é fácil: imagine ter o Guga como treinador em seu próximo campeonato. “Quando me ofereceram o posto de chefe, perguntei: vocês estão loucos?”, relembra Alexandre Abreu, que dividiu com ele a responsabilidade pela navegação. “O Rafael já está no time, e na nossa área ele é um guru.”

Mas o guru já tinha outro papel importante a desempenhar, o de capitão. Foi Crico, amigo e companheiro de corridas de aventura, quem o indicou. “A Dani mesmo eu só conhecia de oi e tchau”, recorda Rafael, que não chegou a participar de uma prova com a equipe antes da RAAM, apenas dos dois dias de treino pelas estradas do Rio. “Conhecia poucas pessoas, era o único paulista entre vários cariocas. O respeito que todos tinham por mim como atleta acabou sendo fundamental para que pudesse exercer uma função de comando.”

E Rafael esteve no comando, o tempo todo – ou quase. “Foram poucos os episódios de desentendimento, e nós os resolvíamos rapidamente”, garante. O único que poderia ter sido considerado uma quebra de hierarquia foi a recusa de Alexandre, marido de Dani, a largar o volante do carro de apoio durante os primeiros dias de prova. Mas a paciência se mostrou a melhor solução: “Ele tomava as decisões mais pelo lado emocional, o que é normal. Estava preocupado com o que podia acontecer à sua mulher.



Com o tempo, foi se sentindo mais à vontade, e num dia em que o deixamos descansando um pouco mais no hotel, finalmente cedeu.”

A posição de Alexandre no carro afetava, mais do que o comando, o trabalho de Rafael. Além de cuidar das planilhas de navegação durante o dia, era dele a responsabilidade por todo o planejamento logístico. “Era eu que estabelecia os horários das paradas, das refeições, do descanso”, explica. “Isso era muito importante não só para manter o ritmo da Dani na prova, mas também para a dinâmica da equipe.”

Dividir dez pessoas entre dois carros, coordenando funções e horários de refeição e repouso, acabou se revelando muito mais complexo do que participar de corridas de aventura. “Na equipe de apoio, não tinha o desgaste físico que estava acostumado a enfrentar como atleta”, compara. “Mesmo assim, posso dizer que foi a prova mais difícil de que já participei.”

Foi justamente o desgaste maior que se sofre numa equipe de apoio da RAAM – o mental – que levou Rafael a errar naquele dia. “Era um trecho fácil, eu só tinha de indicar uma saída numa estrada reta”, recorda. “Mas estava envolvido com outras funções, atualizando a planilha, e simplesmente deixei passar.” Ver seu admirado capitão cometer uma falha serviu de alerta para toda a equipe: o cansaço estava batendo. “Levei uns dois dias me corroendo por dentro e me esforçando para não passar esse sentimento para a equipe.”



NAQUELE MESMO DIA, O CAPITÃO RAFAEL CAMPOS teria uma comprovação de que o cansaço desempenhara papel importante em seu erro. Pouco depois de assumir a navegação, no período da tarde, Alexandre Abreu, o chefe da equipe, também cometeu uma falha. Dani estava saindo de El Dorado, o posto de controle onde Roberta e Crico – ele já no carro de apoio, para começar a se ambientar com a navegação e entrar no rodízio – tinham alcançado a equipe. “Minutos depois, entramos numa highway e o Abreu começou a gritar para eu parar”, ela recorda.

Muito menos por causa dos erros do que pelas condições que teve de enfrentar em seu segundo dia no Kansas, Dani chegou “no bagaço”, como define, a Fort Scott, o último posto de controle no estado – mais uma cidadezinha no percurso da RAAM, com seus pouco mais de oito mil habitantes e as atrações turísticas que os ciclistas não têm tempo de ver: o forte que lhe deu nome, o último na fronteira do chamado território indígena nos tempos do Velho Oeste; um centro histórico destruído por um incêndio em 2005; e a casa de Elmer Verner McCollum, o descobridor da vitamina A.

No fim de uma noite ainda marcada pelo calor – que fizera com que quatro competidores desistissem ao longo do dia, abatidos pela desidratação –, tudo o que Dani viu foi o cartaz que uma moradora de Fort Scott fez em sua homenagem. Era uma garota de 12 anos, que a vira passar pela janela do carro da mãe e escrevera “Go Genovesi go” numa folha de cartolina.

Foi Julia quem fez com que o cartaz chegasse às mãos da mãe. Dani prometeu dar uma camiseta autografada à nova fã – seria seu primeiro autógrafa –, e naquele momento parecia



ter atingido o limite de emoção que era capaz de suportar num dia marcado também pelo extremo desgaste físico. Mais uma vez, mal chegou ao fim da sessão de relaxamento com o mestre Orlando Cani, apagou.





Ajustes finais antes da largada



Raphael e Juju





Hora do jantar, hora da festa! PIZZAAAAA





9

ESTRATÉGIA E ARTIFÍCIOS

23 de junho de 2009. De Weaubleu (MO) a Washington (MO)

O QUE VOCÊ FEZ NA ÚLTIMA SEMANA? Essa medida de tempo é tão poderosa que foi com ela que os hebreus contaram, na Bíblia, a história da criação do mundo. Duas horas depois de passar por Osage Beach, no estado americano de Missouri, Dani Genovesi completou exatamente sete dias na RAAM. Tinha saído da praia, atravessado o deserto, subido e descido montanhas, enfrentado frio e calor. E ainda faltavam mais de mil milhas – ou uns 1.600 quilômetros – para cruzar a linha de chegada.

Dani considerou o Missouri uma continuação do Kansas, no que se refere às condições de prova – uma sucessão de planícies monótonas e calorentas. A diferença estava na presença cada vez mais constante de centros urbanos, substituindo aos



poucos os campos de milho, trigo e aveia. E na água: cortado pelos rios Missouri – que lhe dá nome – e Mississipi, o estado que ela atravessou no dia 23 de junho tinha grandes lagos naturais e represas artificiais. Naquele trecho da prova, os ciclistas da RAAM pedalavam basicamente sobre pântanos aterrados e pontes, muitas pontes.

Ao atingir uma marca como essa, é normal fazer avaliações. Dani passou por uma revisão médica que revelou um bom estado geral de saúde. Estava mantendo o peso, o que mostrava que as calorias perdidas com as pedaladas eram adequadamente repostas; também não dava sinais de fadiga, revelando assim aproveitar bem as poucas horas de sono; e mantinha, na maior parte do tempo, um ótimo humor – a equipe se assustara ao saber que o líder da prova no masculino chegara a um tal estado de estresse físico e mental que chegava a ter alucinações sobre a bicicleta.

O equipamento também precisava ser verificado. Atravessar os Estados Unidos em pouco mais de 11 dias, observando um regulamento muito rigoroso com relação ao papel das equipes de apoio, transforma a RAAM numa espécie de rali de regularidade em baixa velocidade para o carro de apoio e o motor home. O abastecimento – especialmente deste último, um notório beerrão – era parte importante da planilha de planejamento da prova. Ficar sem gasolina à beira da estrada causaria um grande prejuízo a Dani, assim como um pneu furado ou um motor fundido. Mas tudo funcionava perfeitamente.

E há, claro, outro equipamento que a qualquer momento pode deixar uma ciclista a pé – ou levá-la vitoriosamente à linha de chegada.



DANI SAIU DO BRASIL COM TRÊS BICICLETAS NA BAGAGEM – enorme e dividida entre todos os membros da equipe para evitar sobretaxa por excesso de peso. Eram todas da Specialized, uma das marcas mais respeitadas entre os ciclistas. No Kansas e no Missouri, usou principalmente o modelo contra-relógio, com características de velocidade apropriadas para os longos trechos planos. Sua bike preferida era a Tarmac, de apenas 7,2 quilos, boa para subidas – a especialidade da casa. Havia ainda um modelo mais adaptado ao estilo feminino, chamado de Ruby, reservado para os momentos em que ela precisava pedalar mais relaxada, numa espécie de descanso em movimento.

A bicicleta favorita de Dani foi integralmente bancada por seu patrocinador; as outras duas, cedidas pelo fabricante, por meio de um acordo de marketing. Juntas, as três compunham um equipamento de ponta. Ao longo da prova, a equipe ia comparando sua estrutura com a das adversárias, e a conclusão unânime foi de que não estava devendo nada a ninguém. “Estava com uma estrutura muito, muito boa. Meu patrocinador, a Cimento Tupi, me deixou com um material de primeira linha”, ela elogia. “Olhava para a bike, chamava o How How e dizia: How, olha o foguete! E ríamos felizes.”

Qualquer ciclista de fim de semana sabe que há grandes diferenças entre uma bicicleta de velocidade e uma mountain bike, mas numa prova como a RAAM é preciso prestar atenção a detalhes bem menores. Todos os quadros eram feitos de fibra de carbono, mas a angulatura, por exemplo, era diferente, e afetava de determinada maneira o desempenho de Dani em cada trecho da prova.



A equipe saiu do Brasil com um planejamento completo para o uso de cada modelo de bicicleta (enquanto as outras duas seguiam sobre o carro de apoio), baseado principalmente na altimetria da prova. Mas é claro que muitas vezes a sensibilidade da ciclista influenciava na escolha, e a planilha de trocas sofria alterações. Seguir essa rotina garantiu que o equipamento não sofresse qualquer revés mais sério ao longo dos mais de 4.800 quilômetros da travessia.

O MISSOURI LEVAVA A UM MARCO DA RAAM: o segundo ponto de corte, no posto de controle 34, já no estado de Illinois, depois da ponte sobre o Rio Mississippi. Dani ainda não sabia, mas a partir dali a luta pela vitória na categoria solo feminina estaria limitada a ela e à americana Janet Christiansen.

A caminho do posto de controle número 30, em Weableau – o primeiro no Missouri –, a inglesa Ann Wooldridge, a única mulher além delas que continuava na prova, sofreu um acidente. Ao tentar desviar de pedras na estrada, Ann acabou perdendo o controle e foi arremessada da bicicleta, batendo a cabeça na queda. Ela não conseguiu cumprir as exigências de tempo e saiu da disputa – embora a direção da prova, reconhecendo seu esforço para voltar, tenha permitido que completasse o percurso.

Um acidente era a maior preocupação de todos na equipe de Dani. A começar pelo marido, Alexandre, que no início da prova se recusava a largar o volante do carro de apoio para não perdê-la de vista. Passando pelo médico, João Felipe, que



incluiu em sua rotina de trabalho cuidar dos horários de alimentação e descanso para evitar cochilos fora de hora. E, claro, chegando ao responsável pelas duas rodas que a conduziam através dos Estados Unidos.

O TÉCNICO DE INFORMÁTICA MAURÍCIO LACERDA inventou seu próprio apelido. Precisava de uma assinatura para os grafites que fazia nos muros do Rio de Janeiro, nos tempos em que andava com a galera do skate. Não sabe explicar a razão, mas saiu-se com How How (pronuncia-se Rôu Rôu). Pegou, claro, e era assim que todos na equipe de Dani o chamavam.

How How não foi escalado para cuidar dos laptops, smartphones e outros sofisticados equipamentos de comunicação que a equipe levava a bordo do carro de apoio e do motor home. Dani o convidou para exercer uma atividade à qual já não se dedicava integralmente desde que começara a estudar informática: mecânico de bicicletas. “Pode parecer meio imodesto, mas eu era um dos cinco ou seis mecânicos de ponta no Rio”, diz. (Ao ler a declaração, ela não se conteve: “Para mim é o melhor!”)

Dani e How How se conheceram por causa das bicicletas. Ele fazia manutenção no equipamento de spinning na academia onde ela dava aulas. E foi o autor de uma sugestão que a ajudaria a trilhar o caminho da RAAM. “Fui eu quem a convenci a comprar uma mountain bike”, conta. “Pedalávamos juntos, e como nunca tive muita força nas subidas, logo estava ficando atrás dela. Mas sempre tive uma técnica de descida



muito boa, e ela me dizia que tinha de aprender a descer igual a mim.” Pelo visto, aprendeu.

O convite a How How – que já participara de outras provas com Dani – surgiu naturalmente. Mas encaixá-lo na equipe deu algum trabalho: “Eu não tinha passaporte nem visto americano, não falo inglês... Foi preciso correr atrás de um monte de coisa para que pudesse viajar.” E valeu a pena. Contam-se nos dedos os minutos perdidos com a manutenção da bicicleta, embora o responsável minimize seu papel nisso: “Tivemos um ou outro pneu furado. De resto, mexi em muito pouca coisa. O equipamento era de ponta, não dava problema.”

Mas também dentro do carro de apoio ou do motor home e nos pontos de parada How How se mostrou uma excelente aquisição para a equipe. Além de ser pau para toda obra, seu companheirismo e seu bom humor eram fundamentais, nos momentos difíceis, para levantar o astral – de todos, inclusive de Dani. Era ele o parceiro escolhido nas paradas para falar bobagem, rir dos outros integrantes, enfim, relaxar um pouco.

E How How ainda passava a confiança de quem viu Dani dar suas primeiras pedaladas sobre uma mountain bike. “Sempre soube que ela completaria a prova”, garante. “Essa menina tem sangue azul, se decidir entrar numa competição de cuspe a distância vai acabar ganhando também.”

APESAR DE TODO O APOIO, DANI TERMINARIA SEU DIA de pedaladas no Missouri chorando. E dessa vez não foi de saudade, mas de medo.



A última refeição fora atribulada. Numa estradinha sem muitas opções de acostamento, ela seguia acompanhada apenas pelo carro de apoio (o motor home não cabia nas curvas e teve de pegar um caminho alternativo). Quando finalmente encontraram um lugar para estacionar, o jantar decepcionou um pouco: em vez de uma fatia de pizza da rede de entregas rápidas Domino's, como de hábito, a equipe só conseguiu mini pizzas. Dani tinha engolido algumas quando de repente convocou todos a partir – acabara de perceber que o local escolhido era um cemitério.

Na saída, enfrentou um vento que chacoalhava a bicicleta, fazendo um barulho assustador. Conseguiu parar de novo, completou a refeição malsucedida com barrinhas de cereal e Ensure, agasalhou-se e voltou à estrada. E foi aí que bateu o medo – não de fantasma ou do barulho do vento, mas de não conseguir completar a prova, de decepcionar seus companheiros de jornada, o patrocinador, a menininha que lhe escrevera um cartaz em Fort Scott...

Justamente nesse momento, outro cartaz trouxe Dani de volta à prova. Laura e Alberto, que registravam sua participação em vídeo e fotos, apareceram à beira da estrada, no meio da escuridão, sem câmeras, segurando apenas uma cartolina onde se lia “Vai Dani vai!”

“Deixei as lágrimas saírem sem cerimônia”, emociona-se Dani. “O deixar sentir a dor fez com que me livrasse dela.” A noite do medo terminaria em ritmo acelerado, com mais de 40km/h de média e a equipe festejando como se ela tivesse vencido uma corrida. Mas todos sabiam que ainda faltava muito mais – física e emocionalmente.





Rachel (foi ela quem fez o cartaz ♥)



Cartaz Rachel





Finalmente este dia ruim terminou, indo para meu pit stop de 3 a 4h para dia seguinte





10

DESENTENDIMENTOS

24 de junho de 2009. De Mississippi River (IL) a Sullivan (IN)

POUCO ANTES DE ULTRAPASSAR PELA PRIMEIRA vez Janet Christiansen, sua rival na luta pelo título da RAAM, Daniela Genovesi chorou mais uma vez. Não ao vê-la, ao pressentir que assumiria a liderança, nada disso. Dani começou a chorar entre uma pedalada e outra, no meio de uma estrada deserta de Illinois. E diz que não sabe por quê.

Mas é fácil imaginar. A cada dia, um problema novo se apresentava e se somava a todas as dificuldades vividas até então. Para entrar em Illinois, o estado que seria o palco de suas duas ultrapassagens sobre Janet, Dani cruzou uma ponte sobre o Rio Mississippi, deixando para trás o calor do Missouri para encontrar... mais calor. E uma infestação de mosquitos.



Esses pequenos inimigos vinham atacando desde a noite anterior, no Missouri. Além do risco de serem engolidos por uma ciclista em alta velocidade que precisa abrir a boca para respirar, era preciso evitar possíveis doenças e os machucados na pele que eles podiam trazer com suas picadas – e isso causava um desconfortável efeito colateral. Para se proteger, Dani besuntou o corpo de repelente; como o filtro solar já era uma precaução básica, o resultado foi creme sobre creme, atraindo toda a poeira do caminho.

Sobrou para Alexandre, o marido, escalado para esfregar o corpo de Dani com lencinhos umedecidos – que logo ficavam pretos com a sujeira e eram atirados no lixo. E, claro, foi preciso fazer mais uma mudança de roupa. Eram pelo menos três a cada dia, embora os tecidos fossem muito leves e de secagem rápida, para evitar qualquer desconforto que o suor e as costuras pudessem causar. Julia, a filha, administrava esse troca-troca e o trabalho de lavanderia provocado por ele. “Fui a produtora de moda da minha mãe”, brinca.

Sair para um passeio de bicicleta exige uma produção de moda básica – a não ser que se queira fazer da pista uma passarela. Uma camiseta leve para suportar o suor, uma bermuda confortável para ajudar a encarar a dureza do banco, um par de tênis que não brigue com os pedais... E pronto, é só sair pedalando pelas margens da Lagoa Rodrigo de Freitas, pelo Parque do Ibirapuera ou pelas ruas da sua cidade. Se o passeio é mais radical – a Vista Chinesa, no Rio, ou a Serra da Cantareira, em São Paulo –, o equipamento obrigatório aumenta. Capacete, óculos, luvas...

Na RAAM, Dani usava tudo isso e muito mais. Não por qualquer tipo de vaidade, pelo contrário – ela é do tipo de ciclista que gosta de pedalar vestindo o mínimo necessário.



Mas, além das exigências da prova, muito rigorosas em termos de segurança, era preciso se adaptar às diferentes condições das estradas. Para isso, um detalhado levantamento foi feito ainda no Brasil, e as gavetas do motor home estavam cheias de roupas e acessórios para todas as ocasiões.

O deserto foi, também nesse item, o primeiro grande teste. Dani passava o dia pedalando sob forte calor, com roupas leves – não conseguia dispensar os óculos, como gosta, por causa da areia, e no meio da tempestade teve de recorrer a uma bandana amarrada sobre a boca. À noite, a temperatura caía bruscamente, e ela cobria o corpo fragilizado pelo sol com casacos especiais, capazes de aquecer sem que o tecido pese e atrapalhe o rendimento.

Outros tipos de agasalho se mostraram imprescindíveis nas subidas e descidas do Colorado, sob frio e chuva: os impermeáveis e os corta-vento, abrigos de uso rápido para serem usados em caso de queda brusca de temperatura. Encaixar as sapatilhas nos pedais molhados exigia também o uso de botas de neoprene, na verdade uma espécie de capa para os pés feita com o material que os surfistas usam para entrar na água gelada.

Tudo isso estava na bagagem. Palmilhas também, para ajudar Dani a suportar as dores nos pés que quase a tiraram da prova. E todas as peças que a equipe poderia imaginar que pudessem ser trocadas numa das três bicicletas.

FOI UMA TROCA DE PEÇA – A PEDIDO DE DANI – que causou um dos poucos desentendimentos na equipe. Logo depois da passagem por Illinois, começaria o trecho de subida mais agudo



da RAAM. O clima, àquela altura, já era de reta final, e ela optou por uma mudança radical: numa parada, solicitou ao mecânico How How que tirasse seu melhor par de rodas (da marca Vipp, de ponta) da bicicleta contra-relógio e o instalasse em seu modelo preferido, a Tarmac. Assim, teria rodas velozes em sua bicicleta mais leve, e com pneus tubulares, também mais rápidos.

O problema é que esses pneus são mais difíceis de trocar e a mudança afetava o câmbio – que não é como os das bicicletas de passeio, e sim uma engrenagem sofisticada e sensível. Aquele par de rodas, que se comprado no Brasil sairia pela bagatela de R\$ 8 mil, não poderia mais ser usado em outro quadro. Mais do que uma decisão financeira, era uma mudança fundamental na estratégia da prova. E foi decidida apenas entre Dani e How How.

Foi justamente o que causou o desentendimento. Márcio Rebecchi, o responsável por toda a estratégia de equipamentos, não tinha sido consultado. Ao descobrir que a mudança já fora feita, interpelou How How. A discussão terminou com uma resposta áspera do mecânico: “É você que vai pedalar? Não, é ela. Então deixa!”

MÁRCIO REBECCHI NÃO PEDALOU NA RAAM. Mas foi sobre uma bicicleta que conheceu Dani Genovesi, com quem praticou mountain bike, e foi para cuidar de seu principal instrumento de trabalho que ela acabaria por convidá-lo a fazer parte da equipe. “Ela foi me rodeando aos poucos e só fez o convite quando recebeu a liberação da minha mulher”, brinca.



Uma de suas atividades como empresário, a de representante de material esportivo para ciclismo, acabou definindo sua principal função, ainda no Brasil. Foi Márcio quem comprou a Tarmac com a verba fornecida pelo patrocinador e fez o contato inicial com a Specialized, conseguindo as duas bikes de reserva. Foi ele ainda o responsável pela compra das peças de reposição – elogiada por How How, que disse não ter faltado nada do que precisava para o trabalho de manutenção.

“Costumo dizer que quem não tem talento tem equipamento. Como meu maior talento não é o de ciclista, acabei investindo em equipamento, conversando com gente do ramo e aprendendo muito”, confessa, bem humorado, Márcio. Além das bicicletas, o equipamento pessoal de Dani, descrito no início deste capítulo, foi todo pesquisado e adquirido por ele: “Especifiquei as bicicletas e as roupas.” E era só o começo.

“Durante a RAAM, me ofereci para fazer tudo, menos navegação. Eu me perco até no Leblon”, diverte-se Márcio, citando o bairro onde mora e que até os espectadores das novelas de Manoel Carlos parecem conhecer como a palma da mão. Como a estratégia de uso do equipamento sofreu poucas alterações ao longo da prova, ele teve tempo para se dedicar a outras funções, principalmente a de motorista. Observando as equipes adversárias, chegou à conclusão de que participara de duas pontas importantes do processo: “A equipe da Dani estava flagrantemente à frente das outras, em estrutura e desempenho dos integrantes, principalmente ela.”

O desentendimento com How How – o membro da equipe com quem tinha mais intimidade, por já terem participado juntos de corridas de aventura – poderia ter se encerrado com



as caras amarradas que cada um levou para seu canto. Algumas horas depois, porém, o bom humor de ambos falaria mais alto. “Talvez eu nem tivesse discordado”, reflete Márcio. “Foi só por não ter sido consultado. Mas logo o chamei a um canto e resolvemos tudo.”

AINDA QUE TIVESSE SIDO IGNORADO NA DECISÃO sobre a troca de rodas, Márcio Rebecchi sabia que teria uma influência positiva no momento em que Dani começasse a encarar a subida – já não mais como estrategista de equipamento, e sim como ciclista. “A Dani vem do mountain bike, e por isso gosta de rodar com o que a gente chama de giro baixo, um estilo mais pesado, apropriado para os terrenos irregulares”, explica. “Ainda no Brasil, eu a convenci de que numa prova como a RAAM é preciso saber lidar com o giro alto, porque há muitos trechos planos.”

Seguir o conselho já tinha sido muito importante nos trechos de planície ou de subidas e descidas leves do Kansas, do Missouri e de Illinois, e não apenas para melhorar as médias de velocidade. Dani passou pelo longo trecho de giro alto lidando com as dores nos joelhos que surgiram no banheiro improvisado à beira de uma estrada do Colorado – quando, apoiada nos braços do marido Alexandre, fez uma hiperflexão.

O desgaste poupado em três estados deixaria Daniela Genovesi mais forte para subir os Montes Apalaches – onde a encontraremos no próximo capítulo, já líder da prova, depois dos dois dias de fortes emoções com que começamos este livro.





Marcio Rebbechi orientando na escolha dos equipamentos





Depois do desentendimento, tudo voltando ao normal





11

PÂNICO

26 e 27 de junho de 2009. De Athens (OH) a Hanover (PA)

Uma das máximas do esporte diz que ainda mais difícil do que chegar ao topo é se manter nele. Daniela Genovesi entrou na Virgínia Ocidental no dia 26 de junho, o seguinte àquele em que vivera um momento decisivo em sua vida de atleta – ultrapassar a americana Janet Christiansen e assumir a liderança da RAAM. Quando passou por Ellenboro, cidadezinha de pouco menos de 400 habitantes onde ficava o posto de controle número 44, o primeiro nos limites do estado, suas perspectivas já tinham mudado completamente. Era hora de cruzar a fronteira entre chegar e se manter no topo.

Dani se inscrevera na prova com a expectativa de ser a primeira sul-americana a completá-la; agora, na antevéspera de cruzar a linha de chegada, defendia a liderança. Não tinha como evitar pensar nisso ao chegar a Grafton, cidade um



pouco maior, com seus mais de cinco mil habitantes que se orgulham do fato de que ali, no dia 10 de maio de 1908, foi inventado o Dia das Mães. Por sorte, não teve tempo de visitar o santuário dedicado à data – lembrar-se dos dois filhos homens que tinham ficado no Brasil, um deles ainda bebê, definitivamente não teria sido um estímulo psicológico para o que estava por vir.

A Virgínia Ocidental é conhecida como o Estado da Montanha, porque todo o seu território está na área dos Montes Apalaches – uma cordilheira que vai do Canadá ao Rio Mississipi. Em Grafton, que fica apenas 312 metros acima do nível do mar e foi sua última parada no dia 26, começava a subida mais radical da RAAM. Dani não atingiria os mais de três mil metros que subira no Colorado, mas teria de enfrentar uma inclinação muito acentuada até Gorman, o próximo posto de controle, atingido nas primeiras horas da madrugada do dia 27, já na estrada que corta os Apalaches.

Não que subir fosse um problema – Dani tem predileção por esse tipo de pedalada e leva grupos de alunos até mais de uma vez por dia à Vista Chinesa, ponto turístico do Rio de Janeiro que tem cerca de metade da elevação que estava prestes a enfrentar. Mas as condições pesavam: ela já pedalava há 15 horas quando começou a subir. Escurecia, trovejava e esfriava – a temperatura caíria de 15 para 9 graus Celsius ao longo daquele trecho de neblina e chão molhado.

Para enfrentar tudo isso, Dani precisava de concentração. Primeiro, pediu à equipe que desligasse o som do carro de apoio. Depois, usou uma tática de que vinha lançando mão cada vez mais: desceu da bicicleta e cochilou por 15 minutos.



OS INTERVALOS PARA SONECA DE DANI também eram planejados pela equipe. Cochilar sobre a bicicleta é um dos maiores riscos da RAAM. Vários atletas já sofreram acidentes graves – causando até a saída da prova – por não terem resistido, enquanto pedalavam, ao sono acumulado nas noites mal dormidas.

Era o capitão Rafael Campos quem informava a Dani quanto tempo teria para cochilar ao longo de cada dia. “Eu economizava, procurava não gastar nada ou só a metade nas primeiras paradas”, conta ela. “Quando o sono batia, sinalizava para encostar e dizia que queria dormir.” Cabia então à equipe encontrar um lugar tranquilo. O melhor era usar a cama de casal do motor home, com o ar condicionado ligado. Se não fosse possível, a solução era usar a cadeira que sempre a esperava nas paradas, com uma toalha de rosto de um lado e um guarda-sol de outro.

Cumprindo a programação, Dani conseguiu passar pelos mais de 11 dias de sua participação na RAAM sem cochilar uma só vez em cima da bicicleta: “Tinha muito medo de cair, preferia parar.” E não perdia muito tempo. Suas sonecas levavam no máximo dez minutos, e outros dez eram dedicados ao que fosse necessário, como trocar de roupa e fazer um lanche.

Só a qualidade do sono era difícil de manter. “Às vezes dormia logo, outras ficava só pensando em voltar para a prova”, recorda. Com o acúmulo das noites mal dormidas, a necessidade de cochilar foi aumentando – e não tinha hora: “No início, era só à noite, mas com o passar dos dias vinha no fim da manhã, no meio da tarde... e à noite de novo. Era inevitável.”



QUANDO COMEÇOU A SUBIR OS MONTES APALACHES, Dani usou todos os cochilos de dez minutos a que tinha direito. Entre Gormanian e La Vale, já em Maryland, o estado onde ficava a linha de chegada, dormiu pela terceira e última vez no motor home.

Ao chegar ao ponto escolhido pela equipe, só pensava em cuidar dos joelhos, que tinham voltado a sofrer com a subida. Pediu ao médico da equipe, João Felipe, para tomar um anti-inflamatório e um analgésico na veia. Não quis sequer tomar banho. Tirou a roupa suada e foi logo se deitar. Só não deixou de fazer a sessão de alongamento com o mestre Orlando Cani.

No meio de toda essa correria, passou por um casal que acabara de se juntar à equipe, saudou-os com abraços e disse que precisava dormir, por causa do cansaço e da dor nos joelhos.

CARLOS ALBERTO MARTINS RIBEIRO É DIRETOR-PRESIDENTE da Cimento Tupi, uma das maiores cimenteiras do Brasil. O nome de sua empresa estava estampado nas camisetas de Dani Genovesi e dos integrantes de sua equipe na RAAM – e não por acaso. Carlos Alberto foi o principal patrocinador da travessia, aportando recursos, entre outras coisas, para a compra da bicicleta Specialized Tarmac que acabara de ser estacionada à beira daquela estrada nos Montes Apalaches. Foi por ele e por sua esposa, dona Maria, que Dani passou dizendo não ter tempo para conversar, apesar da saudade e da vontade de contar milhões de coisas, na entrada do motor home.



Os dois tinham se conhecido em 2001, quando ela estava começando no ciclismo e vivia um momento de grande mudança profissional. Desde que se formara, Dani só tinha trabalhado com ginástica localizada. “As academias nos anos 80 e 90 eram apenas salões de ginástica em que muitas vezes o professor era o próprio dono”, relembra. Um desses professores, Almir – que dava aulas na academia em cima da boate Carinhoso, onde a mãe a levava para malhar pela primeira vez –, acabaria sendo seu primeiro guru, a ponto de ser escolhido como padrinho do primogênito Victor. “Ele me formou fisicamente, estruturou minhas articulações e meus músculos com seu método único. Trabalhei com ele por quase dez anos.”

Ao fim dessa década, Dani começava a se preocupar com suas perspectivas profissionais. Foi quando entrou em cena outra pessoa muito importante em sua vida: levada por uma amiga a uma aula de spinning, sensação do momento nas academias, teve como primeira professora Glorinha de Moraes, a precursora da modalidade no Rio. “Glorinha foi minha segunda mãe na vida atlética e profissional. Eu a tenho no meu coração”, emociona-se. “Vivi com ela os últimos anos de sua luta. Ela faleceu de câncer, foi um replay do que tinha passado com meu pai.”

Glorinha viu potencial numa aluna toda desengonçada, que ao terminar a primeira aula descobriu que estava completamente assada pelo esforço sobre a bicicleta. Conseguiu para ela uma vaga de substituta na Estação do Corpo, uma das principais academias do Rio, onde trabalhava como coordenadora. “Eu me sentia uma roceira chegando à cidade grande, mas me entendi com os botões de luzes e som e fui



em frente”, recorda Dani. Seu segundo aluno na academia – que acabaria por contratá-la em definitivo – foi Carlos Alberto Martins Ribeiro.

A convivência de dez anos nas aulas virou amizade. Carlos Alberto acompanhou os primeiros anos de Dani nas competições de mountain bike e viu o que era um simples divertimento se transformar em opção profissional, com grande sacrifício para uma família que vivia do trabalho e não tinha recursos para investir nos melhores equipamentos. Tornou-se um apoiador ocasional.

A relação profissional se estreitou quando Dani montou uma consultoria esportiva em sociedade com uma amiga, Gisele. Carlos Alberto gostou da ideia de oferecer opções de vida saudável a seus funcionários e puxou a fila. A Cimento Tupi foi o primeiro cliente da empresa, que funciona até hoje sem dar prejuízo.

Em 2009, o aluno e cliente convidou Dani para uma viagem inesquecível com um grupo de amigos: assistiram a uma das sete vitórias de Lance Armstrong na Volta da França e fizeram o caminho de Santiago de bicicleta, liderados por ela. No fim, firmaram o compromisso de patrocínio para a participação na RAAM. “Meu corpo quicava por dentro, quase não dormi à noite, parecia não acreditar, mas era verdade!”, recorda, entusiasmado-se ainda hoje. “Carlos Alberto ganhou a RAAM junto comigo.”

Ele conhecia bem o temperamento de Dani, e sabia que haveria ocasião melhor para lhe dar um abraço. Ali, o empresário Carlos Alberto Martins Ribeiro era apenas mais um integrante de uma espécie de equipe paralela, formada pelos



amigos e colaboradores que não puderam participar de toda a prova, não estavam inscritos oficialmente, mas compareceram para oferecer apoio nos momentos em que conseguiam se livrar de outras obrigações profissionais.

O PATROCINADOR ESTIVERA NA LARGADA – pagando o último jantar da equipe, num agradável restaurante de Oceanside, com direito a discurso de apoio. “Ele disse que confiava na Dani e sabia que ela não erraria”, relembra o chefe Alexandre Abreu, velho conhecido de Carlos Alberto. “Depois, olhou nos meus olhos e disse que se algo desse errado a culpa seria nossa, mas querendo dizer minha. Ainda bem que eu conhecia o jeitão dele!”

Abreu tinha na família outra integrante da equipe paralela. Sua mulher, Ana, só pôde ajudar antes da largada, cuidando dos suprimentos. Durante a prova, a produtora de cinema Laura Grant e o empresário Alberto Ribeiro acabaram incorporando um terceiro carro ao comboio. Ela estava filmando o documentário “Dani Genovesi, um desafio de força e resistência”, já editado e lançado; e ele, o maior incentivador da atleta e responsável direto pela logística que permitiu a formação da estrutura, registrava a travessia em fotos. Os dois estavam sempre prontos a ajudar, recolher membros do time pelo caminho, prestar serviços que o carro de apoio e o motor home não tinham como atender (como, por exemplo, buscar Crico e Roberta no aeroporto de Wichita) e dar apoio moral, mesmo que com um simples cartaz estendido à noite na beira da estrada.



Os repórteres Cesar Augusto e Luciana de Michellis, que cobriam a prova para o programa Esporte Espetacular, da TV Globo, também entraram no clima. Por dever de ofício e limitações do regulamento, não podiam participar efetivamente da equipe. Mas acabaram, como todos, se envolvendo emocionalmente.

DANI CHEGOU A LA VALE POUCO DEPOIS das oito da manhã do dia 27. A caminho de Hancock, cidadezinha de menos de 1.800 habitantes encravada na parte mais estreita de Maryland onde ficava o próximo posto de controle, uma sequência de cinco subidas de 350 metros com até 8% de inclinação a aguardava. Essa escalada nas últimas milhas é responsável por um bom número de desistências na história da prova.

Ao ver sua galera batucando no teto do motor home, já em clima de chegada, ela se incomodou e pediu silêncio. Sentia-se fora de foco, sem ritmo. Percebendo que a navegação naquele trecho era simples, decidiu pedalar sozinha. Foi curtindo o dia ensolarado por uns 40 ou 50 quilômetros de solidão, vendo veados atravessarem a estrada, e logo já estava torcendo para que a equipe a alcançasse.

O recado tranquilizador veio de Crico: a subida, para uma atleta como ela, não era nada demais. E como tudo que sobe tem de descer, um downhill a levou até Hancock, onde parou para almoçar e descansar por 45 minutos. O pior tinha passado – pelo menos no que se refere à geografia da RAAM.



DANI TEM O JOELHO ESQUERDO OPERADO. Menisco e ligamento, lesões comuns a quem passou a vida praticando esportes de impacto como ela. Mas, surpreendentemente, ele tinha se comportado bem até ali. A dor nos joelhos que a preocupara até então era outra, bem mais prosaica, causada pela hiperflexão numa ida a um banheiro improvisado. Até que, num condomínio de casas entre os postos de controle de Hancock e Rouzerville, com subidas e descidas leves que exigiam muitas trocas de marcha, o alarme soou.

Faltavam menos de 180 milhas – menos de 290 quilômetros – para a linha de chegada. E, pela primeira vez desde a largada, Dani considerou seriamente a possibilidade de não chegar. Chorou de novo, dessa vez misturando preocupação e dor. “Eu pedalava devagar e o joelho doía”, lembra. “Pedalava depressa e o joelho também doía. Então, já que era para doer, optei por pedalar depressa.”

Na chegada a Rouzerville, onde começava um desvio pelo estado da Pensilvânia, sorriu para a equipe, que se surpreendeu com seu bom humor. Mas logo pediu para descansar 15 minutos na cadeira e ficar sozinha e quieta. Além do joelho, reclamou das bolhas na virilha que a incomodavam desde o deserto do Arizona. O médico João Felipe a examinou: seu estado clínico geral era quase como o de uma pessoa normal em repouso.

Dani voltou à estrada calculando mentalmente quanto tempo levaria para chegar empurrando a bicicleta. E só conseguiu manter a dor no joelho escondida até Hanover, o quinquagésimo dos 53 postos de controle da RAAM, o último daquele dia. Na cidade de menos de 15 mil habitantes, que



ganhou seu nome em homenagem à capital da Baixa Saxônia, a equipe a obrigou a parar para descansar por quatro horas.

A VANTAGEM PARA A SEGUNDA COLOCADA ERA CONFORTÁVEL – a equipe tivera notícias de que a americana Janet Christiansen tinha parado para descansar entre os postos de controle 45 e 49. Para atingir o feito raro de vencer a RAAM como novata, Dani Genovesi só precisava manter seu ritmo. Seu time a aguardava do lado de fora do motor home. Quando acordou de seu último descanso na travessia, Dani fez mais uma sessão de alongamento com o mestre Orlando Cani, subiu na bicicleta e pedalou como se seu joelho esquerdo jamais tivesse doído.

“No começo até rangeu um pouco, mas depois foi pegando no tranco”, brinca. “Acho que eu só precisava mesmo descansar um pouco.” E assim passou o maior susto que Dani levou ao longo de mais de 11 dias e 4.800 quilômetros. E o mais cruel, o que a fizera pensar em não chegar a poucos quilômetros do fim. O restante do caminho foi uma celebração da longa jornada.





Carlos Alberto Ribeiro, meu aluno, amigo,
incentivador e patrocinador



Pânico das dores dos joelhos





Todos me aguardando



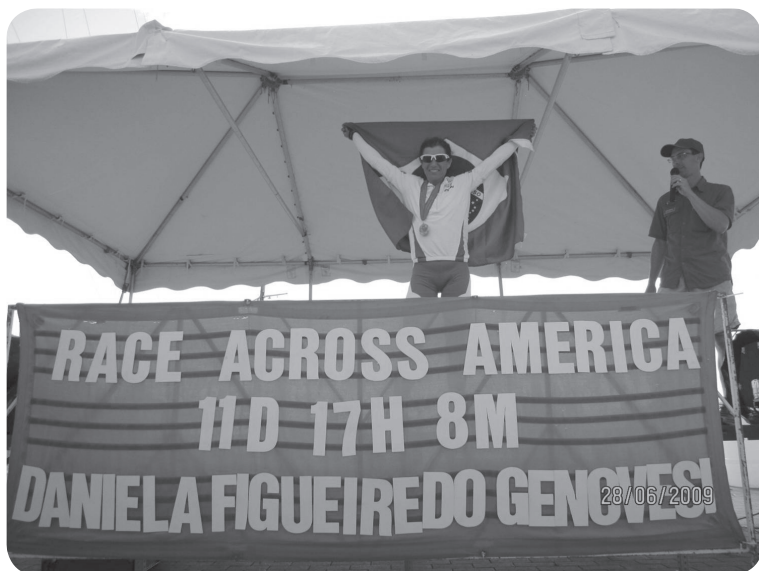


Todos emocionados e comemorando



Essa vitória é NOSSA. Abraço de seu amigo, aluno, incentivador e patrocinador, Carlos Alberto Ribeiro





Pódio



Equipe no pódio





12 VICTOR

28 de junho de 2009. De Mount Airy (MD) a Annapolis (MD)

Você se lembra de como acordou no dia do vestibular? Ou quem sabe na manhã do seu casamento? Dani Genovesi não teve esse privilégio. Virou a meia-noite de 27 para 28 de junho, o domingo em que completaria sua participação na RAAM, pedalando entre Hanover, na Pensilvânia, e Mount Airy, o antepenúltimo posto de controle, já em Maryland, o último estado do percurso de sua travessia.

Em Odenton, penúltima parada, a equipe aproveitou o posto de controle número 52 para pagar as punições acumuladas ao longo do percurso. Havia 30 minutos a descontar. E não é que a cidadezinha de 20 mil habitantes tinha a atração turística perfeita para aquela turma? Uma loja de bicicletas transformada em museu pelo dono, que gosta de comprar ra-



ridades como uma feita de bambu e as que os campeões da RAAM usam na prova – Dani recebeu uma boa proposta por uma das suas, mas resistiu bravamente. E se divertiu vendo sete de seus companheiros pedalarem uma estranhíssima engenhoca, em que todos ficam dispostos em círculo, voltados para o centro, e só um controla a direção.

A menos de 90 quilômetros da chegada de uma prova de 4.800 quilômetros, uma ciclista e sua equipe se divertiam com pedaladas.

ERAM OITO HORAS DA MANHÃ DE DOMINGO, 28 de junho de 2009, quando o Tema da Vitória, música do maestro Eduardo Souto Neto que já embalou tantas vitórias de pilotos brasileiros nas manhãs de domingo da Fórmula 1, tocou num posto de gasolina em Annapolis, a capital do estado americano de Maryland. E quem chegava para ouvir o pam-pam-pam famoso era uma brasileira vencedora sobre rodas (nesse caso, duas): Dani Genovesi. Ali ficava o posto de controle 52, o penúltimo da Race Across America. Já não havia mais tomada de tempo, dali os ciclistas eram escoltados por quatro milhas – pouco mais de seis quilômetros – até a linha de chegada.

Dani desceu da bicicleta ainda focada na prova, como se tivesse parado num posto de controle no deserto, nas montanhas, nas planícies calorentas, nas estradas entre as plantações de milho e trigo que enfrentara nos últimos 11 dias. Passou pelos companheiros de equipe sem perceber que no meio daquela gente feliz, que buzinava e jogava confete e serpentina,



havia um rosto diferente. Teve de ser avisada de que seu primogênito viera do Brasil e estava ali para abraçá-la.

Victor Figueiredo Genovesi nasceu no dia 11 de março de 1993 – fruto de uma gravidez inesperada, como voltaria a acontecer com seus dois irmãos. Chegou ao mundo num momento em que a mãe, Daniela, começara a seguir os passos do pai, Alexandre, como lutadora de jiu-jítsu. A dedicação exigida em seus primeiros anos de vida faria com que Dani desse um tempo na carreira: Victor nasceu com um defeito congênito no intestino que o impedia de evacuar. A cirurgia corretiva só poderia ser feita quando ele completasse dez meses de idade. Durante esse tempo, os médicos deixaram um buraquinho aberto na barriga, por onde as fezes saíam. “Não tinha outro jeito: eu lavava as mãos com álcool, passava o dedo para limpar e depois desinfetava o dedo que tinha usado”, relembra a mãe, que hoje consegue se divertir com o assunto. “E gastamos os tubos com fraldas!”

Victor se recuperou completamente depois da cirurgia. E nem precisou crescer muito para saber que Dani não ficaria parada. Desde cedo, acostumou-se a acompanhá-la em competições – muito antes das de ciclismo, as de jiu-jítsu, nas quais descobriu que a genética deixara sua marca. Aluno do pai desde os três anos de idade, começou a competir desde cedo e já foi campeão mundial júnior. Hoje, às vésperas de se formar em economia – a mãe jamais permitiu que o filho abandonasse os estudos por causa do esporte –, já decidiu que carreira quer seguir. Só deixa os tatames pela calculadora se não conseguir se sustentar como atleta.



O abraço de Dani e Victor no posto de gasolina emocionou a equipe. “Fui de surpresa, não queríamos tirar a concentração dela na prova”, lembra o filho. “Cheguei sem saber do susto que ela tinha passado. Só estava acompanhando a prova pela internet, do Brasil, e uma vez ou outra falando pelo telefone com meu pai e minha irmã.” O caçula, Antônio, só não foi junto porque não tinha visto americano. Esperou em casa com a avó, ainda sem idade para entender o tamanho da conquista da mãe.

POUCO TEMPO DEPOIS DO ABRAÇO, DANI GENOVESI chegava ao píer de Annapolis. Com o tempo de 11 dias, 17 horas e 8 minutos, tornava-se a primeira mulher latino-americana a completar a Race Across America e a nona estreante a vencer a prova. Quando ela cruzou a linha de chegada, a única competidora que ainda permanecia na disputa da categoria solo feminina, a americana Janet Christiansen, estava a cem milhas – 160 quilômetros – da chegada, no posto de controle 50.

A campeã recebeu prêmios, abraços e beijos, deu entrevistas e foi fazer o que lhe faltara nos últimos 12 dias: dormir a tarde toda. Finalmente, podia descansar o corpo e a mente. O sentimento daquele momento cabe numa frase simples e poderosa, dita entre os muitos cafés em que ela contou sua história e perfeita para encerrar um livro sobre a travessia: “Chegar responde a todos os porquês.”





Surpresa de ver Victor na chegada



Comemoração em família





Reconhecimento da conquista ... exausta mas feliz



Epílogo

Setembro de 2017, depois de conquistar a tão sonhada, também a tão temida e dura Volta da Áustria (RAA Race Around Austria), fui abrir o arquivo deste livro e reler; talvez estivesse naqueles momentos de crise dos 50, buscando objetivos para próximo ano... naquele momento de pensar na vida, havia acabado uma temporada bem produtiva de ultras duras, tendo bons resultados e com grandes chances de ganhar o terceiro título mundial.

Poderia vir a ser, pela terceira vez, campeã mundial de ciclismo de ultradistância. Minha lista de ultras desafiadoras pelo munda já estava chegando ao fim. Seria o momento de parar? As competições/travessias mais desejadas e desafiadoras já havia feito: Estados Unidos (RAAM), Itália (Dolomitic Ultracycling e Race Across Italy), Irlanda (Race Around Ireland) e agora a Áustria! Começou a dar aquele vazio que sinto sempre pós grandes vitórias. Momento que sei a dificuldade em lidar com isso. Quando perdemos, logo logo não há espaço para mais nada, identificar onde errou, por que perdeu, ver como fazer para melhorar, treinar e treinar. Voltar a rotina pós derrota é muito mais fácil do que com vitórias.

Fiquei com medo de tudo que aconteceu comigo em 2011, 2012 se repetisse novamente (minha depressão silenciosa), daí fui lendo este livro engolindo as letras, as palavras, lembrando cada minuto, cada passagem da RAAM, fazendo uma autoanálise de toda minha vida após essa grande vitória.



Quando de repente, uma fagulha lá dentro se acendeu... será que consigo fazer a RAAM 10 anos depois, melhor que fiz em 2009? Ora, ora Daniela se liga! Antes de querer fazer melhor a RAAM, você tem de FAZER, sobreviver, completar a travessia. Desde então nunca havia surgido essa vontade dentro de mim, ou melhor, coragem para encarar novamente esta duríssima travessia.

Deu medo, deu dúvida, deu coragem e vontade de tentar; tudo que senti em 2008 (quando decidi encarar este desafio). Muitos obstáculos terei, mas vamos identificá-los e achar as soluções, foi assim em 2009, por que seria diferente agora? Afinal, estou bem melhor nas ultras do que 10 anos atrás, mesmo tendo o peso da idade, me sinto mais experiente, mais preparada. Isso foi em um domingo de tarde... dormi agitada, não falei nada de meus novos anseios com a família (eles estão cansados de me ver sofrer tanto nas ultras). Guardei essa vontade dentro de mim, para amadurecer sem muita interferência externa, mesmo sendo interferências de pessoas que te amam e querem o seu bem... enfim consegui pegar no sono.

Dia seguinte, fui trabalhar. Cheguei na casa de meu aluno as 6:15 da manhã (nessa hora, em plena segunda, não dá para ter muito papo). Dia que o corpo e mente está se ajustando a rotina da semana. Havia ficado toda a tarde de domingo lendo um livro, minha cabeça estava a mil... difícil de concentrar no trabalho, esquecia a ordem dos exercícios... algo diferente em mim estava acontecendo. Me forcei a focar no que estava fazendo, quando já perto do final da aula... Alessandro (meu aluno), me pergunta: "Dani, você não pensa fazer novamente a RAAM?" Esta pergunta soou igual a um despertador, res-



pondi: "Caraca! Penso sempre mas tenho muito medo de algo dar errado... em 2009 deu tudo tão certo... terei novamente tanta sorte?". Continuamos com a aula, e segui meu dia com aquela pulga... (nesta hora a pulga já havia virado um baita carrapato atrás da orelha).

Terminei nessa mesma tarde a leitura de todo o livro, pensei: quase 10 anos se passaram, continuo me sentindo bem, gostando de pedalar, de treinar, de competir. Por que me aposentar? Só por causa de um número 5 (cinco) na frente do 0 (zero)?

Já se repetindo novamente toda mesma história em 2009, após vitória do RAAM... "Dani agora está na hora de parar, você precisa descansar", "Você já venceu tudo, bom parar no momento em que você está bem"... e assim vai... Parar. Parar..., seja em qualquer momento, representa mudança. Não estou pronta para mudar, pois não quero mudar! Amo o que faço, vencendo ou perdendo, tenho motivação para buscar novos desafios e garra para atingir meus objetivos e vencer os obstáculos pela frente. E o mais importante: adoro meu dia a dia, sou feliz como sou, amo minha família, meus filhos, amigos queridos por perto... não quero mudar! Pelo menos, não agora.

Reler esta história alguns anos depois me ajudou. Estava naquele momento de dúvidas e incertezas. Ler me fez pensar em ir, em seguir em frente.

Motivou-me a desafiar, a encarar novamente a maior de todas as ultramaratonas, a maior prova de cilcismo, a Race Across America. Dani Genovesi cinquentona contra Dani Genovesi de 2009.



"Bichinho do desafio" pegou e comecei a sonhar novamente em estar na RAAM.

Teria que ser bem cautelosa, não daria para ser ano seguinte a Volta da Austria. Precisava estar com energia super alta, precisava de um tempo maior para preparação. Tanto física como psicológica. Precisava de um tempo para convencer e ter o aval da família... Será mesmo que consigo terminar? Que consigo pedalar os 4.800km de todos os EUA? Estou mais experiente, mais competitiva em ultras, mas e o peso da idade, destes 10 anos? E o dinheirão para cobrir os custos? EUA é o dobro da verba da Irlanda e ou Austria, estou sem patrocínio... mas também não havia para a Volta da Irlanda e nem para a Volta da Áustria. Captei recursos para meus dois títulos mundiais, com ajuda da minha equipe, amigos e alunos. A famosa vaquinha, o famoso passar o chapéu. Não vivo do ciclismo, sobrevivo do meu trabalho. Os custos dessas ultras são elevadíssimos!!! Fora do meu padrão de vida..., sei disso. Mas sempre levo fé, acredito que iremos, eu e minha equipe conseguir! Pronto. Bastou para topar a briga.

Vamos à guerra. RAAM 2019, partiu!

Nossa, mesmo com 50 anos, competindo desde os 15 anos de idade... continuo competitiva.

Fato. Dani Genovesi é competitiva ao extremo.

Ao montar minha própria estória, descobri muitas coisas, boas e ruins. Mas só pelo fato de descobrir, de identificar, já fico feliz. Sinto que estou em evolução, que a roda está girando. Isso me encanta na bike: montar uma roda perfeita de-



manda muito trabalho, mas uma vez bem montada, só deixar girar, basta guiar na direção que queira ir.

Às vezes necessitamos fazer algum ajuste aqui, outro ali, mas se sua roda foi bem montada pode seguir que ela irá ultrapassar todas barreiras que surgirem e que chegará onde nunca imaginou chegar.

2011 foi uma temporada bem marcante para minha vida. Após a conquista do primeiro título mundial e conseguir acumular três títulos importantes no circuito mundial numa única temporada (World Cup, 24H World Championship e 24H Challenge USA), não sei o porquê, acabei entrando numa depressão. Estava feliz com os títulos, mas derrotada comigo mesma. Ano que errei e errei brabo. Exagerei na quantidade de provas de ultras, me superestimei, e na minha última competição da temporada de 2011, com título já garantido, não consegui completar a Hoodoo 500 (prova de 800km na região de Nevada). Tive que abandonar... causa: quadro grave de anemia. Estava fraca, ao ponto de desmaiar na bike. Foi duro abandonar e mais duro ainda me tratar. Essa anemia resultou numa profunda depressão silenciosa.

Não falo de depressão ao nível de não sair de casa, de não produzir... isso o esporte, a bicicleta me ajudam e ajudaram sempre. Meu porto seguro, motivada ou não, monto na minha bike e saio para treinar ou passear, pode ser para alguns considerado como fuga, pode até ser, mas resolve sempre, pedalar foi, é, meu melhor e mais eficiente remédio. Preciso me mover.

Alexandre me vendo desanimada, sem objetivos, como nunca talvez tivesse visto, me levou para acompanhá-lo numa viagem de trabalho à Austrália. Fomos. Precisava abrir a cabe-



ça, olhar minha vida de fora. Enquanto Alexandre dava suas aulas, eu ia pedalar, sozinha, explorando. Nas pedaladas dessa viagem, troquei minha energia, recuperei a vontade de querer "roer o osso", vontade de querer chegar lá novamente, minha garra de sempre voltou! Abri o computador, montei calendário, queria buscar o bi. Não importava que estivesse sem patrocínio; vamos traçar o objetivo e buscar soluções. Estava novamente motivada a seguir, ir em frente. Metas a transpor, provas novas e desafiadoras.

A pessoa que eu amo, meu marido, me tirou do sufoco. Me reergueu. Talvez ele nem tenha noção disso. Terá agora ao ler este epílogo. Em 2009 na RAAM, lá no deserto depois da tempestade de areia também não foi diferente. Casamos jovens demais, consegui todos meus títulos mundiais tanto do jiu jitsu, como no ciclismo depois de casada e já com filhos. Sem o apoio e a presença do meu marido, tenho plena convicção que nada disto teria vivido e conquistado. Minha família multiplica minha força.

Outros momentos que vivi na travessia dos EUA que até hoje me servem de aprendizado... em 2008, Claudio Clarindo já havia notado e me alertado: "Dani você precisa controlar sua competitividade nas ultras, esse seu jeito pode representar seu fracasso e não ser o gás a mais que precisa para vencer. Antes de ser competitiva você precisa pensar em sobreviver". Não esqueço jamais este dia, este papo, essas palavras, esses ensinamentos... onde você estiver, saiba que sua passagem pela minha vida foi muito, muito valiosa e importante.



Ser competitiva sempre fez parte da minha vida, já fui competitiva de todos os tipos, em todos esportes que passei: na corrida, tinha 15 anos, jovem explodindo de energia, além de querer sempre estar melhor, minha vontade era de ser SEMPRE a melhor em todos os treinos, não somente nos dias de competição. Não entendia muita coisa, alinhava nas pistas do Célio de Barros e, nas séries dos tiros, não queria perder nenhum. Perdia os primeiros, mas na metade para final já ia tomando a dianteira; no bodyboard, a competitividade havia e muito. Tenso, isso atrapalhava muito meu desempenho, não entrava em sintonia com o mar, meu rendimento nas baterias foi caindo. Foi quando conheci o mestre Orlando Cani e iniciei a Ioga (e continuo até hoje); no jiu-jitsu lidar com minha competitividade foi a mais difícil de todas as modalidades. Mesmo já adulta, professora de Ed Física, entendendo tudo o que ocorre conosco (atletas), já casada, com filhos, com ioga, com experiência na luta (isso rolou até a faixa preta), tinha febre nas vésperas dos campeonatos (como tinha nos torneios de bodyboard), ficava travada em casa com marido e filhos.

Vencer todos esses meus demônios e vencer o campeonato, a luta, chegar na frente, estar no lugar mais alto do pódio, chegar onde desejou... êxtase máximo! Não há dinheiro que pague essa sensação.

Esse sentimento se replica até hoje, seja numa ultra ou seja tentando bater meu tempo na subida da Mesa do Imperador (local onde treino sempre).

No ciclismo a competitividade veio da melhor forma de todos os esportes que pratiquei. Nas maratonas e ultramaratonas de ciclismo, há sempre o alinhamento (como havia no



atletismo), mas não estou no mar tomando caldo e ou pedindo para Netuno me mandar aquela onda boa; não estou naquela "panela de pressão" dos tatames, com a adversária querendo arrancar meu pescoço; estou na estrada, na trilha, na montanha ou no deserto; estou livre. A sensação de liberdade que a bicicleta proporciona é única. Continuo sofrendo de ansiedade nas vésperas de provas; ioga , respiração e outros gatilhos sempre tenho que seguir. Um ritual já criei e me auxilia muito. Dormir bem nas vésperas de prova ainda fica complicado, mas já não fico tão preocupada e consumida com isso como antes, não adoço mais. Pois sei que, uma vez na bike, depois de algumas horas pedalando, acho que tudo posso, me fortaleço. Posso me divertir, posso ser competitiva, posso conhecer lugares e pessoas, aprender tantas coisas, posso ir... ir por conta própria, ir, ir longe, ir onde desejar, ir onde nunca imaginei estar. E, se tiver coragem e forças, ir além do horizonte.

A bicicleta faz a roda da minha vida estar sempre em movimento, meu desejo é fazer com que você monte sua roda e faça sua vida girar, ir em frente, ir além, pode trazer surpresas e obstáculos que nunca imaginou. Mas é melhor tê-los, vivê-los, superá-los ou não, do que ficar parado sem sua roda, sem sua vida em movimento.

Monte sua roda, basta ir para poder viver.

Dani Genovesi



Depoimentos

Diz a lenda que ao nascer, no momento do seu parto, o som da maternidade transmitiu em alto e bom som um discurso do Sir Winston Churchill:

“Never give in, never give in, never, never, never... in nothing, great or small, large or petty - never give in!”

Daniela Genovesi nascida Figueiredo, hoje Dani!

Dani Mulher

Dani Mãe

Dani Atleta

Dani Nossa

Um exemplo de coragem, dedicação, lealdade à família, aos amigos, ao esporte.

A força de vontade, o poder de concentração, a “garra” de fazer bem feito e ganhar, parecem apagar seu cansaço, sua dor, ao mesmo tempo que produzem mais e mais adrenalina, um combustível que a Dani sabe administrar e controlar, fatores fundamentais que a fazem uma grande campeã.

Campeã, no surf, na canoa havaiana, no ciclismo, no jiu jitsu, na vida!

Na bicicleta, tive o prazer de assistir sua largada em Oceanside, California com destino a Annapolis, Maryland numa das provas mais duras da modalidade, o Race Across



America - RAAM. São 4.800 km de subidas, descidas, sol, chuva, calor, frio, grandes altitudes, enfim adversidades só superadas por grandes atletas.

A Dani Venceu!
Sua equipe venceu!

Se me lembro bem, cerca de 11 horas na frente da segunda colocada, após 11 dias, 17 horas e 41 minutos.

Mesmo após cruzar a linha de chegada, continuava focada, concentrada, como se a competição não tivesse acabado... até “que desmoronou“. Desmoronou ao ver os filhos, gentilmente trazidos por um amigo. Uma surpresa das poucas que a fez “perder o rumo”.

A Dani Mãe falou mais alto!

Após o RAAM, 10 anos atrás, já foram mais e mais vitórias, inclusive 3 títulos mundiais disputados na Europa.

Dani, estou feliz e orgulhoso de ter participado um pouquinho de tudo que você já fez no ciclismo.

Neste ano, uma década depois, foi muito bom saber que você vai competir no RAAM novamente.

Vai Dani, Vai!
Never give in!
Never!

Carlos Alberto Ribeiro



Dani Genovesi

Tive o prazer de conhecer e conviver com a Dani muito antes dela ser uma campeã mundial de ciclismo e ao longo desses mais de 25 anos de convívio, pude atestar que certamente ela faz parte daquele seletivo grupo de pessoas excepcionais.

Quando a defino como excepcional, não estou me referindo somente aos vários títulos conquistados no ciclismo que é a face mais visível, mas principalmente a conciliação de sucesso em diferentes áreas da vida. Começando pela família, onde em parceria com o Gigi, educou os filhos e construiu uma bela família. Passando pela carreira profissional, onde com seu carisma, desde as aulas de spinning onde essa história de ciclismo começou até os horários de personal, construiu um grupo fiel de alunos. Culminando com essa incrível história de sucesso no esporte, desde o atletismo, body board, jiu jitsu até chegar ao ciclismo.

Dani é um exemplo raro de combinação de talento, determinação, garra e força de vontade, transformando essa mulher de estatura pequena, num gigante.

Quero continuar a ter o prazer de acompanhar os desafios e conquistas, dessa pessoa excepcional, que conciliando as funções de esposa, mãe, professora e atleta só faz nos inspirar e servir de exemplo.

Sucesso Dani!!!!!!

Gilberto Sayão



Dani é uma atleta nata, que se destacou em todos os esportes que praticou ao longo da sua vida, apesar de modalidades totalmente distintas.

Foi campeã brasileira de body-board, campeã mundial de jiu-jitsu e campeã mundial de ultramaratona de ciclismo de estrada, tendo vencido o Race Across America (RAAM), uma das provas mais duras do mundo.

Tive o privilégio de fazer parte da sua equipe de apoio na RAAM, em 2009, e acompanhei de perto o grau de dificuldade daquela competição. Impossível chegar tão alto sem muito talento, disciplina, dedicação e, principalmente, uma força mental absurda.

O mais bacana é que, por trás de uma atleta espetacular, cujos títulos e conquistas falam por si, encontra-se uma pessoa doce, com coração gigantesco, caráter irrefutável e que, mesmo tendo que se dedicar muitas horas por dia ao treinamento, consegue ser uma profissional de sucesso, amiga para todas as horas, esposa e mãe que soube construir uma família maravilhosa.

Por isso tudo, Dani é uma das pessoas mais admiráveis que conheci na minha vida.

Christiano Fonseca (Crico)



Guerreira. Essa é a palavra que para mim resume a Super Dani Genovesi. Aliás eu nunca consegui pensar na Dani como “apenas” Dani. Nunca fez sentido pensar nela sem um aumentativo ou uma característica dela: Super Dani, Grande Dani, Guerreira Dani. A Dani é para mim a baixinha mais gigante que eu já conheci. Com nossas características mentais dentro da



arena esportiva similares, nosso relacionamento sempre foi natural, automático, fácil de um interpretar o que o outro queria dizer. Decidida, focada, animada com seus objetivos e mãe de família, empresária de sucesso e uma pessoa que motiva e inspira todos que a conhecem. A Dani agrega valor para a vida, para tudo e para todos. Impressionante também como sempre vence obstáculos, lesões, decepções em uma velocidade impressionante e SEMPRE volta mais forte. Parei de preocupar com um braço quebrado, com agenda com muitos compromissos, com falhas pontuais(muito pontuais) na execução da programação dos treinos, porque ela sempre pica de volta para o lugar mais alto do pódio! SEMPRE! Continuem voando sempre nas alturas. “tamo junto”. Valeu Dani!

Hugo Prado Neto



Participar da RAAM 2009 foi uma das experiências mais incríveis da minha vida.

A Dani era uma amiga que já conhecíamos há uns 5 anos e já tínhamos participado de corrida de aventura juntas, fui aluna dela, aliás sou eterna aluna dela, eu tinha noção da capacidade dela, tinha quase certeza que ela iria completar aquela prova, mas ver aquilo tudo ao vivo foi emocionante demais. É uma prova muito sofrida e intensa. São quase 2 semanas sem dormir direito, esforço quase no extremo e dores por todo lado.

O que achei mais incrível foi a maneira que ela se comportava diante de todas as dificuldades, sempre muito positiva. Mas quando a coisa aperta, é muito concentrada e focada.



Vê-la competir é uma verdadeira aula de como é ter conhecimento do seu corpo e dos seus limites.

Esse ano, 10 anos depois dessa conquista, a Dani quer fazer de novo essa prova e, sem dúvidas, eu e o Crico, estaremos lá novamente.

Roberta Fonseca



Havia lido sobre a RAAM e ficado impressionado. Para minha surpresa, pouco tempo depois, Dani me revela a intenção de participar.

Bastante empolgado, procurei conhecer o percurso em detalhes, pois na época, não tínhamos os recursos tecnológicos que dispomos hoje. Cada mudança de direção no percurso foi observada e registrada no Race Book. Foi difícil passar tudo para o GPS, mas valeu o trabalho. Tivemos poucos erros de navegação, todos contornáveis perdendo o mínimo de tempo e de esforço da Dani, afinal, para quem pedala 400Km por dia, um pequeno erro pode pôr tudo a perder.

Tenho também, uma bela lembrança de quando dividir toda a nossa planilha de navegação para a equipe do saudoso Claudio Clarindo.

Essa prova, não foi somente a realização do planejamento, exigiu adaptações constantes. Entrosamento da equipe, aplicação dos recursos e principalmente a descoberta dos limites de cada um. Principalmente da Dani, que expandiu ainda mais o seu limite.

Talvez, ela não tenha limite.

Alexandre Abreu



A Dani é uma atleta, como todos os outros profissionais que vivem do esporte, não tem uma vida fácil. Exige horário, determinação, esforço físico e mental. Tem que acordar de madrugada. Tem que enfrentar sol, vento, chuva, frio. Mal humor, TPM, dor de dente, dor no corpo todo. Tombos. Volta e meia quebra uns ossos. Dani não é só bike. É fera em body board, jiu-jitsu, pilates. Tem filhos, marido, mãe, cachorro. Faz yoga e medita. Fez o Raam quando ninguém sabia o que era e quando souberam a chamaram de louca. Dani tem que fechar as contas no final do mês, tem que ser empresária, administradora, professora, palestrante. Mas o que faz o diferencial da Dani, o que faz com que a gente goste tanto dela vai além. É o sorriso no final do dia, é a vontade genuína de ajudar os outros, é o profissionalismo, a garra, a competição, a empatia, e muito Amor no coração. É tudo isso o que faz dela um ser especial. Que se excede em tudo o que faz, tem sempre uma graça, palavras de incentivo e um enorme carinho por todos que tem a sorte de tê-la como amiga e profissional. Por tudo isso a gente fala que a Dani é feita de um material diferente do nosso.

XXX

Em 2011, Terminada uma competição vitoriosa de 24h na Italia, com frio, subidas, concorrendo ferozmente com sua rival, um ser normal precisa de alguns dias de recuperação. Ao final da prova, Esperava que a Dani optaria por usufruir da gloria da vitoria e descansar. Por isso sempre conto a historia que ate hj me surpreende.

Menos de um dia após o término da competição, passeando em Veneza, avistamos uma gôndola. Eu, como ser normal e



ainda exausta de apenas da equipe de apoio, olhei aquela cena bucólica, e pensei - seria bom e relaxante dar uma volta. Olhei para a Dani, que estava apreciando a mesma paisagem. E por segundos pensei em propor um passeio. Só que não. Ela olha para o gondoleiro e comenta -

Que legal, adoraria poder remar uma gôndola destas!

Ana Abreu



Fui apresentado a Dani pela minha irmã Roberta e meu cunhado Crico que sempre falavam dela como uma grande atleta, guerreira e uma pessoa que não media esforços para superar desafios esportivos e obter performances comparáveis às de homens, mesmo tendo dimensões físicas pequenas.

Como médico do Exercício e do esporte, eu tive a oportunidade de fazer a primeira avaliação de medicina do exercício da Dani em 2008 e fiquei realmente impressionado com os resultados obtidos naquele exame, especialmente no teste de Exercício com medida direta do VO₂ pedalando com carga em watts. Os resultados foram realmente excepcionais!

No ano seguinte, ela me convidou para integrar a equipe que iria fazer o apoio no Race Across América. Pedi um tempo para pensar porque envolvia um desafio físico e mental para mim também já que se tratava de uma competição de 5 mil km non-stop por 12 dias, além da responsabilidade médica de levá-la até a linha de chegada, assim como a responsabilidade médica sobre toda a equipe. Após algumas semanas e muita leitura sobre as dificuldades que surgiriam na competição, respondi positivamente ao convite.



Dani, você me mostrou que resultados se conquistam com confiança e união. E isto só se conquista com perseverança, com fé, com garra, com engajamento e entrega, com acreditar que vai dar certo, com a determinação de dormir e acordar com pensamento no objetivo, com superação de sofrimentos físicos, com olho no olho, com abraços e muita alegria e bom humor.

Você e seus desafios esportivos motivam e inspiram muita gente a buscar um melhor estilo de vida, a ter mais saúde e a superar adversidades.

E você faz tudo isso muito naturalmente, com leveza e muitas risadas!

Foi um prazer te conhecer e fazer parte deste capítulo da sua história de sucesso.

O meu muito obrigado por confiar em mim e insistir até o fim!

“A perseverança é a mãe da boa sorte.”

Miguel de Cervantes

Beijos e boa sorte sempre!

Joao Felipe Franca



O que dizer de Dani Genovesi?

Eu a conheço, no mínimo, há uns 20 anos. Nos conhecemos na academia Estação do Corpo, eu era mecânico das bikes de spinning, ela pedalava muito forte nas bikes, até que um dia ela conheceu o que é pedalar na rua.

Por isso vemos muitos ciclistas na rua hoje em dia.

Logo fiz ela comprar uma bike, claro de mtb.



Correu a primeira prova de mtb, e viu que era um mundo fantástico! Daí começou uma grande amizade, ela abriu empresa, botamos muitos alunos para pedalar, amizade tão grande que ela me ajudou a fazer até faculdade de Educação Física.

Logo começamos nossa jornada, muitas provas de mtb – 12hrs, iron biker, jeca tatu famoso (BigBiker). E começamos e nos especializar em apoio e provas de longa duração, provas extremas como as corridas de aventuras e logo fomos para o ‘ecoemotion pro’, uma prova de 5 dias de tudo: corrida, mtb, remo e etc.

Logo vi que o negócio ia longe.

Com isso fizemos a primeira prova 800km em São Paulo. Foi brabeira, um Palio sem ar e 3 pessoas dentro, completamos e ganhamos! Pronto, foi a chama para abrir o caminho para ultradistâncias, e fomos tentar e classificar em uma prova de 24hr em Fortaleza. Não éramos o favorito, foi a primeira sul-americana a se classificar para a Raam.

Daí começamos um treinamento forte para correr a Raam, ficou sério. Uma equipe enorme de apoio, não sabíamos quanto tempo ela iria fazer, começamos uma grande simulação, os apoios trabalhando em equipe, um levava ela até um ponto e vinha uma outra equipe para continuar com ela, ela treinou muito.

E aí fomos para a Raam, uma prova duríssima, mas fizemos em 11 dias e 18 hrs.

Quando ela ganhou a prova, ela viu que o céu não tinha limites. Fizemos a inscrição na federação de ultra ciclistas.

E fomos em busca do mundial, acho que já temos uns 3 ou 4 mundiais.



E começamos a ficar especialistas em prova de 24hrs, de cross E around e com pouco dinheiro, que é o mais importante.

Flórida, Itália, Irlanda e Áustria...

Provas de 600km 800km e até 2800km e ela sempre está evoluindo. Mas percebi uma melhora quando ela começou a treinar usando watts, e também a diminuir o tempo de descanso durante as provas. Como ela diz, antes de correr qualquer prova ela sempre me pergunta se eu posso ir!

E agora vamos fazer de novo a Raam 10 anos depois.

Mauricio Lacerda (Howhow)



Quando penso na Dani, o que logo vem à mente são duas palavras: perseverança e foco. Para ser a atleta que completa provas extenuantes, com a qualidade e a precisão que ela apresenta, só tendo o corpo e a mente totalmente sob controle. A disciplina que ela coloca no treinamento para qualquer competição, só é menos surpreendente do que o seu bom humor. Afinal, ela dá o sangue e o suor, mas sempre com muita alegria.

Alessandro Horta



Estava querendo voltar a subir na bicicleta, quando me disseram que a Dani Genovesi era a melhor coach que eu poderia encontrar. Desavisada, fui ao seu estudio, onde faltavam paredes para tantos troféus. Dani me recebeu com um sorriso de boas vindas e, como mágica, rapidamente estava fazendo os treinos mais duros de toda a minha vida.



Treinar com a Dani é um privilégio! Sua paixão pelo esporte é contagiante, ela empresta força, alegria e confiança. E dona de uma generosidade e caráter que tocam fundo na alma. A Dani nos leva “ao infinito e além!!!!!!”, como Buzzlightyear. Ela não é deste mundo... ainda vou vê-la como personagem de filme de super-heróis!!!!

Fabrizzia Telles



Já conhecia as histórias de suas façanhas. Pareciam-me histórias de super-heróis, daquelas que você escuta e pensa: estão exagerando. Não tem como ser desse jeito.

Então, um grande amigo, e que pedala muito, estava precisando de uma pessoa para completar a equipe de corrida de aventura e alguém indicou a Dani. Ainda meio duvidoso, resolveu fazer um treino para ver se ela passava no “teste”. Escolheu a subida do Sumaré, que é uma das mais longas do Rio de Janeiro. Para resumir, quando ele ainda estava a $\frac{3}{4}$ do fim ela já tinha ido ao topo e voltado para subir o resto juntos. Fiz parte do apoio dessa corrida de aventura, que era de uma quase semana e TODA vez que a equipe chegava ao apoio ela estava sorridente e sobrando muito!

Anos depois meu quadro de carbono quebrou perto de uma prova e mesmo sendo um ciclista comum, queria muito ter bom desempenho. Como fiquei sem bike para treinar, alguns amigos sugeriram ir treinar na Girus Bike com ela até o novo quadro chegar. Fiz o melhor tempo da vida e desde então estou lá aprendendo em doses gigantescas, quase que diárias, desafiar nossos limites em todos os sentidos.



Depois de anos treinando todo tipo pessoas para todo tipo de desafio, dos mais novos no esporte como os mais tarimbados, é incrível ver os seus novos desafios e a garra com que a Dani se dedica a eles. Continua inspirando a todos à sua volta. Por isso, agora que a conheço tanto como atleta e como treinadora, posso lhes garantir que ela é SIM uma super-herói.

Fernando Moyna



Falar da Dani é inspirador! Admiro ela como pessoa e profissional! Um coração enorme, energia radiante, alma pura que por onde passa alegre a todos! Mulher de garra, determinação, valores e fé! Tenho muito orgulho de ser treinada por ela, pois é um exemplo que sigo e respeito! Uma pessoa iluminada e abençoada por Deus!

Kitty Mayer



São quilômetros, milhas ultra distâncias que essa pequena grande pessoa já percorreu.

Não conheço ninguém mais casca grossa que Daniela Genovesi, não tem tempo ruim com essa “lenda” do ultra ciclismo mundial.

2014 foi quando fui convidada para completar a equipe de apoio e acompanhar ela nesse desafio.

Já na pancada.... tipo você será a quarta pessoa para completara a equipe.

Partiu Dolomitica.

Fomos eu e a equipe minha primeira experiência.



3 dias dentro de um carro. Onde a intimidade teve que vir na porrada. Essa foi minha primeira ultra!!!!

Ganhamos a prova e conquistamos uma equipe e assim criávamos uma ultra amizade. Não importa a distância.

Foco na missão e curtir com ela. Inspiração sempre.

Partiu Raam

Vivian Cambi



Esporte hum, eu corria muito, muito e mais nada, pedalar nem pensar, não via uma bicicleta desde que eu era criança...

Era dezembro de 2014 / um amigo em comum sugeriu que eu fizesse uma aula com Daniela Genovesi, a campeã de tudo... para melhorar a respiração, a performance, uma dessas coisas que eu nem conhecia.

Nossa, ela é campeã de tudo, dizia ele (jiu-jitsu, ciclismo, judo, etc...). Como ele é alto, fazia iron man, atleta, eu logo pensei, eu não vou não, eu trabalhava muito, 12 horas por dia de domingo à domingo, dois filhos, tomava conta de casa, pensei, essa Dani deve ser tipo ele, alta forte, super atleta e só faz isso, não tem nada pra me acrescentar...

Ele marcou a aula e eu não fui, era dezembro, eu no restaurante, lotado com tanto trabalho, não tinha tempo para mais um treino.

Ele marcou novamente, não tive como não ir.

A recomendação era, não diz que você é atleta, se não ela te mata, (rsrrs) aquela bicicleta já é pesada sem carga, como eu não era mesmo, só fui fazer a tal aula.



Cheguei lá, qual foi minha surpresa, vi uma baixinha, magrinha, super animada, que me passou um treino que pensei que eu era sedentária, saí de lá, fechando um pacote de aulas, em pleno fim de ano, essa que é a tal Dani?! Campeã? Ela deve ter algo para me ensinar!!!!

Sua humildade depois de poucos dias reconhecendo o bom padrão que eu pedalava e que eu deveria ir pedalar na rua.

Dani me descobriu, descobriu a potência que existia em mim, a força que existia dentro de mim que eu não conhecia, viu algo além do tempo, da idade, da habilidade que eu não tinha, na verdade, nenhuma, sugeri que eu comprasse uma bicicleta, acreditou em mim, mesmo sem que eu mesma acreditasse, e eu acreditei pelos olhos dela.

Em abril de 2015, fracturei o quadril (ísquio-pubiano) por estresse correndo, parei tudo, levei meses para me recuperar, comecei a aprender tudo novamente e a Dani continuava acreditando, em janeiro de 2016 fiz meus primeiros 100km com a Dani e a Verônica uma outra amiga, em Guapimirim nunca vou me esquecer.

Ai o convite para a primeira ultramaratona 24horas em junho de 2016, (371km em 18h) e eu só acreditava junto com ela. Em fevereiro de 2017 a segunda ultramaratona (520km 23:45), e não parei e não pretendo parar nunca mais.

A Dani vê o que ninguém vê, e se você enxergar com os olhos dela vai conseguir continuar, vai chegar no final, vai concluir seu propósito. (sangue nos olhos, dizia ela).

A Dani consegue reconhecer algo nas pessoas, um talento, uma faísca, um brilho, não importa a idade, o sexo, a raça, mais pesado, ou muito magro, criança, já vi ela reconhecer,



elogiar estranhos, dos mais variados tipos, não precisa ser atleta, ah se essas pessoas entendessem o que poderiam fazer, não só no esporte, mas na vida...

Não precisa se tornar uma super campeã como ela, mas com certeza você vai se superar, vai se tornar uma pessoa melhor e vai saber que você dá conta, porque a Dani consegue extrair se você deixar, o melhor de você.

Dani Genovesi, foi, e é muito bom te conhecer, campeã das ultras e da vida!

Elen Casagrande



Na minha adolescência quando eu praticava body boarding já ouvia muito o seu nome. Não me esqueço do OP Pro em Floripa, minha terra Natal. Quando conheci a Dani, não demorou muito para perceber que se tratava da mesma pessoa. Mas como assim??? Campeã de body boarding, Jiu Jitsu e todos estes títulos no ciclismo!!! Costumo brincar, se tiver um campeonato de cuspe a distância, ela ganha também. Esta é a nossa Dani Genovesi. Uma super atleta, determinada, focada e extremamente talentosa.

Com ela aprendi que nunca é tarde e que sim é possível com dedicação, conquistar e se superar no esporte. Quando me inscrevi para a primeira prova de 24 horas, todos me chamavam de louca e eu também me achava um pouco. Como eu poderia fazer uma prova destas com a campeã mundial? Nunca havia feito isto antes! E lá fui eu... Com a sua ajuda, conquistei ali o meu primeiro podium e foi bom demais perceber que eu era capaz.



Hoje, Dani, além de minha amiga, é minha treinadora e parceira de algumas aventuras. Estas que eu tento fazer com ela e sempre aprendendo que se você quiser de verdade e se dedicar, tudo é possível.

Dani Corona



Dani ahh Dani desde que eu te conheci você sempre foi a número um em tudo, em qualquer aula, e em todas as competições que entrou e foram muitas, como: corrida, body-board, jiu jitsu e agora na bike não seria diferente. Figura fluente no topo dos pódios sempre em primeiro lugar. Eu tive o prazer de conviver e ver muitas vitórias bem de perto dessa guerreira de coração gigante, exemplo de determinação, humildade e compaixão! Dani, ter sido a sua parceira mudou a minha vida, te agradeço a amizade, carinho e o incentivo p o esporte sempre, por tudo isso e muito mais! E mesmo de longe a nossa amizade nunca mudou, fico sempre muito orgulhosa de você te admiro e acompanho todas as suas vitórias! Go girl !!! Você nasceu para brilhar! Minha mana pisciana que vida me deu de presente! eu amo você.

Louise Herbstrith



Dani é uma verdadeira “Super Atleta” em estado puro. Uma multi campeã em vários esportes que resolveu praticar... e ser a melhor em cada um deles, com sua peculiar dedicação nos seus treinamentos com rápida evolução técnica, assim como a sua determinação ferrenha em ser a melhor e vencer.



E ela foi sempre uma vencedora em cada um desses esportes que escolheu: Corrida, Bodyboard, Jiu-jitsu e atualmente ciclismo em várias categorias.

Parabéns Dani! Admiro muito sua pessoa e sua trajetória de campeã nos esportes!

Um beijo.

Otavio Pacheco



Querida tenho muita admiração por você.

No início dos anos 80, ainda adolescentes, quando nos conhecemos na academia do querido Almirante, tomamos gosto e começamos a dividir um amor por esportes e vida ao ar livre.

No body-board ela ganhou os primeiros campeonatos, jiu-jítsu chegou a faixa preta, corridas na areia fofa em Ipanema, eu com 1,75 e ela bem mais baixa, dava duas voltas em cima de mim... daí por diante, sua determinação, garra e estrela estão marcando até hoje sua carreira vitoriosa.

Muita admiração e orgulho de ter feito parte num momento da sua vida.

Parabéns

Beijos

Monica Lopes



Minha tia é a pessoa mais casca que eu já conheci. Engraçado que crescer nessa casa com a influência da minha tia me fez imaginar que aquele era o padrão de uma Mulher/homem adulta/o; quando pequeno eu olhava pra minha tia e ela sempre



agindo com a maior naturalidade, com aquele volume de treino e de trabalho, começando muitas vezes 3 horas da manhã e terminando 10:30 da noite sem parar por uma hora em casa.

Com o passar do tempo, e com minha adolescência chegando, fui reparando que ela é uma pessoa completamente fora da curva.

As atitudes dela de como enfrentar o dia-a-dia foram fundamentais na formação do meu caráter, reparo que mesmo que inconsciente não me permito reclamar (muito) de um dia exaustivo ou das adversidades da vida, e a conexão que posso fazer do porque isso acontece é que tive o exemplo dela desde novo.

Além dela ter sido fera no bodyboarding, foi também no jiu-jitsu se consagrando campeã mundial (apenas um de muitos outros títulos) e depois dos seus 30 e poucos anos decidiu começar a pedalar e se consagrou como a super atleta que é. Isso é de uma lição impagável, mostrando que quem quer faz. Ela pra mim é o exemplo de que o ser humano é capaz com a atitude certa e vontade.

Impressionante também é como ela sempre consegue administrar a vida familiar e o bom humor de sempre (ou quase).

O exemplo que tive dela durante todos esses anos e a sorte que tive de estar perto e vivenciar isso tudo é impagável; ela é “no fear” e “go for it” para qualquer desafio que esteja almejando.

Lucas Figueiredo



22 de dezembro de 2016, 11hs da manhã e o telefone toca:
Luuuuuu, parabéns!



Caramba!, pensei, a Dani me ligando no meu aniversário... Não lembrava quando tinha sido a última vez que isso acontecia, ainda mais depois do advento Facebook. Além de parabéns ela perguntou quando eu ia pedalar com ela. Ái meu Deus, Daniela! Comecei em janeiro de 2017, péssima que eu era (ainda sou pois não tenho a menor disciplina, falto...). Mas a força que a Dani tem e dá pra gente faz com que tudo pareça mais simples. Nossa diferença de idade é pequena, maior parte da infância moramos no mesmo bairro e sempre foi a prima mais presente. Aos 8 anos eu rasguei minha mão e ela foi a única a me visitar e levou uma caixa de bombom. A Dani é assim, sempre pronta para os seus - seja família, seja amigos.

A família sempre conviveu bastante, na rua, na pracinha com a Claudia, André e mais uma criançada, na casa da vovó. Participei de todas as suas conquistas (alguns obstáculos bravos também) na vida e nos esportes. Sempre sorrindo, sempre pra cima, sempre se superando. A Dani agrega, une, dá força, dá carinho. Pra terminar, um adendo: é vidrada em doce, come de tudo e mantém essa magreza! Tem como não admirar (risos)? Não, não tem. Dani, tenho muito orgulho de você. Como filha, mãe (supermãe), irmã, mulher, prima, amiga. Atleta, nem se fala... todas as suas conquistas você fez por merecer.

E que venha a Raam 2019!

Luciana Figueiredo



Minha irmã Dani...

Nunca vou me esquecer da dificuldade que tive, ainda adolescente, em convencer minha irmã a mudar de academia (ela



sempre fidelíssima ao mestre... ao seu professor de ginástica, na época era a professora Beth, namorada de outro também professor Alípio Amaral) Eu acho que foi quando convenci a Dani de fazer aula com o grande mestre Almir Sampaio, foi onde deu um start na Dani com relação a superação de limites!

Em pouquíssimo tempo ela estava puxando qualquer aula, em qualquer horário, usando uma carga pesadíssima (a mais pesada de qq turma)e executando o desenvolvimento com maestria!

Foi quando ela decidiu que faria Ed.Física!

E nessa mesma época, descobriu o body board... isso eram anos 80... Só que ela nunca se contentou com mar pequeno!

O negócio sempre foi adrenalizante... pelo menos para mim...

Ela só gostava quando o mar estava grande! Ai meu deus!

Nunca vou me esquecer de um reveillon... em Saquarema... Teve uma ressaca braba e depois o mar deu uma ajeitada... Mas estava E N O R M E! Final de tarde, eu já achando que estávamos indo embora, Dani resolve fazer “bateria” de saideira!

Terrível!

Para estava esperando! Mar enorme! Quebrando atrás da laje! Não via mais m8nha irmã... estava escuro (noite) quando ela apareceu... aí... Sufoco viu!

Daí, conheceu o jiujitsu! Começou o jiujitsu (escondida do papai... ele achava que estava pagando ballet! hehehehe...). E, não vou enganar! Não sossegou enquanto não virou faixa preta e campeã mundial! (Aí ela sossegou... no jiujitsu) Passou p canoa... até encontrar a bike... isso faz uns 16 anos? Não sei ao certo... Mas, se tem alguém cujo lema é FOCO, DE-



TERMINAÇÃO E GARRA esse alguém é a Dani, minha irmã incrivelmente querida!

O resto da história, eu acho que vcs conhecem! hehehehe...

Claudia Machado Figueiredo



Difícil falar sobre minha filha Daniela.

Fui criada em uma família que sempre minimizou os feitos familiares. Podíamos ficar “estragadas”, com muitos elogios.

Talvez por isso, por eu achar tão normal, o empenho, dar o seu máximo nas suas escolhas, nos diferentes esportes e repetindo a forma que fui criada, não tenha dito a ela o tanto que eu exultava com suas conquistas.

Desde pequeninas, minhas duas filhas sempre foram esportistas, a Dani, mais focada, foi se sobressaindo.

Até 2007, quando nasceu seu terceiro filho, Antonio, eu acompanhava Dani em suas múltiplas aventuras. Mas aí passei desempenhar uma nova função, avó e ajudando a cuidar do Toninho. Muito bom!

Veio a tal da RAAM em 2009 e eu e Antonio torcemos de longe.

Valeu a torcida, foi vencedora!! Essa minha filha não é mole. Agora aguardar junho 2019, lá vai ela de novo!

Sucesso Dani. Seja feliz.

Sylvia Alves Machado da Silva



Ela é uma ótima atleta que eu possa me inspirar e me orgulhar no futuro. Minha mãe para mim é a melhor da bike e ficará marcada na história.

Antonio Genovesi



Escrever qualquer palavra sobre minha mãe, Daniela, é um processo difícil e ao mesmo tempo extremamente fácil. Mil coisas vêm à cabeça, diversas aventuras e experiências únicas que só vivi ou tive contato porque sou filha dela. Contudo, a tentativa de descrevê-la com palavras é quase impossível, pois estas nunca serão adequadas para uma pessoa tão única, mas tentarei escrever um pouco.

Minha mãe é um exemplo acima de tudo. Ela tem um coração enorme, chora por tudo, mas não pense que é sinal de fraqueza e sim de empatia. Ela está sempre disposta a ajudar mesmo quando está extremamente atarefada, nunca tem tempo ruim muito menos para pedalar e faz tudo sempre com um sorriso enorme. Me ensinou, me ensina e sou extremamente grata por conviver com ela e saber que ainda vou aprender muito.

Aprendo com ela e com minha família como um todo, através do esporte. Não sou atleta, mas devo todos os meus valores e minha personalidade ao esporte e a relação de amor e sacrifício que um atleta tem com ele. Acompanhar minha mãe na RAAM foi algo grandioso e único. Entendi, algo que já via muito em casa, mas em outra escala, que nada, muitos menos um sonho, vem sem sacrifícios. Compartilhei com outras pessoas extraordinárias o sonho que ela teve a generosidade e



a confiança de dividir conosco e demos tudo para fazer jus a cada pedalada que ela dava.

E, por fim, cuidei com carinho, em todas as paradas (os poucos momentos de descanso na prova), de quem cuidou de mim a vida toda, identificando naquelas horas a intensidade e realidade da nossa relação. Não precisamos ser perfeitos e super-heróis, temos uma a outra e para nós a vulnerabilidade pode ser entregue sem medo pois compartilhamos o mesmo colo e damos apoio uma para outra sempre que necessário.

O prazer e orgulho de ser sua filha são enormes e não cabem em mim.

Com muito amor,

Julia Genovesi



Muitos acham que a maior virtude da Dani Genovesi é uma resistência inigualável, que a aproxima de super-heróis ou de contos de fadas. Já vi muitas pessoas a descrevendo como um ser quase místico. Mas para mim, seu filho (e acredito que todos que conhecem a sua história) é bem diferente disso.

Para mim, o que faz a minha mãe tão especial, tão querida e bem sucedida na sua carreira de atleta é justamente o oposto do que quem não a conhece acha que é; é o fato de você ser tão comum quanto qualquer outra pessoa, mãe de três filhos, casada há quase 30 anos, trabalhadora. Você nunca soube o que é moleza, sempre teve que batalhar para fazer as coisas darem certo, em todos os âmbitos da sua vida. No ciclismo não seria diferente.



Meu pai (mestre de Jiu-Jitsu meu e da minha mãe) sempre brincava falando que minha mãe não era nada talentosa, pelo contrário – sinceramente, apesar de ter sido bem sucedida no Jiu-Jitsu (campeã Mundial faixa-preta IBJJF), eu acredito no meu pai piamente. Como uma pessoa sem talento algum para uma atividade consegue chegar ao patamar mais alto? Resiliência, disciplina, determinação e muita competitividade (combustível).

Vocês sabem por que ela começou competindo MTB (mountain bike)? Porque ela era péssima piloto de bicicleta (risos). Verdade! Depois de muito competir começou a ganhar confiança e passou para speed, porque o sonho dela sempre foi fazer uma tal de RAAM. Enfim, acredito que isso esteja no livro, mas é só para manter o meu ponto.

Graças aos meus pais sempre tive contato com pessoas fora de série, que uso de referência todos os dias. Mas nenhuma delas me inspira mais do que você mãe; eu vi de perto que com garra, disciplina, determinação e um combustível extra (competição) tudo é possível!

Te amo mãe!

Victor Genovesi



São muitos anos juntos, uma vida de muitas aventuras, companheirismo, amor e parceria. A Daniela sempre foi uma mulher diferenciada em qualquer esporte que ela se meteu, nunca fez uma atividade para ser uma a mais e sim buscar ser uma das melhores em todas as atividades sempre.

Construímos uma família linda toda moldada através do esporte, são quase 32 anos juntos e 29 anos casados.



Tenho certeza que todos os esportes por qual ela passou fizeram uma diferença na construção de uma mente diferenciada para trabalhar a difícil tarefa de treinamentos duros e intensos.

Qualquer prova ou competição sempre será muito difícil para qualquer atleta mas a tarefa mais dura sempre será o volume de treinos na preparação. Conciliar treino, trabalho, família, marido e ainda estar a mercê dos riscos deste esporte num país que não se respeita o ciclista é duríssimo e arriscado.

Com o passar dos anos vamos amadurecendo, aprendendo a lidar um pouco melhor com a vida louca que nos cerca, aprendendo com nossos erros e acertos e muitas vezes nos transformando. Hoje quase não reconhecemos nós mesmos de alguns anos atrás, nos reinventamos.

Fazendo uma analogia de 2009 quando a Dani conquistou a RAAM tenho certeza que ela está ainda mais preparada, se conhecendo melhor e com uma cabeça ainda mais forte para suportar e ultrapassar momentos ruins que surgem numa prova longa.

Por influência dela conheci outros esportes que acrescentaram muito na minha vida e possibilitaram que tivéssemos novas aventuras. Uma vida feliz sempre será motivada por aventuras que farão com que você tenha uma história de vida empolgante para contar aos mais jovens estimulando eles a viverem suas vidas com o mesmo prazer e alegria que você leva sua vida!

Tenho certeza que muitos dos melhores momentos da minha vida devo a ela e esta energia que ela tem que motiva muito foi um grande diferencial na minha vida, um amor de uma vida toda, uma inspiração.

Alexandre Paiva Genovesi



